

ISRAEL SOUZA



Volume II

EAC
Editor

*Copyright © by autor, 2024.
All rights reserved.*

Todos os direitos dessa edição pertencem ao Sr. Israel Pereira Dias de Souza. Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a autorização prévia do autor pelo *e-mail israelpolitica@gmail.com*.

Editor Geral

Eduardo de Araújo Carneiro
ac.editor@gmail.com

Conselho editorial:

Francisco Diétima da Silva Bezerra, Dr. em Economia
Ana Cláudia de Souza Garcia, Dr. em Letras
Blenda Cunha Moura, Dr. em História

Capa

Ueliton Araújo Trindade

S719c Souza, Israel Pereira Dias de Souza.
Ciência, educação e política: a questão da
“neutralidade” em perspectiva crítica. / Israel Pereira Dias
de Souza. Rio Branco: Edição do autor, EAC editor. 2024,
Vol. 2, p. 160. 14,8x21 cm. E-book

ISBN: 978-65-01-17372-6

I. Política; II. Educação; III. Ciências.
I Título.

CDD 320

[...] entre educação no sentido mais estrito e o sentido mais amplo não pode haver uma fronteira que possa ser claramente traçada em termos ideais, não pode haver uma fronteira metafísica. Entretanto, em termos imediatamente práticos ela está traçada, ainda que de maneiras extremamente diferentes, dependendo das sociedades e classes.

(Lukács)

Não atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Todo homem, afinal, fora de sua profissão, realiza algum tipo de atividade intelectual, ou seja, ele é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, tem uma linha consciente de conduta moral, e assim contribui para manter ou modificar uma concepção do mundo, ou seja, para despertar novas formas de pensar.

(Gramsci)

SUMÁRIO

Prefácio	6
Apresentação	16
1. Educação, política e cultura - mais algumas palavras sobre o olavismo	18
2. Educação popular no Acre - ontem e hoje	38
3. O educador político e o político educador	50
4. Educação sob ataque	58
5. Ainda sobre a violência contra as instituições educacionais	63
6. As redes (anti)sociais e as liberdades opressoras	71
7. “Doutrinação” e “disciplina” nas escolas	80
8. A força e o significado do negacionismo	89
9. Questões de gênero: quando o preconceito vira <i>habitus</i>	93
10. Barbie, o terror dos <i>red pill</i> - a eloquente mudez das relações sociais	111
11. Mercadores de ilusões - a onda <i>coach</i> e seus perigos	119
12. Profissão professor - metáforas sobre a arte da docência	128
13. Quando a teoria encontra a prática - ensinar na luta, pela luta e para a luta	133
14. A greve das instituições federais de ensino e o governo Lula	146
15. Educação federal em luta - é preciso superar a <i>lulolatria</i>	151
16. A Treva (poema)	158

PREFÁCIO

Quando fui convidada pelo escritor Israel Souza, colega da docência no Instituto Federal do Acre, Campus Cruzeiro do Sul, para fazer a apresentação deste livro, senti-me um pouco apreensiva diante da responsabilidade de trazer aos leitores um panorama da obra. Por outro lado, senti-me honrada com o convite, além de despertar em mim a curiosidade pela leitura, por saber previamente da desenvoltura e competência do professor Israel com as palavras.

Outro aspecto que chama a atenção em suas obras é a destreza de produzir uma escrita político-filosófica sobre temas atuais, com um olhar mais voltado para a Amazônia acreana. Assim, as motivações se sobrepuseram à apreensão. Vamos ao livro!

Esse olhar “de dentro”, e não “da margem”, como mero espectador, faz toda a diferença nas reflexões do autor que, sempre assentadas em sólida base teórica, estão pautadas também em relações de afeto, ou, conforme teorizado por Raymond Willians, são construídas a partir da “estrutura de sentimentos”. Ter nascido e vivido na periferia da cidade de Rio Branco, ser Sociólogo, Educador, Pai e Esposo são experiências que o habilitam a refletir tão “intimamente” acerca das temáticas aqui debatidas, sob um prisma crítico.

Este livro, intitulado *Ciência, Educação e Política: desafios contemporâneos - Volume II*, reúne artigos que abordam temáticas variadas, mas que estabelecem uma relação direta com o tema Educação, sobre o qual é sempre pertinente discutir, dadas as transformações históricas e sociais.

Ao iniciar com o texto *Mais algumas palavras sobre o olavismo: educação, política e cultura*, o autor faz uma crítica contundente e necessária às abordagens reducionistas e infundadas

teoricamente de Olavo de Carvalho em relação à educação, a qual defende como um “dever” e não um “direito”, imputando exclusivamente a responsabilidade do aprendizado ao estudante.

Atento a esse “simplismo”, Israel contra-argumenta:

Em sua ótica [de Olavo], tudo seria questão de semântica. Bastaria deixarmos de dizer uma coisa e passarmos a dizer (ou escrever) outra. Como que por encanto ou força mágica, a palavra certa resolveria tudo. Não seria isso um idealismo dos mais toscos?

E acrescenta:

que diferença vai fazer na vida desses estudantes dizer para eles que estudar é uma obrigação de todos, e não um direito? Não lhes parece que, ao dizer coisa insensível assim, estaríamos acrescentando mais um fardo ao já pesado fardo que carregam? Em verdade, não há palavra que, sozinha, consiga mudar substancialmente essa realidade para melhor. Problemas estruturais são resolvidos com ações estruturais, e não com palavras apenas.

As ideias de Olavo de Carvalho são bem aceitas (e disseminadas) pela extrema-direita no Brasil por irem ao encontro dos valores apregoados pelos “cidadãos de bem”, que se manifestaram mais intensamente com o advento do bolsonarismo. O pensamento olavista, como bem adjectiva Souza, é “desonesto, estreito e empedernido”, que tangencia os temas sem aprofundá-los e, comumente, sem estabelecer o diálogo com o contraditório, desprezando qualquer reflexão que se apresente de forma diferente.

O artigo *Educação popular no Acre - ontem e hoje*, traça uma trajetória da educação acreana, especialmente na cidade de Rio Branco, perpassando pela importância do papel das Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), pela relação com o Partido dos Trabalhadores (PT), destacando a influência social da Política e da Igreja, até o surgimento das organizações criminosas, instituindo, como diz o autor, a “escola do crime”. Nesse texto, vale destacar o papel dessas entidades (Cebs) não somente na educação, mas também em proporcionar uma vida mais digna para aqueles que pouco ou nada tinham, além de “desenvolver a consciência cidadã e o sentimento de responsabilidade e pertencimento a um território.”

O educador político e o político educador estabelece uma crítica acerca da tentativa de um grupo de políticos de diminuir o papel da escola e desqualificar o fazer docente, com o propósito de arrebanhar pessoas para a sua doutrinação, impondo-lhes os seus “ensinamentos”.

Ao fazer referência especificamente a uma fala de Márcia Bittar, à época pré-candidata a uma vaga ao Senado pelo estado do Acre, Israel Souza demonstra uma indignação que não é somente dele, mas também de todos os professores que diariamente estão nas salas de aula desse país se esforçando, de forma responsável e pautados nas premissas de cada área do conhecimento, para trazer uma educação mais cidadã aos estudantes, que transcenda o ensino conteudista, não ultrapassando os limites da razoabilidade, para não criar “verdades falsas”. Por outro lado, como alerta o autor, nem sempre o fazer do político se orienta pela verdade e, quando a mentira pode atrair votos, este tende a seguir o caminho que garanta mais benefícios.

Em seguida, os artigos *Educação sob ataque* e *Ainda sobre violência contra as instituições educacionais* tratam do tema violência e a sua disseminação nos espaços escolares, instaurando um clima de temor e terror. Nesse contexto, é observado o quão essa problemática

se relaciona com as ideias e as práticas da extrema-direita, que tem se expandido em todo o país, promovendo uma dissonância nas relações sociais, pautadas, em proporções consideráveis, pela intransigência, desrespeito e empatia.

Desse modo, as palavras de Souza fazem todo o sentido para se pensar essa questão: “[...] já deve ter ficado claro que o discurso de ódio só alimenta, justifica e incita a prática dos ataques às instituições educacionais. Se é assim, o amor figura como instrumento indispensável em nossa luta pela paz, pela segurança.”

A propagação de ódio e, como denomina Souza, “atos de violência política” é um tema abordado em *As redes (anti)sociais e as liberdades opressoras*, em que destaca os ambientes virtuais como profícuos para opressão e intolerância de qualquer natureza, e que serviram (servem), efetivamente, como um espaço para ataques à educação. O texto permite, além de outras, a reflexão sobre a liberdade de expressão, direito constitucional garantido a todos os brasileiros para expressarem seus pensamentos, desde que não firam direitos outros.

De fato, até aqui, o ambiente virtual tem se configurado como uma “terra sem lei”, onde todos podem tudo, valendo-se do anonimato, já que é possível “destilar o veneno” sem precisar olhar no olho da vítima. Assim, acompanhando o pensamento do autor, é assertivo dizer que a liberdade de expressão se transforma em liberdade de opressão, que nos últimos anos fortaleceu o projeto da extrema-direita.

Ainda nessa direção, o artigo seguinte, “*Doutrinação*” e “*disciplina*” nas escolas, reflete sobre o “julgamento político-partidário” do fazer docente e do papel das instituições escolares cívico-militares para impor a ordem e o respeito no ambiente escolar. Contudo, como reforça o autor,

[...] não há nenhum estudo sério que defenda que apenas a “disciplina” seja responsável por um melhor aprendizado. De igual maneira, até onde sabemos, também não há nenhum estudo sério que defenda que apenas nas escolas militares ou cívico-militares há disciplina.

Assim, percebe-se que, na implantação desse modelo de instituição escolar, há um retrocesso na educação e, conseqüentemente, na sociedade, pois, ao instituir a repressão e a obediência a regras de quartéis nesses espaços, o aluno se torna um depósito de informações “prontas”, não cabendo-lhe o direito da reflexão e do questionamento, a partir das suas experiências de vida.

Em *A força e o significado do negacionismo*, o autor, de forma bastante elucidativa, aborda como interesses políticos se unem à contestação da ciência, a fim de angariar capital político, demonstrando que o fenômeno do negacionismo, no meio político, não decorre, na maioria das vezes, da falta de conhecimento.

Sem rodeios, e de maneira muito salutar, o negacionismo é tomado como uma estratégia política, que é muito danosa para a sociedade. Diz Souza:

Da mesma maneira que conhecimento leva a mais conhecimento, ignorância leva a mais ignorância. E ocorre que o elemento político que com ela se irmana no negacionismo torna essa tarefa [do educador] ainda mais difícil.

De fato, na pandemia da COVID-19, a tarefa de cientistas, profissionais da saúde, órgãos de imprensa foi intensa para refutar *fake news* diversas sobre a doença, as formas de prevenção e de tratamento e, posteriormente, acerca da vacina.

O artigo *Questões de gênero - quando preconceito vira habitus* trata do preconceito em relação às mulheres e gays, algo bem arraigado na nossa estrutura social machista. A partir das reflexões tanto sobre acontecimentos de sua vida quanto sobre episódios corriqueiros na sociedade, o autor, de forma clara, apresenta esse preconceito estrutural, que se manifesta tanto em palavras quanto em atitudes.

Em um diálogo profícuo com a teoria, Souza recorre a Bourdieu para mostrar como atitudes preconceituosas constituem os indivíduos e neles permanecem, tornando-se *habitus*. Romper com esse *habitus* do preconceito, de acordo com Israel Souza, é uma luta constante, mas acredito que, quanto mais o indivíduo se informa (a partir de leituras como essa, por exemplo), mais vitórias o respeito, a empatia e a tolerância terão nessas batalhas.

O lançamento, em 2023, do filme da boneca mais famosa do mundo serviu de mote para Israel Souza também refletir sobre o papel e a importância das mulheres na sociedade, no artigo intitulado *Barbie, o terror dos red pill*. Trazendo para o debate as aspirações desse novo grupo machista e reacionário que se une a um machismo estrutural em vigor, o autor é convincente ao nos ensinar que o lugar da mulher é onde ela quiser.

E é com palavras impregnadas de amor paterno que ele finaliza a discussão e defende a independência feminina:

Assisti ao filme da Barbie com minha filha não para que ela quisesse ser menos ou igual à Barbie, mas para que ela queira ser mais, que ela saiba que pode ser mais. Educo-a para que, assim como a Barbie no filme, ela não se deixe aprisionar numa “caixinha” qualquer... Educo-a para a liberdade. Educo-a para que saiba exigir respeito e dignidade se, porventura, alguém lhe negar respeito e dignidade. Educo-a para o amor.

Em *Mercadores de ilusões - a onda coach e seus perigos*, em grande medida, dialoga com o primeiro artigo deste livro que trata da ideologia olavista de que a educação é um dever e não um direito, sendo o indivíduo responsável pelo sucesso de seu desempenho escolar. Aqui, Souza tece uma crítica pertinente ao fenômeno dos *coachs* em nosso país. Pessoas que, por meio, principalmente, do ambiente virtual, se propõem a instruir pessoas a terem êxito em várias áreas de sua vida, seja pessoal, profissional e/ou espiritual. Nesse sentido, ignorando todas as diferenças sociais, de gênero e de cor, eles alardeiam que todos podem conquistar o que desejam, basta que queiram.

Esse fenômeno se apresenta, assim, como algo danoso para o indivíduo, tanto de forma individual quanto social, pois, nessa relação entre “influenciadores” e “seguidores”, surge uma obediência e uma persistência, sem medir limites e consequências, para se conseguir o que deseja.

Sempre atento e inquieto ao que se passa na sociedade, Israel finaliza refletindo sobre a greve das instituições federais de ensino já agora, no governo Lula III. O autor mostra como, mesmo que a situação tenha melhorado com esse governo, alguns problemas persistem e que é fundamental nunca descuidar da luta pela educação, pela valorização de seus profissionais e pela recomposição orçamentária.

Mantendo-se fiel à causa que defende e ao compromisso com a verdade, o autor alerta para que não se confunda “afinidade com subserviência”. Suas palavras são duras e, ao mesmo tempo, muito esclarecedoras:

Quando, depois dos governos do PT, os extremistas conquistaram o poder estatal, que movimento restou para poder fazer a contraposição? Nenhum! É nisso que dá confundir afinidade e apoio a um governo com subserviência.

Se há afinidade [do movimento grevista com o governo Lula] - e não negamos isso -, ela deve ser uma via de mão dupla e não pode, nunca, castrar a autonomia dos movimentos. Do ponto de vista da educação política, isso é algo verdadeiramente fundamental. Por vezes, não escolhemos o governante que vamos apoiar. Escolhemos aquele contra quem vamos lutar.

E avança, na mesma linha:

A seguir a orientação de alguns, parece que os movimentos sociais e sindicais devem aceitar, agradecidos, tudo o que o governo lhes oferecer. Não podem lutar. Não podem contestar. Não podem protestar. Não podem fazer barulho. Só têm que aceitar o que o governo lhes oferecer, agradecidos.

Isso, porém, não é cidadania. Não é democracia. Isso é paternalismo. É empurrar o país para o passado.

Difícil imaginar um fechamento mais feliz para essa obra. Israel começara (no Vol. I dessa obra) falando da inseparável relação entre ciência, educação e política. Mas, contra os críticos da extrema direita, dizia que não se poderia, em razão disso, confundir a ciência e a educação com mero partidarismo e ideologia.

Pois bem. Nos parágrafos acima, está o autor numa luta claramente política. Ele é aí um militante, e não procura tergiversar sobre o assunto. Ninguém duvida, porém, que ele é aí igualmente um educador, um cientista, protestando pela autonomia dos movimentos sociais e zelando pela verdade na leitura dos processos em que os rumos da educação são decididos. É como se estivéssemos assistindo a uma aula prática, de algo que, em outro momento, ele ensinou na teoria.

Num texto em que dialoga com os pais dos alunos, diz:

como professor de sociologia, sempre ensinei a meus alunos que nenhum direito caiu do céu. Nenhum deles brotou do chão espontaneamente. Nenhum direito veio pela caridade dos patrões, dos que oprimem e exploram. A bem da verdade, todos os direitos são fruto de luta, de muitas lutas. Alguns custaram sangue e vidas.

Sociologicamente falando, a luta foi a forma mais eficaz - não a mais simples - que os trabalhadores encontraram de permanecer vivos e conquistar dignidade. A história o confirma. Sendo coerente, nesse momento, não ensino apenas com a palavra. Ao lado dos meus companheiros de luta, agora ensino com o exemplo. Como disse certo autor barbudo, não basta interpretar o mundo. É preciso transformá-lo. É aqui que a teoria encontra e exige a prática.

E complementa:

Hoje, seus filhos são nossos alunos. Todavia, amanhã serão trabalhadores. Espero que não esqueçam dessa lição. Pois que, se um dia lhes faltarem as boas condições de trabalho e o salário digno, que não lhes falem a consciência cidadã, a disposição para lutar por dignidade e respeito, como fazemos no momento. Que na luta por seus direitos, a exemplo do que fazemos nesse momento, não tenham medo de se expor a incompreensões e ataques vários.

Chegando ao fim da apresentação desta obra, posso dizer que Israel Souza faz com maestria o ofício da escrita político-filosófica, a partir de um estilo de linguagem acessível, contextualização eficaz do

tema e a relação intrínseca deste com a teoria e a política, possibilitando ao leitor refletir, de forma mais clara, acerca de temas tão complexos.

Profa. Dr.^a. Ana Cláudia de Souza Garcia
Docente de Língua Portuguesa e Literatura do
Instituto Federal do Acre, Campus Cruzeiro do Sul

Apresentação

Considere um cidadão que precisa entender os diversos aspectos da vida social, daquilo que nos rodeia todos os dias. Como somos conduzidos pelos temas do cotidiano sem perdermos a criticidade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de alguma mudança?

Israel Souza, o autor desse livro, sugere-nos alguns caminhos. Aqui temos um diálogo muito comprometido, por vezes, bem-humorado e especialmente franco sobre a política, a sociedade, entre outros temas que dão conta de nosso dia a dia.

Como professora de Geografia, atuante no ensino básico, técnico e tecnológico, consigo visualizar essas leituras como parte elucidativa das teorias que trabalhamos em sala de aula. Trazer para o contexto do estudante essas visões, sem que lhes pareça algo abstrato, é um desafio, no enfrentamento do qual o autor pode muito bem ajudar.

Por exemplo, no texto *O educador político e o político educador*, vemos um panorama do negacionismo presente na fala de algumas personalidades políticas que procuram angariar votos atacando a educação e os professores. Temos aí uma importante discussão sobre a práxis do professor, mostrando como sua atuação é sim política, mas não necessariamente partidária, como alguns querem fazer parecer.

Analisando eventos a quente, são muitas as contribuições que esse livro traz para a sociedade em geral, e em especial para docentes e estudantes. Muitos de nossos questionamentos, bem como muitas de nossas angústias e esperanças, são discutidos aqui. Esse é caso, por exemplo, da onda de “ataques políticos” que as instituições de ensino sofreram. Quem fez isso e com que razão? O autor responde.

Temos aqui uma análise racional, é verdade. Mas é uma análise marcada também pelo afeto e pelo humor. No texto *Ainda sobre a*

violência contra as instituições educacionais, o autor descreve o diálogo que passou a ter com sua filha no período dos ataques às escolas, manifestando suas preocupações.

A leitura desse e de outros textos é tocante. Mexe com a gente. Não pude me conter e nem sei dizer o que foi maior, se a indignação ou a emoção. Da mesma maneira, não pude conter o riso ao ler *Barbie, o terror dos red pill*.

Então, ao recomendar esse livro, digo que estejam preparados/as para uma jornada de muitas informações, mas também de muitas emoções. Vocês verão como é rico o contato com a mente inquieta desse autor.

Elverenice Vieira da Silva,
Professora de Geografia,
Mestra em Educação pela UFAC.

1

EDUCAÇÃO, POLÍTICA E CULTURA: mais algumas palavras sobre o olavismo

Em outro texto, em que tratamos do olavismo e suas implicações para a educação, fizemos uma abordagem a partir de postagens nas redes sociais, declarações e entrevistas. Com alguma razão, alguém poderia argumentar que tratamos de abordagens casuais e inorgânicas do autor.

Intuindo esse tipo de argumentação, agora, o olavismo é tomado para análise a partir dos textos do próprio Olavo de Carvalho. Dessa forma, tomamos como objeto de estudo a reflexão mais elaborada e sistemática do autor que é considerado “guru” da extrema direita brasileira.

Interessa dizer que ele escreveu muitas coisas sobre a educação. Em razão disso, é necessário frisar que nosso intento não é tratar de tudo quanto ele escreveu sobre o tema - o que seria desnecessário e, para falar francamente, muito enfadonho. Cremos ser perfeitamente possível escolher alguns dos elementos centrais de sua perspectiva e elaborar, a partir daí, uma crítica substancial a ela como um todo. Esse é nosso objetivo no presente texto.

Os elementos que vamos analisar serão: 1) o desprezo pelas questões estruturais e sociais na reflexão que ele elabora sobre a educação, o que denuncia o simplismo de sua abordagem; 2) o desprezo e o ódio pelos jovens - no que será possível identificar, caracterizar e

definir sua concepção político-pedagógica; e, por fim, 3) o politicismo tacanho e empedernido de sua concepção.

Desprezo pelas questões estruturais

Refletindo sobre as deficiências de nosso sistema educacional, Olavo defende a seguinte tese:

Clicando no Google a palavra “educação”, seguida da expressão “direito de todos”, encontrei 671 mil referências. Só de artigos acadêmicos a respeito, 5.120. “Educação inclusiva” dá 262 mil respostas. Experimente clicar agora “educar-se é dever de cada um”: nenhum resultado. “Educar-se é dever de todos”: nenhum resultado. “Educar-se é dever do cidadão”: nenhum resultado. *Isso basta para explicar por que os estudantes brasileiros tiram sempre os últimos lugares nos testes internacionais* (itálico nosso). A ideia de que educar-se seja um dever jamais parece ter ocorrido às mentes iluminadas que orientam (ou desorientam) a formação (ou deformação) das mentes das nossas crianças (CARVALHO, 2013, p. 345-346).

O simplismo da abordagem é flagrante. Impossível ignorar. O autor sugere, pela frase que destacamos em itálico, que resolveríamos os problemas altamente complexos da educação brasileira se, ao invés de falarmos que a educação é um *direito* de todos, falarmos que a educação é um *dever* de todos e/ou de cada um.

Em sua ótica, tudo seria questão de semântica. Bastaria deixarmos de dizer uma coisa e passarmos a dizer (ou escrever) outra. Como que por encanto ou força mágica, a palavra certa resolveria tudo. Não seria isso um idealismo dos mais toscos?

Ele opta por ignorar que a frase por ele criticada - a educação é um direito de todos -, contextualizada histórica e socialmente como deve ser, busca assegurar a universalização desse direito essencial à cidadania e, por consequência, à democracia. Temos mesmo que lembrar que, durante a maior parte de nossa história, a educação foi um privilégio de classe, cor e gênero?

Em face desses crivos de privilégios, a universalização teve que ser afirmada por intensas e ininterruptas lutas, nas ruas, nas escolas, nas universidades, no parlamento. E, para assegurar sólidas garantias, foi por fim inscrita em nossa Constituição.

Foi o suficiente para assegurar a universalização justa e necessária? Não. Longe disso. Só para termos uma ideia, segundo um levantamento, o Brasil tem 9,8 milhões de jovens (de 15 a 29 anos) que não concluíram a educação básica e não estão estudando. Baseada em dados do IBGE, a pesquisa do Itaú Educação e Trabalho e da Fundação Roberto Marinho aponta também que

a maioria desses jovens (78%) provém de famílias com renda per capita de até um salário-mínimo (R\$ 1.412,00), e sete em cada dez (70%) são negros. A maioria (43%) não terminou o Ensino Fundamental; 22% completaram o Ensino Fundamental mas não iniciaram o Médio; e 35% têm o Ensino Médio incompleto.

Oito a cada dez desses jovens estão fora da escola há mais de dois anos - a média, segundo a pesquisa, é de seis anos fora da escola. A maioria deles (84%) fazem parte da força de trabalho - 69% estão ocupados e, desses, 67% estão ocupados na informalidade¹.

¹ Quase 10 milhões de jovens sem ensino básico estão fora da escola | Agência Brasil (ebc.com.br) Acesso em: 15 mar. 2024.

Além do mais, ainda de acordo com a pesquisa,

73% dos jovens disseram que pretendem concluir a educação básica. Entre as principais razões para terminar o ensino, os jovens apontam a perspectiva de melhora da condição profissional, seja para ter um emprego melhor (37%) ou arrumar um emprego (15%), seguido pelo desejo de cursar uma faculdade (28%).

Já os 27% que responderam não pretender concluir o ensino indicaram como principais razões para isso a necessidade de trabalhar (32%), seguida por precisar cuidar da família (17%). Do total de jovens ouvidos, 92% concordam que concluir a educação básica ajudaria a ter melhores oportunidades de trabalho².

Como se vê, aquela frase que Olavo desdenha (A educação é um direito de todos) é, ainda hoje, mais da ordem do desejo - uma meta, para ser mais exato - do que uma realidade. Por mais que o Estado assegure o direito à educação na fria letra da lei, e isso é algo imprescindível, muitos são os alunos que, mesmo estando matriculados, têm dificuldades em seguir adiante nos estudos. Entre essas dificuldades, contam-se a falta de dinheiro para o material escolar, a merenda, a farda, o transporte e coisas outras.

A questão é que, se ao longo dos últimos anos, o acesso à escola (e à universidade) foi facilitado, a permanência continua sendo um desafio insuperável para uns tantos. Trata-se de uma realidade conhecida por todo e qualquer professor de escola pública que não feche os olhos para as condições de seus alunos. Onde trabalho, não foram

² Quase 10 milhões de jovens sem ensino básico estão fora da escola | Agência Brasil (ebc.com.br) Acesso em: 15 mar. 2024.

poucas as vezes em que vi alunos desmaiando ou em vias de desmaiar por não terem se alimentado devidamente. Faltava comida na casa de não poucos.

Numa escola pública que conheço, certa vez um aluno (com algo em torno de 10 anos) chegou para estudar com o sapato do pai nos pés. Ele não tinha sapato ou sandália para ir à escola. Teve que se virar com o sapato do pai. A professora, vendo a cena, desatou em pranto... Só de lembrar, sinto aquela dor...

Isso equivale a dizer que, ainda que esteja dentro dos espaços de educação, devidamente matriculados, nem todos estão de fato “incluídos”, no sentido forte e amplo da palavra.

Agora perguntemos: que diferença vai fazer na vida desses estudantes dizer para eles que estudar é uma obrigação de todos, e não um direito? Não lhes parece que, ao dizer coisa insensível assim, estaríamos acrescentando mais um fardo ao já pesado fardo que carregam? Em verdade, não há palavra que, sozinha, consiga mudar substancialmente essa realidade para melhor. Problemas estruturais são resolvidos com ações estruturais, e não com palavras apenas.

Há, ainda, outro elemento na tese simplista de Olavo de Carvalho que merece atenção. Encontra-se implícita em sua formulação a ideia de que falar em educação como direito deixaria o estudante preguiçoso ou desinteressado. E que, por outro lado, falar em educação como um dever teria por efeito necessário despertar nele (no estudante) o senso de dever, levando-o a se esforçar e melhorar seu empenho.

Ora, ir para escola e estudar com fome, percorrer dezenas de quilômetros até chegar ao local de estudo, não é já um sinal de esforço e compromisso com o estudo, assumido como um dever? O estômago vazio é um fardo.

No quadro interpretativo do olavismo, o estudante costuma aparecer sozinho, isolado da classe e dos grupos a que pertence. A

geografia sequer encontra lugar em sua análise vazia de tudo, menos de arrogância e preconceitos muitos. Vê-se logo que tal quadro é de um liberalismo tosco - a exemplo de seu idealismo, há pouco destacado -, como na passagem a seguir:

... é uma fatalidade da constituição humana que a reprodução das condições internas e psicológicas do aprendizado, que depende exclusivamente da livre iniciativa dos futuros aprendizes e só pode ser estimulada mas não determinada pela cultura, não acompanhe jamais a velocidade da proliferação das criações culturais que refletem o núcleo inspirador inicial de maneiras cada vez mais distantes, apagadas, indiretas e finalmente invertidas (CARVALHO, 2013, p. 57).

Devo dizer que, com quase duas décadas de sala de aula, entendi que o maior desafio não é, apenas, ensinar o conteúdo. O estudante que dá mais trabalho não é, às vezes, aquele que tem mais dificuldades de aprendizado, e sim aquele que não tem vontade de aprender, que desvaloriza o ensino, mesmo que tenha facilidade de aprendizado.

Quanto a esse ponto, um diálogo com Pierre Bourdieu será oportuno. Em sua abordagem, o sociólogo francês leva em consideração elementos estruturais de que Olavo passa ao largo. De acordo com Bourdieu,

Cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistemas de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das

crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 2012, p. 41-42).

Baseado em ampla pesquisa sobre o sistema de ensino francês - um dos melhores do mundo, cabe salientar -, Bourdieu assinala que muito dos conhecimentos com que o estudante chega à escola (e que será fundamental para seu êxito), bem como sua atitude de valorização da escola e do ensino (o que ele chama de *ethos*), se deve à família, à classe e ao grupo social de que ele faz parte.

Pode parecer algo puramente individual, que o estudante traz consigo e que deve unicamente a si, a seu temperamento ou coisa que o valha. Todavia, a atitude de encarar o ensino como dever (termo para que Olavo chama a atenção, de modo um tanto fetichista, vale dizer) e com disciplina, quiçá com amor, é forjada, no mais das vezes, no universo social de que o estudante faz parte.

Nas palavras de Bourdieu,

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social (BOURDIEU, 2012, p. 46).

A propósito do mesmo tópico, já bem antes de Bourdieu, Gramsci observava em seus dias de cárcere:

Em várias famílias, especialmente dos estratos intelectuais, os jovens encontram na vida familiar uma preparação, uma extensão e uma integração da vida escolar, absorvem, como se diz, do “ar” toda

uma quantidade de noções e atitudes que facilitam a carreira escolar propriamente dita: eles já conhecem e desenvolvem o conhecimento da língua literária, isto é, o meio de expressão e conhecimento, tecnicamente superior aos meios possuídos pela média da população escolar de 6 a 12 anos de idade (GRAMSCI, 2021, p. 221).

Se comparadas com as perspectivas de Bourdieu e Gramsci, a filosofia de Olavo empalidece e sua ciência se mostra pueril, vergonhosamente tacanha. Ambos os autores - cuja obra nem chegamos a arranhar aqui, com essas poucas citações - podem nos dar uma ideia da complexidade dos problemas da educação, pois que inserem o estudante no seu quadro de relações sociais.

Como tudo no âmbito social, também a educação é constituída como que por teias de sujeitos, relações e estruturas. Em contraste, Olavo de Carvalho, por seu turno, não vai além de frases de efeito, patentemente ressentidas, afetadas, atribuindo aos estudantes deficiências cuja resolução não depende só deles. Ao contrário, essas são deficiências que, num universo social em que as desigualdades culturais/educacionais se somam às desigualdades econômicas, reforçando-as e legitimando-as, a eles se impõem de maneira avassaladora, quase irresistível.

As palavras que Gramsci dirigiu criticamente ao sistema educação italiano de sua época cabem perfeitamente à perspectiva de Olavo, prenhe que é de lugar-comum. Diz Gramsci:

Não se quer repetir o surrado lugar-comum de que todos os sábios são autodidatas, na medida em que a educação é autonomia e não impulso vindo de fora. Lugar-comum tendencioso que leva a não organizar nenhum aparelho de cultura e a negar aos pobres o tempo a ser dedicado aos estudos, juntando

à queda o coice, isto é, a demonstração teórica de que, se não se instruem, a culpa é deles, porque etc., etc (GRAMSCI, 2015, p. 119).

E vejam que nem falamos da falta de estrutura nas escolas, da falta de salários atrativos e decentes para os professores, da falta de segurança, etc. Ou essas outras questões estruturais não contam para os problemas de nossa educação? Ao deixar coisas como essas fora de sua análise, Olavo é negligente ou malicioso? Ou, quem sabe, um pouco de cada coisa?

Desprezo e ódio pelos jovens

Uma coisa que, talvez, não tenha ficado clara na exposição da perspectiva olavista é o verdadeiro desprezo que ele dispensa aos jovens, resvalando para o ódio. Emite juízos que sugerem que os jovens são o próprio demiurgo de todo mal na terra. E também aqui, mais uma vez, teremos oportunidade de ver como avultam seu simplismo e seu ressentimento. Diz ele sobre os jovens:

Seus julgamentos são quase sempre a inversão completa da realidade. Eis o motivo pelo qual a juventude, desde que a covardia dos adultos lhe deu autoridade para mandar e desmandar, esteve sempre na vanguarda de todos os erros e perversidades do século: nazismo, fascismo, comunismo, seitas pseudorreligiosas, consumo de drogas. São sempre os jovens que estão um passo à frente na direção do pior (CARVALHO, 2013, p. 28).

Para mostrar que não se trata de deslize ou simples força de expressão, ele continua em outras passagens:

[...] todos os movimentos totalitários e genocidas dos últimos séculos - comunismo, nazismo, fascismo, radicalismo islâmico etc. - foram criações de jovens, e sua militância foi colhida maciçamente nas universidades (CARVALHO, 2013, p. 31).

E arremata sem pestanejar: Um mundo que confia seu futuro ao discernimento dos jovens é um mundo velho e cansado, que já não tem futuro algum (CARVALHO, 2013, p. 28).

Em passagens como essas, o autor é de uma desonestidade intelectual e de uma irresponsabilidade incomensuráveis. Em primeiro lugar, dando vazão a seus preconceitos e ressentimentos, por misturar coisas tão distintas como se fossem uma só ou tivessem parentesco. Em segundo lugar, por atribuir, sem mais nem menos, aos jovens tudo quanto de ruim sucede na história.

Tudo isso seria obra da etapa biológica por que passam os jovens, de um impulso maligno que trazem consigo, albergado em seus corpos? Por exemplo, as humilhações a que a Itália e a Alemanha foram submetidas como resultado da Primeira Guerra Mundial não contaram para o surgimento do fascismo e do nazismo? O contexto histórico-social interno de ambos os países, passando por sua formação capitalista não-clássica, não desempenhou papel nenhum?

Para problematizar de maneira mais direta, o fascismo e o nazismo são, simplesmente, fruto da loucura e da perversidade juvenis ou resultado do amálgama entre as forças capitalistas modernas e as forças reacionárias dominantes nos países citados?

Na análise que empreende de tais fenômenos, Olavo de Carvalho despreza as questões históricas e estruturais e faz menoscabo

de uma vasta e sólida bibliografia³ produzida sobre o assunto, no campo da economia, da ciência política, da sociologia, da filosofia, da história etc. É oportuno dizer que o desprezo por essa homérica bibliografia não é casual nem inocente. A bem dizer, somente ignorando o que de sólido foi produzido sobre o assunto é que Olavo consegue formular e dar a aparência de seriedade à sua tese de que tudo foi criação dos jovens pelo simples fato de serem jovens.

Ainda sobre esse tópico, vejamos mais uma citação, muito emblemática acerca do que o autor pensava sobre os jovens e sobre a educação:

Acrescente-se a esses ingredientes a arrogância juvenil estimulada pelas lisonjas demagógicas da mídia, e tem-se a fórmula média do estudante universitário brasileiro. É impossível discutir com ele. Quando a mente assim deformada entra a produzir objeções numa discussão, seu interlocutor culto e bem-intencionado, se não é *muito enérgico no emprego da vara de marmelo* (itálico nosso), leva desvantagem necessariamente (CARVALHO, 2013, p. 65).

A passagem supra é autoexplicativa. Cabe apenas destacar que aí se mesclam desprezo pela juventude e autoritarismo (“emprego da vara de marmelo”, foi o que ele aconselhou aos educadores). E eis aí o

³ Ver, por exemplo, Trotsky (2018), Mazzeo (2022), Konder (2009), Lazzarato (2019), Stanley (2020), Almeida e Toniol (2018), Bertanha (2017), Parada (2008) e Lukács (2020 e 2021). Se, especificamente, essas obras não estavam à disposição de Olavo, é certo que outras tantas - talvez, até mais abundantes - estavam. Afinal, não é de hoje que o fascismo desperta interesse, dentro e fora da academia. Desse modo, se o autor não se instruiu sobre o assunto, foi por pura falta de interesse, preferindo sua verborragia oca à opinião bem informada.

cerne de sua pedagogia. Quem não pensa nem age como ele quer é desqualificado e ameaçado com o emprego “enérgico” da violência.

Chama a atenção como aquele que não cansou de denunciar o autoritarismo da juventude recomendou nada mais nada menos que o emprego da violência física para educá-la, “energicamente”. Trata-se de uma pedagogia da intimidação e do chicote.

A essa altura, é mais que lícito dizer que, ao que tudo indica, ele projetava na juventude o autoritarismo que, em verdade, era dele.

Politicismo empedernido e tacanho

Por fim, abordaremos o politicismo que orienta e determina as reflexões de Olavo. Fique claro, desde já, que o problema não é que haja uma orientação política em suas reflexões. Em todas há. Leitores que somos de Marx, Engels, Gramsci e Lukács não poderíamos negar. O problema é que tal orientação é estreita, empedernida. Tacanha, ela torna o autor cego e desonesto para com muitas questões. Destas muitas, a título de exemplo, abordaremos apenas uma, relacionada à literatura.

Ele faz a seguinte afirmação:

Foi preciso, no festival de Paraty, uma escritora irlandesa (Edna O’Brien) vir avisar aos brasileiros que Chico Buarque de Holanda não faz parte da literatura. Por si mesmos, jamais teriam percebido isso (CARVALHO, 2013, p. 68).

Esse é apenas um dos muitos casos em que suas análises são prejudicadas por sua tacanha orientação política. Como sabemos, o autor tinha verdadeira aversão por artistas de orientação política oposta

ou simplesmente diversa da sua. Por óbvias razões, Chico Buarque estava no topo de sua lista de adversários, a quem jamais ele deu trégua.

Na citação acima, Olavo se vale do comentário de uma autora estrangeira para sustentar sua opinião de que Chico Buarque não tinha nada a ver com literatura. É claro que qualquer um, que tenha um mínimo de conhecimento da área e que não se deixe cegar por sua orientação política, reconhecerá a dimensão literária da obra de Chico.

E não apenas da obra dele. Como é consabido, nossa MPB é inseparável da literatura. Portanto, o que estamos falando de Chico Buarque serve para Caetano, Gilberto Gil, Djavan, Geraldo Vandré, Belchior, Fagner, Cartola, Noel Rosa, Arlindo Cruz, Jovelina Pérola Negra, Gonzagão, Gonzaguinha, Raul Seixas, Renato Russo, Cazuzza, Rita Lee, Lenine, Chico César, Fernando Anitelli... A lista é monumental. Quase infinda.

Aliás, o fato de Vinícius de Moraes se juntar aos artistas da MPB é prova mais que cabal do que estamos a defender aqui. Outros poetas consagrados seguiram a mesma senda de Vinícius, como Torquato Neto, Ferreira Gullar e Waly Salomão.

Há um interessante e emblemático “causo” sobre isso. Tom Jobim disse que certa feita procurou o poeta Carlos Drummond, para que este o indicasse um bom dicionário de rimas. Entretanto, o poeta disse que quem havia composto (a canção) *Águas de março* não carecia de dicionários de rima. Aquele que é reputado por muitos como nosso maior poeta lisonjeou assim Tom Jobim, ícone de nossa música.

Outro caso, igualmente interessante e emblemático, conta-o o próprio Chico Buarque. Conta que apresentou o projeto do disco *Construção* ao poeta Vinícius de Moraes, que ficou encantado e quis porque quis tomar parte na obra. Chico aquiesceu. Afinal, quem não queria assinar uma obra com o “poetinha”?

Vinícius compôs uns versos da música *Samba de Orly*. Toquinho que também conta essa história e é um dos compositores da música afirma que a contribuição de Vinícius foi de apenas “meia frase”. Ele havia trocado meia frase de Chico por outra meia frase, coisa cosmética, pelo modo como Toquinho narra a história. E foram justamente esses versos poucos, de meia frase, que o censor da ditadura proibiu. Contrariado com a censura, mas não querendo ficar fora do projeto de modo nenhum, Vinícius disse a Chico que seus versos poderiam sair da música, mas seu nome, não. E assim, no fim das contas, os três assinaram a música - linda, diga-se.

Poderia um poeta do quilate de Vinícius de Moraes lutar para assinar uma obra se não reconhecesse sua elevada qualidade literária/poético-musical? Note-se. Não foi Chico quem fez questão. Foi ele mesmo, *o poetinha*, quem fez. Poetas do calibre de Vinícius não saem por aí assinando obra qualquer, sob pena de apequenar seu nome.

Na mesma linha, ocorreu algo a Oswaldo Montenegro que também é muito significativo da riqueza literária de nossa música. Montenegro conta que, ao sair de Brasília, foi para São Paulo (ou Rio de Janeiro - não lembro ao certo). Disse que foi procurar um grupo de músicos e autores, afirmando que queria se juntar a eles. Em resposta, alguém lhe deu um livro de Manoel Bandeira, sugerindo que só voltasse depois de lê-lo. Conclusão: naquele círculo, conhecer um mínimo de nossa literatura é pré-requisito para tomar parte na MPB.

Ora, é assim a MPB: expressão musical e literária ao mesmo tempo, algo reconhecido, entre outros, por poetas da envergadura de Drummond e Vinícius de Moraes. Por isso mesmo, desconcerta ainda mais o julgamento negativo de Carvalho.

Acaso ele não sabia que Chico é autor de diversas peças teatrais, tendo enveredado, depois, para a literatura no sentido mais formal e, portanto, mais estreito? Será que o guru da extrema-direita, sempre tão

dado a afetar erudição, achava que a literatura compreende somente a prosa, e não a poesia? Será que considerava que só existia poesia escrita, e não cantada? Será que ignorava que muitas de nossas músicas são poesia cantada, como aliás era muito comum em tempos outros?

Agora, com a palavra Afonso Romano de Sant’Anna, aquele que foi considerado o sucessor de Carlos Drummond de Andrade. Num poema (*Poema didático em três níveis*) em que tece, a seu modo, uma história de nossa poesia, Sant’Anna escreve:

Em verdade vos digo:
por quase 20 anos a poesia nacional/
racional curtiu prisão de ventre
até que sobreveio a diarreia⁴ nos violões e ruas.
E como Jaeger e Huizinga previram
no séc. IV os poetas cederam lugar
aos sofistas/paulistas,
Mas a música desceu do hélicon, virou o que a Exproesia
Des/virou, Caetano fecundou o estéril concreto armado
E Chico sonorizou as construções do dia-a-dia.

Com termos altamente elogiosos, vemos outro grande poeta brasileiro reconhecer o caráter poético-literário de Chico Buarque e Caetano Veloso. Sabedor de que, possivelmente, seus versos não fossem bem compreendidos, Sant’Anna explica:

Relacionamento ultimamente feito entre
Chico/Caetano e a poesia brasileira, mostrando que

⁴ Sobre esse trecho, o poeta argumenta: “Ferreira Gullar tem um poema no *Violão de Rua* (1962), que não é lá uma obra-prima de invenção formal, mas que, segundo ele mesmo, introduz na poesia nacional a palavra ‘diarréia’. Transpondo: foi isso mesmo que aconteceu diante de tanta prisão de ventre forjada pelas vanguardas formalistas” (SANT’ANNA, 1991, p. 37).

eles solucionam problemas que os poetas literários criaram. Lembrança de uma frase-talvez-de-Gullar: não se trata de saber o que Caetano aprendeu com os concretos, mas aquilo que os concretos deveriam ter aprendido com ele. Mais: alusão a “Construção” e “Cotidiano” de Chico Buarque (SANT’ANNA, 1991, p. 37).

Sant’Anna não apenas trata a MPB como parte da história de nossa poesia, reputando-a como uma “evolução”, como ainda destaca os feitos de Chico e Caetano, por solucionarem “problemas que os poetas literários criaram”.

É possível que, ao falar de “poetas literários”, Sant’Anna esteja estabelecendo uma diferença entre os poetas convencionais (não há intenção de desdouro nessa definição) e os “poetas músicos/compositores”. Mesmo que seja esse o caso, em nada afeta o que estamos discutindo: o caráter poético-literário da obra de alguns de nossos compositores. Seria, então, o caso de uma diferenciação dentro da poesia, de ramos diferentes da poesia, e não de negação do caráter poético-literário de nossa música.

Sem prejuízo para nada do que se disse até aqui, registre-se que tal não representa uma compreensão apenas nossa, brasileira. Devemos lembrar que não faz muito o cantor e compositor estadunidense Bob Dylan foi agraciado com um prêmio Nobel de literatura!

Não bastasse tudo isso, por fim, Chico ganhou o prêmio Camões de Literatura - principal prêmio literário da língua portuguesa. Somente os de inteligência tacanha precisariam de mais esse reconhecimento para, enfim, aceitar o caráter literário de sua obra. Discípulo fiel aos ideais toscos de Olavo, Bolsonaro resolveu não assinar o diploma,

deixando que Chico Buarque ficasse uns anos sem poder receber o prêmio⁵.

Mais dois exemplos. Caetano recebeu o título de *doutor honoris causa* pela Universidade de Salamanca, na Espanha. No evento, o docente que apresentou Caetano afirmou que a obra do compositor baiano “proporciona um percurso de elevada tensão linguística e musical: um monumento do poético, da poesia como lugar de carinho, de amor e de amizade”, reconhecendo-o, enfaticamente, como “um poeta, um filólogo no sentido mais nobre da palavra”⁶.

Por fim, Gilberto Gil tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), como reconhecimento inequívoco de sua contribuição à nossa cultura e, acrescentamos, do caráter literário de sua obra⁷.

Não há falta de conhecimento. Mas, defendemos, apenas uma visão política tacanha e empedernida poderia levar Olavo de Carvalho a negar o caráter literário da obra de Chico Buarque em especial e a da MPB em geral.

Pior para ele e seus discípulos, que, por estupidez política, se penitenciaram a não gozar de uma das músicas mais originais e exuberantes do mundo, reconhecida em todos os quadrantes do planeta. Parafraçando Dorival Caymmi, podemos dizer deles: “Quem não gosta de MPB bom sujeito não é/ ou é ruim da cabeça ou é doente do pé”.

Em termos abstratos e gerais, isto é, quando não está voltada para a análise de um objeto ou fenômeno específico, a filosofia de Olavo até parece séria. É o que se percebe quando diz:

⁵ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-04/chico-buarque-recebe-premio-camoes> Acesso em: 24 abr. 2023.

⁶ Caetano Veloso recebe título 'doutor honoris causa' pela Universidade de Salamanca, na Espanha | Música | G1 (globo.com) Acesso em: 05 set. 2023.

⁷ Gilberto Gil toma posse como 'imortal' da Academia Brasileira de Letras | Rio de Janeiro | G1 (globo.com) Acesso em: 08 abr. 2022.

[...] não é possível o sujeito orientar-se no meio de uma controvérsia sem conceder a ambos os lados uma credibilidade inicial sem reservas, sem medo, sem a mínima prevenção interior, por mais oculta que seja. Só assim a verdade acabará aparecendo por si mesma. O verdadeiro homem de ciência aposta sempre em todos os cavalos, e aplaude incondicionalmente o vencedor, qualquer que seja. A isenção não é desinteresse, distanciamento frio: é paixão pela verdade desconhecida, é amor à ideia mesma da verdade, sem pressupor qual seja o conteúdo dela em cada caso particular (CARVALHO, 2013, p. 36-37).

E complementa mais adiante:

Se o que está em jogo para mim, no momento da investigação, não é a tese “x” ou “y”, mas o valor da minha própria capacidade cognitiva, pouco se me dá que vença “x” ou vença “y”: só o que importa é que eu mesmo, enquanto portador do espírito, saia vencedor (CARVALHO, 2013, p. 36-37).

Entretanto, à luz do que vimos, é possível concluir que ou Olavo não leva a sério suas próprias palavras - forjando-as apenas para consumo de outrem - ou ele é incapaz de fazê-lo. Em suas análises, a busca da verdade é, sempre, preterida em função de seu partidarismo.

A impressão que temos é que o autor desenha um círculo ideológico em torno de si e dos seus, e tudo o que estiver fora de tal círculo ou não existe ou é abjeto. De modo que é forçoso concluir, como já fizéramos antes, que o posicionamento político de Olavo tudo define, tornando-o cego para verdades evidentes mesmo para inteligências no máximo medianas. Infelizmente, mesmo morto, é um cego conduzindo outros cegos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMAEIDA, Ronaldo de e TONIOL, Rodrigo (orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.
- BARSOTTI, Paulo e MAZZEO, Antônio Carlos (orgs.). **Neofascismo, autocracia e bonapartismo no Brasil**. São Paulo: Instituto Caio Prado Júnior, 2022.
- BERTONHA, João Fábio. **Fascismo e antifascismo italianos: ensaios**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2017.
- BOCCHINI, Bruno. **Quase 10 milhões de jovens sem ensino básico estão fora da escola**. Disponível In <Quase 10 milhões de jovens sem ensino básico estão fora da escola | Agência Brasil (ebc.com.br)> Acesso em: 15 mar. 2024.
- BOCCHINI, Bruno. Quase 10 milhões de jovens sem ensino básico estão fora da escola. In **Quase 10 milhões de jovens sem ensino básico estão fora da escola** | Agência Brasil (ebc.com.br) Acesso em 15 mar. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CARVALHO, Olavo. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere, Vol 4**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- GRAMSCI, Antônio. Caderno 12 In SEMERARO, Giovani. **Intelectuais, educação e escola: um estudo do Caderno 12 de Antônio Gramsci**. São Paulo: Expressão Popular, 2021, pp. 195-239.
- G1. **Caetano Veloso recebe título de “doutor honoris causa” pela Universidade de Salamanca, na Espanha**. Disponível In <Caetano

Veloso recebe título 'doutor honoris causa' pela Universidade de Salamanca, na Espanha | Música | G1 (globo.com)> Acesso em: 05 set. 2023.

G1. **Gilberto Gil toma posse como “imortal” da Academia Brasileira de Letras.** Disponível In <Gilberto Gil toma posse como 'imortal' da Academia Brasileira de Letras | Rio de Janeiro | G1 (globo.com)> Acesso em: 08 abr. 2022.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

LUKÁCS, Georg. **A destruição da razão.** São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

LUKÁCS, Georg. **Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?** Maceió: Coletivo Veredas, 2021.

PARADA, Maurício. **Fascismos: conceitos e experiências.** Rio de Janeiro: Maud X, 2008.

SANTANA, Afonso Romano. **Os melhores poemas de Roberto Afonso de Sant’Anna.** São Paulo: Global, 1991, 2ª edição.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”.** Porto Alegre: L&PM, 2020.

TROTSKY, Leon. **Como esmagar o fascismo.** São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

VERDÉLIO, Andreia. **Chico Buarque recebe Prêmio Camões após quatro anos.** Disponível In <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-04/chico-buarque-recebe-premio-camoes>> Acesso em: 24 abr. 2023.

2

EDUCAÇÃO POPULAR E TERRITÓRIO EM RIO BRANCO: ontem e hoje⁸

Durante os anos 1970-80, o Acre foi praticamente uma escola de educação popular a céu aberto. Nessas décadas, algumas organizações desempenharam a função de formar e fermentar a atuação político-cidadã dos estratos subalternos da sociedade, orientando-os acerca dos conflitos territoriais que então se davam nos mais diversos quadrantes do estado.

Na área urbana de Rio Branco, entre outras, foi particularmente decisiva a atuação das Comunidades Eclesiais de Base (Cebs) e das associações de moradores de bairro. Comumente, essas organizações atuavam em conjunto, organicamente vinculadas. Daí a razão de muitos dos encontros - em que se discutiam e decidiam coisas sobre o bairro - se darem nos centros comunitários, espaços da Igreja Católica em que a comunidade realizava seus cultos e demais encontros.

Ainda sob a ditadura que se instalou entre nós desde o golpe civil-militar de 1964, os partidos políticos ou estavam proscritos ou ainda não estavam suficientemente fortes, como ficaram depois da “abertura democrática”. Por essa razão, a atuação - para usar uma feliz

⁸ Texto originalmente publicado em Educação popular e território em Rio Branco – ontem e hoje (ovaradouro.com.br), em 25 out. 2023. Aqui, ele segue com algumas poucas alterações e acréscimos.

expressão de Gramsci - daqueles *aparelhos privados de (contra)hegemonia* foi ainda mais fundamental.

Por um lado, ajudaram a preparar a resistência, a conter o autoritarismo e, por outro, a assegurar a efetivação de direitos basilares, como o direito à vida, à terra e à moradia. No interior, deve-se acrescentar, sua atuação contribuiu substancialmente para a formação dos sindicatos dos trabalhadores rurais (de onde saíram figuras como Wilson Pinheiro e Chico Mendes, para citar apenas dois exemplos) e, através deles e com eles, “empatarem” (impedirem) a destruição da floresta pretendida pelo grosso dos “sulistas” que para cá acorriam naqueles anos.

Depois de décadas atuando em favor dos de cima, a Igreja Católica emprestou sua autoridade e capilaridade à luta dos de baixo. As Cebes encarnaram essa guinada. Nas celebrações que faziam, discutiam-se, sempre, as coisas do espírito e as coisas do corpo, as do céu e as da terra, as do evangelho e as da vida cotidiana.

A linguagem que aí se usava era a do povo simples, assentada numa gramática toda particular. Independentemente do grau de instrução formal - se muito, se pouco ou mesmo nenhum -, todos entendiam. Oratória simples e direta, sem ornamentos desnecessários. Os líderes das Cebes eram, sem dúvida, bons comunicadores.

Além da fé e do espírito de comunidade que então reinava, os participantes também eram movidos pelo que ali se discutia a respeito de sua rua, sua quadra, seu bairro. Colocava-se em questão, como exigência de uma ação prática, coisas como iluminação pública, asfaltamento, escola, policiamento, posto de saúde etc. Todo encontro era assim. Caso o representante da associação de moradores já não estivesse presente no encontro, pois era comum que ele fosse também partícipe das Cebes, as demandas eram levadas até ele *a posteriori*.

Nesse sentido, ao mesmo tempo, em que eram inegáveis *escolas de fé*, as Cebcs - em colaboração com as associações de moradores - eram também *escolas de cidadania*, por força da educação popular que protagonizavam. Em sentido altamente positivo, do ponto de vista da política e da cidadania, as preocupações da esfera pública eram acolhidas na esfera privada.

E que ninguém, desavisado, tome o passado pelo presente. Em que pese a proeminência de que gozavam, sem par naqueles decênios, as Cebcs não faziam proselitismo. Seu objetivo primeiro nunca foi conquistar fiéis e, assim, aumentar o volume de seu rebanho. Longe disso. Comungavam-se ali muito mais a preocupação e a luta pelo bem comum, o que unia a todos, do que um credo específico que os pudesse dividir e enfraquecer.

Partilhavam o pão, as angústias e os sonhos. Os interesses coletivos se impunham, pouco importando se os participantes tinham este ou aquele credo. Tampouco importava se não tinham credo nenhum. A fé não era mesquinha nem sectária. Por importante que esta fosse - e ela era -, a fé não era absolutizada. A crença na força da união e na necessidade de ajudar quem mais precisa era maior. E tanto bastava.

Pregação “comunista”? Óbvio que não. O que havia de fato era apenas a luta por uma *democracia política* (“abertura democrática” e direito ao voto), *popular* (a participação do povo nos processos de tomada de decisão do que lhes interessava) e *social* (direitos sociais, como moradia, reforma agrária, saneamento, saúde etc.), coisas que, posteriormente, encarnaram-se na *Constituição cidadã*.

As Cebcs e as associações de moradores foram exitosas em muito do que se propuseram. Sem sua atuação, corajosa, esclarecida e esclarecedora, a questão agrária seria muito mais dramática entre nós, assim como o desmatamento, a falta de moradia, de saneamento, de

escolas, de iluminação pública, de consciência cidadã e por aí vai. Considerando o contexto em que atuaram, deve-se reconhecer seus êxitos, apesar dos pesares.

Coisa digna de atenção: o fato de terem feito avanços significativos durante o período ditatorial e de terem perdido quase tudo durante o período democrático que se abriu a partir de 1985.

São muitas as explicações possíveis para o fenômeno. A nosso ver, a relação orgânica que mantinham com o PT (Partido dos Trabalhadores) é uma das mais razoáveis e significativas.

Não tendo partido político que expressasse de fato os interesses populares durante a ditadura, aquelas organizações agiam com bastante autonomia frente às estruturas partidárias, algo muito significativo. Sem intermediários, atuavam na base, no meio do povo, com o povo e para o povo. Era fácil promover encontros entre os participantes. A casa de qualquer um deles servia. Todos se conheciam, conheciam os problemas a serem enfrentados. Nada havia de complicado ou abstrato nisso.

Era uma atuação cotidiana, que, sem se prender a calendários eleitorais, dedicava-se inteiramente à *educação popular*. Portanto, o centro de tudo era o protagonismo popular: o que o povo poderia fazer por si mesmo - o que não excluía, vejam, uma articulação com outras organizações e poderes. Disso decorre suas lutas para trazer os representantes do poder público para dentro do bairro, de modo a fazê-los ali presentes; e, num diálogo olho no olho, reivindicar estruturas e serviços.

A importância disso para a configuração territorial de Rio Branco foi enorme. Isso porque muitos foram os que chegaram às periferias desta cidade expulsos pelos conflitos territoriais que explodiam nos seringais durante aqueles anos. E chegando aí enfrentavam mais conflitos territoriais, pois a capital do estado também

havia sido um seringal. Muitas terras; poucos donos. Estes não abririam mão de suas terras sem oferecer resistência e distribuir violência a torto e a direito.

Sem a atuação das Cebts e das associações de moradores, a violência urbana teria atingido os níveis que atingiu nos seringais. Elas foram responsáveis por desenvolver a consciência cidadã e o sentimento de responsabilidade e pertencimento a um território. Na linguagem dos geógrafos, dizemos que se desenvolviam assim, num mesmo movimento, os processos de territorialidade e territorialização.

Assim era no período ditatorial. Por ser um partido de bases sociais e diverso, quando veio a abertura democrática, o PT herdou quase todo capital político acumulado por aquelas organizações. Estas diminuíram para que aquele crescesse. Inclusive, muitas das lideranças do PT local saíram delas. Foram forjadas em suas fileiras, educadas na luta comunitária.

Quando o partido chegou ao comando da prefeitura da capital e, depois, ao comando do estado, e aí se valeu de métodos da direita para governar, estabeleceu-se um dilema paralisante nos meios sociais. Líderes e organizações - os que não foram cooptados -, mesmo percebendo os erros políticos do partido, hesitaram em criticar e denunciar seus “companheiros”, com medo de fortalecer, involuntariamente, seus adversários históricos.

A educação popular, que ensinava e encorajava a falar, silenciou. Guardou um silêncio ora convicto, ora envergonhado. Destarte, a governabilidade petista significou a ingovernabilidade de suas bases histórico-sociais. Por fim, como sabemos, o partido colapsou - pelos menos, momentaneamente -, mas não antes de prejudicar suas próprias bases, deixando-as enfraquecidas e desacreditadas.

No âmbito específico da Igreja Católica, nos embates que se desenrolavam em seus interstícios, os grupos conservadores saíram

vitoriosos e, paulatinamente, substituíram a teologia da libertação por uma teologia de cariz entre conservador e reacionário. Os papados de João Paulo II e Bento XVI bem expressaram esse novo momento.

Entre padres e bispos, os sacerdotes progressistas foram perseguidos e/ou substituídos por outros, mais conformes o entendimento teológico-pastoral da nova cúpula da Igreja. Na Diocese de Rio Branco, Dom Moacyr - bispo de perfil progressista, que foi um dos grandes responsáveis pelo fim do esquadrão da morte muito atuante naquele período - fora substituído por Dom Joaquin, bispo conservador.

Em termos gerais, a Igreja se enclausurou em si mesma, numa atitude clericalista. A questão social voltou a ser tratada em termos caritativos, quando muito. Por outro lado, os católicos carismáticos foram crescendo em tamanho e influência. Contando com apoio e bênção dos referidos papas, professam um catolicismo de traço espiritualista. Avessos a qualquer preocupação social e com a sorte dos que sofrem, assumem, no máximo, uma postura caritativa, isto é, sem se preocupar com questões estruturais e sistêmicas que produzem e reproduzem misérias.

Expressão inegável de seu conservadorismo é a oposição aberta que movem contra o Papa Francisco. Alguns chegam ao ponto de chamá-lo “comunista” e exigem seu *impeachment* (impedimento). Dessa maneira, negando o que, por ignorância ou maldade, chamam “comunismo”, vão-se perfilando perigosamente aos extremistas de hoje. Em suas celebrações, o povo não fala, apenas ouve.

O vácuo deixado pela Igreja Católica (com suas Cebs) foi ocupado pelas igrejas evangélicas e suas células, de corte neopentecostal. Embora diversas, se tomadas em seu conjunto, é possível constatar que formam uma complexa rede, com enorme alcance e capilaridade. Com efeito, em alguns bairros e regiões, são muito mais numerosas que botecos, bares, restaurantes e escolas.

De acordo com o Censo de 2022, temos mais igrejas do que hospitais e escolas⁹. Obviamente, isso traz consigo seus efeitos políticos.

Como demonstrado pelas mais variadas pesquisas, entre essas igrejas, as que mais crescem são as adeptas da teologia da prosperidade. Funcional ao sistema capitalista, trata-se de uma teologia que ensina que os problemas sociais - máxime a pobreza - são fruto da falta de fé e, como tais, podem ser resolvidos com mais fé e o estabelecimento de alguns “propósitos” para com Deus, como a entrega de ofertas graúdas, o pagamento do dízimo, a compra de objetos consagrados (lenço, óleo, sal, sabonetes etc.). Caberia ao fiel subornar e assediar a Deus por suas bênçãos.

É assaz conhecida sua orientação proselitista e sectária. Buscam ampliar o número de seus fiéis e, por conseguinte, sua influência social e política. Para tanto, suas células são organismos muito eficazes. Através delas, que se multiplicam com assustadora velocidade, cobrem vastas regiões. Além disso, servem para controlar toda a vida de seus fiéis, nas mais variadas esferas, como a sexual e a política. Seus líderes têm muitos olhos e ouvidos. Tudo ouvem, tudo veem, tudo sabem.

Através de suas células, essas igrejas propagam uma teologia/ideologia que transfigura *questões sociais* em *questões espirituais*, empurrando para a *esfera transcendente* o que é da *esfera imanente*. Mistificando as relações entre os homens, elas educam politicamente deseducando politicamente. Não há luta. Há burla.

Nesse ambiente, a cidadania ou é anulada ou é enfraquecida. Como tudo é passível de ser resolvido numa relação do indivíduo consigo mesmo ou com Deus, a noção de coletividade é suplantada pela de individualismo. Eis a *escola da indiferença*.

⁹ Temos mais igrejas do que hospitais e escolas. O que isso significa? | A Gazeta
Acesso em: 06 fev. 2024.

Sob a influência destas relações alienadas e alienantes, os interesses coletivos desvanecem, bem como a esfera pública e o interesse pelo território/bairro, bem comum. Mais que os serviços que os representantes do poder público podem fazer por todo o bairro, importa a fé que professam e os valores por eles defendidos. Estamos em face, portanto, de valores e práticas clericais-corporativistas. O mundo deles começa e termina na comunidade religiosa.

Nesta parte última do texto, gostaríamos de tratar de um assunto a que ainda não se deu a devida atenção até agora: o controle das organizações criminosas sobre os bairros e as implicações políticas disso. Acreditamos que, para tanto, será salutar contrastá-la com a atuação e os objetivos das associações de moradores em anos pretéritos.

Fato notório é que estas organizações criminosas redesenham o território, forjando novas territorialidades e territorializações. Os bairros já não são definidos por suas fronteiras em si, mas pelo raio de influência de cada organização neles dominante. É certo que tais fronteiras sempre foram um tanto fluídas - o que explica o surgimento de um bairro a partir de outro, além da falta de planejamento urbano por parte dos poderes públicos -, mas agora estão muito mais, modificando-se ao sabor das disputas entre os grupos criminosos.

Como sabemos, os grupos criminosos têm nos bairros o fundamento territorial de seus domínios, exercendo neles poder de vida e de morte sobre seus moradores. Dado que se trata de um poder exercido *in loco* e em tempo integral, os indivíduos estão muito mais submetidos a este poder do que aos poderes oficiais (como o da política, da justiça e mesmo da polícia). Habitualmente, tal poder se vale das ameaças, do medo, da violência física e de execuções sumárias até. Prendem, julgam, condenam, executam.

Interferem até em problemas conjugais, como no caso de traição, por exemplo. Já faz algum tempo, circulam vídeos nas redes

sociais mostrando algumas pessoas (homens e mulheres) recebendo “corretivos” (surras) por terem traído seus parceiros. O parceiro - ou parceira - da traição também recebe sua parte na “disciplina”. Ao longo da sessão de violência, os criminosos debulham - vejam vocês! - sermões moralizantes.

Vê-se, pelos vídeos, feitos realmente para que circulem, que os criminosos não temem a polícia ou a justiça. Seguros de si, mostram-se orgulhosos de seus feitos. Além de demonstrar destemor e certa dose de um exibicionismo atroz, esses feitos põem a descoberto o poder que os criminosos têm sobre a vida (mesmo a privada, amorosa/sexual) das pessoas e sobre seus corpos. Sob esse tipo de domínio, as esferas pública e privada são redefinidas ou, olhando de outro ângulo, suprimidas.

Weber (2015, p. 316) era da opinião de que “o Estado é aquela comunidade humana que, dentro de determinado território - o ‘território’ faz parte da definição de Estado - reivindica para si (com êxito) *o monopólio da violência física legítima*”. Tal assertiva não vale para esses espaços de que tratamos. Em verdade, aí o Estado foi despojado de seu território e do “monopólio da violência legítima”.

Desalojado, despedido de mãos vazias, no momento, o Estado¹⁰ assiste, entre atrapalhado e inerte, às facções atuarem como verdadeiros *Leviatãs do crime*, para recorrer à célebre expressão de Hobbes (1997).

Claro fica que se trata de poder absoluto e ele se faz sentir nas mais variadas esferas. Cada um desses grupos criminosos estabelece regras a partir das quais controlam, além do território em geral, os corpos dos moradores. Controlam o tipo de roupa que podem vestir, o corte ou a pintura do cabelo, as músicas que ouvem, o que postam ou

¹⁰ Estamos falando daqueles setores do Estado que não sucumbiram às pressões dos grupos criminosos. Como sabemos, estes grupos já contam com membros do Estado em suas fileiras.

deixam de postar nas redes sociais... Nada do que usam, falam ou fazem pode lembrar os grupos rivais, podendo ser considerado “traição” digna de pena capital.

Nesses dias, o controle passou a incorporar mais um elemento: o celular e o que nele se faz. Membros ou “aliados” desses grupos passaram a pegar/tomar o celular de alguns indivíduos e a bisbilhotá-lo. Caso o dono do celular tenha feito alguma postagem que os desagrade ou tenha mantido contato com um conhecido que mora em outro bairro, que porventura seja controlado por um grupo rival, é possível que apanhe, seja ameaçado, expulso do bairro ou mesmo executado. Agora, uma simples conversa (ou um simples número guardado na agenda) pode acarretar a morte.

Em dias recentes, em Rio Branco, um jovem foi torturado e executado por causa disso. No município de Rodrigues Alves (localizado no Vale do Juruá), ocorreu caso semelhante. Outros estão sendo expulsos de suas residências, sendo obrigados a deixar o bairro às pressas.

Observe-se que aqui se somam duas formas de desterritorialização, desenraizamento. A primeira: os indivíduos podem até ficar no bairro, mas este não pertence mais a eles. O bairro pertence ao grupo criminoso. A segunda: o indivíduo é expulso de sua casa, obrigado a buscar abrigo em outros bairros.

O problema é que, todos sabem, a cidade de Rio Branco - na verdade, o Acre de uma maneira geral - já está completamente loteada e dividida entre as organizações criminosas. Não há lugar seguro, fora de suas influências e poderes.

Não fosse o suficiente, assim como as igrejas evangélicas citadas há pouco, esses grupos são altamente proselitistas. Buscam aliciar jovens e adolescentes a todo custo, a fim de suplantarem seus adversários pelo tamanho de seu “exército”. Eis a *escola do crime*.

Entre ameaças e assédios, a vida vai ficando “insuportável” nesses bairros em que, já agora, o Estado democrático de direito virou mera ficção. Enquanto as associações de moradores e as Cebs procuravam trazer o Estado para dentro do bairro, as organizações criminosas o expulsam do bairro, consolidando assim seu domínio. Enquanto as associações de moradores e as Cebs davam voz aos indivíduos, as organizações criminosas os silenciam. Enquanto as associações de moradores e as Cebs os organizavam na luta por direito, os grupos criminosos cassam seus direitos.

Por isso, é possível dizer que a cidadania foi cassada e a democracia está morta nesses espaços. Que concepção de coletividade pode florescer nesse terreno? Que sentimento de pertencimento pode aí ter lugar, se tudo parece incerto e hostil? A quem recorrer?

Quem manda de fato nessas localidades não é o Estado nem o cidadão, e sim os grupos criminosos. Numa clara expressão da privatização dos espaços públicos, a política recua e se acomoda à territorialidade do crime. Para sobreviver nesses espaços, parece que toda educação requerida, hoje, resume-se a silenciar e obedecer. E o que antes parecia uma escola de educação popular a céu aberto, hoje, parece mais uma prisão a céu aberto, perigo por todos os lados, carcereiros e vigias em cada esquina.

De ponta a ponta, o estado parece um campo de batalha em que os Leviatãs do crime protagonizam *bellum omnium contra omnes* (“guerra de todos contra todos”), para outra vez recorrer a Hobbes.

Por fim, deixamos o registro de uma espécie de concertação que há entre essas igrejas e as organizações criminosas.

Como dissemos há pouco, ambas são fortemente proselitistas. É em meio ao assédio de ambas que os jovens estão crescendo e se formando. Outrossim, ambas são sectárias e movem guerra - cada uma a seu modo - a seus adversários. Coisa muito curiosa e muito danosa

para a formação de uma consciência cidadã é que, para sair de um grupo criminoso, o indivíduo tenha que necessariamente entrar numa dessas igrejas.

Longe de recriminar quem procura mudar e salvar a própria vida. É de lamentar, porém, que o tenha que fazer escolhendo entre uma e outra alienação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de uma Comunidade Eclesiástica e Civil**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

WEBER, Max. **Escritos políticos**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

TERRA, Kenner. **Temos mais igrejas do que hospitais e escolas**. O que isso significa? Disponível *In* <Temos mais igrejas do que hospitais e escolas. O que isso significa? | A Gazeta> Acesso em: 06 fev. 2024.

3

O EDUCADOR POLÍTICO E O POLÍTICO EDUCADOR¹¹

Há poucos dias, um fato político ganhou as manchetes dos jornais e suscitou reações diversas no Acre. Márcia Bittar - pré-candidata a uma vaga no Senado e esposa do senador Márcio Bittar - deu a seguinte declaração:

a escola precisa ensinar as disciplinas técnicas: português, matemática, ciência, geografia, enfim as disciplinas e não querer educar os filhos da gente em cima de ideologias, de gênero por exemplo, ensinar que a menina pode casar com o pai, ensinar que a criança pode casar com adulto, ensinar que pode ter relação sexual com animal, ensinar que pode legalizar o aborto, a droga. Essas coisas precisam ser combatidas dentro da nossa escola¹².

Em resumidas contas, ela fez uma tripla insinuação contra nossas escolas e nossos professores: incesto, pedofilia e zoofilia. Frisemos, antes de avançar, que, no atual contexto político, suas

¹¹ Texto originalmente publicado em O educador político e o político educador - uma resposta à senhora Márcia Bittar - O Juruá Em Tempo (jruaemtempo.com.br), em 14 mar. 2022. Aqui ele segue com umas poucas modificações e acréscimos.

¹² <https://ac24horas.com/2022/03/11/marcia-bittar-diz-que-escolas-ensinam-sexo-entre-pais-e-filhas/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

insinuações não são nada ingênuas e têm peso de acusações, graves acusações. Não cremos que ela as tenha feito sem se dar conta disso. Na verdade, cremos que ela buscou isso conscientemente. Fez à cata de votos.

De minha parte, professor, pesquisador e escritor habituado a tirar lições mesmo do que há de mais repugnante na política, confesso que tive receio de fazê-lo em relação às palavras da senhora Márcia Bittar. Contudo, é esse desafio que enfrento nas linhas seguintes.

Antes do mais, importa destacar o quanto suas palavras estão em pleno acordo com o que é feito pelo grupo político a que ela pertence, grupo formado por Bolsonaro e seu marido Márcio Bittar, dentre outros declarados inimigos da educação. Como se sabe, esse é um grupo pouco afeito à verdade e dado a irresponsabilidades sem conta. É da índole deles fazer política como quem faz guerra, criando inimigos muitos, tratando-os como seres sórdidos que precisam ser parados a qualquer custo. E, claro, eles se colocam como os únicos capazes de parar os inimigos sórdidos que eles mesmos criam.

Entre os alvos favoritos dessa guerra suja que movem, ininterrupta e sistematicamente, estão a educação e os educadores. Daí estes serem sempre acusados de aliciar politicamente as crianças e os jovens e os perverter sexualmente. Com efeito, tomadas ao pé da letra, as insinuações/acusações de Márcia Bittar poderiam nos levar a crer que há coisas nas escolas que não são ofertadas sequer nas mais libertinas das casas de tolerância, como o incesto e a zoofilia. Nesse caso, os professores exerceriam um ofício mais repugnante que o de qualquer proxeneta.

Será que ela acha que nossos estudantes são tão estúpidos que não entenderiam essas coisas e não se revoltariam contra elas? Será que ela acha que os pais são tão relapsos com a educação de seus filhos que não perceberiam algo desse tipo acontecendo, de imediato? Será que ela

acha que é isso que as universidades ensinam aos futuros docentes? Será que ela considera todo educador um ser que perverte o filho dos outros e que, de outra banda, permite que seus próprios filhos sejam pervertidos por outros? Ao fim e ao cabo, suas insinuações/acusações respingam sobre amplos setores da sociedade, jogando na lama todo o sistema de ensino.

Na base disso tudo, está implícito o suposto de que os professores seriam militantes disfarçados, esquerdistas-comunistas fazendo política albergados pelo ofício, demônios infiltrados no jardim de infância. Sem pretender fazer reflexão epistemológica, devemos dizer que, de fato, nós educadores fazemos política. Impossível não fazê-lo. Afinal, através de disciplinas como Filosofia, Geografia, História e Sociologia, procuramos formar cidadãos, capacitando os estudantes para que, diante das instituições, dos temas e dos acontecimentos sociais, possam saber se orientar e se posicionar.

Via de regra, não indicamos que posicionamento devem tomar. Antes, ensinamos os estudantes a refletir sobre os temas à luz dessas e de outras disciplinas, à luz das obras de diversos autores. Ensinamos a ponderar, com espírito de respeito, o diverso e o contraditório, destacando que eles são artífices da própria história.

Nesse preciso sentido, fazemos política, sim. Mesmo um professor de Matemática ou Física o faz, discuta ou não temas sociais em sala de aula, pois até o silenciar-se sobre certos temas é já uma maneira de educar politicamente. Todo educador é também um político. Autoridade no assunto, e mostrando as fundas raízes do tema, Bourdieu dizia que “a teoria do conhecimento e a teoria política são inseparáveis” (BOURDIEU, 1983, p. 68). Todavia, é mister acrescentar que não fazemos política partidária, como procuram fazer crer os que hoje demonizam a educação.

Embora tenhamos uma margem de liberdade no trato dos temas, movemo-nos sempre premidos pelo que é ditado pela nossa área de atuação, como sua tradição, autores, métodos etc. Entre outras coisas, orienta-nos, ainda, o que é exigido dos estudantes em concursos e processos seletivos, como o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Nós os preparamos para isso também, bem como para a vida em sociedade, para bem exercerem sua cidadania.

A essa altura, compete dizer também que, se é verdade que todo educador é um político, é igualmente verdade que todo político é um educador. Para dizer com Gramsci:

a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente “escolares”, através das quais as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem suas experiências e seus valores historicamente necessários, “amadurecendo” e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior. Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército. Toda relação de “hegemonia” é necessariamente uma relação pedagógica (GRAMSCI, 1999, p. 399).

Mesmo não tendo cargo, através de suas declarações públicas de ampla repercussão, a senhora Márcia Bittar influencia a sociedade, orientando-a diante de certos temas. Por conseguinte, para o bem e para o mal, também ela é uma educadora.

Contudo, os pontos em comum entre a práxis de educador e a de político não são tantos que possam apagar as diferenças. Nós,

educadores, pautamo-nos pela verdade dos fatos. Zelosos que somos quanto a nosso fazer científico, procuramos guardar silêncio quanto ao que não sabemos. Ou, no máximo, emitimos parecer que não extrapole o âmbito da responsabilidade, problematizando, apontando tendências, sem fechar opinião por completo. Nesse caso, a mentira ou simplesmente a imprecisão e a ignorância poderiam nos trazer graves prejuízos, atingindo em cheio nossa reputação profissional.

Por outro lado, quando um político vai disputar eleições, se a mentira lhe garantir mais votos que a verdade, não é raro que ele opte pela primeira, gerando polêmica e chamando a atenção para si. Nesse caso outro, a mentira poderia trazer generosos lucros eleitorais. Por consequência, isso a tornaria - a mentira - aconselhável do ponto de vista da captação de votos.

Um exemplo para ilustrar mais palpavelmente a diferença entre ambos os ofícios discutidos. Sabemos quão danosos para a democracia são os políticos carreiristas que “vivem da política” - como diz Max Weber, um sociólogo conservador, só para frisar -, que fazem dela um meio de vida; assim como são aqueles que criticam as políticas sociais e o funcionalismo público, mas costumam colocar parentes seus “mamando nas tetas do Estado”¹³, para usar linguagem coloquial; os políticos forasteiros que moram em dado estado da federação, mas procuram lançar candidaturas por outro, onde acham que é mais fácil sair vitorioso do pleito; políticos que têm o hábito de se meter em coisas nebulosas, tais como orçamentos secretos¹⁴, por exemplo.

¹³ Filho de Márcio Bittar é nomeado por Gladson Cameli com salário de R\$ 10 mil - ac24horas.com - Notícias do Acre Acesso em: 02 fev. 2020. Ver também Nora de senador indica verba do orçamento secreto para ONG à qual é ligada | Metrôpoles (metropoles.com) Acesso em: 28 dez. 2022.

¹⁴ Senadores líderes em emendas do “orçamento secreto” privilegiaram Ministério do Desenvolvimento Regional | CNN Brasil Acesso em: 29 jun. 2022.

Ora, bem sabemos que há aos montes esse tipo de político (e sabemos quem são os “daqui” do Acre). Mas, como profissionais da educação, faríamos mal se disséssemos que todos os políticos são assim. Não apenas estaríamos deixando de fazer ciência, como cairíamos na mais deslavada mentira, como fazem certas pessoas quando querem se aproveitar da boa vontade de certos setores da sociedade, aqueles setores que, em razão da vulnerabilidade, têm mais dificuldade de distinguir o que verdadeiro do que é falso.

Pode ser que algum docente, extrapolando seu ofício, faça política partidária em sala de aula e ensine coisas que merecem nada além do nosso pronto e veemente rechaço. Em todo lugar há bons e maus profissionais. Problemas dessa ou de outra natureza podem ser resolvidos na própria escola, com a Direção, ou, se aí falhar, em órgãos fiscalizadores como o Ministério Público.

Se a senhora Márcia Bittar tem provas daquilo que insinuou a respeito das escolas e dos professores, ela tem o dever de trazê-las a público e apresentá-las a essas autoridades. Temos plena convicção de que, se ela o fizer, os educadores e a inteira sociedade virão em seu sustento e lhe serão, além de solidários, muito gratos.

Porém, passados vários dias de acesa polêmica, até agora ela nada apresentou. Isso nos leva a formular a seguinte questão, com os cuidados que a ciência requer, como falamos há pouco. Não tivemos aula com Márcia Bittar (dizem que ela é professora afastada). Não ouvimos relatos de nenhum de seus ex-alunos. No entanto, a julgar pelo que ela está sendo como política, podemos dizer com plena segurança: nosso sistema educacional nada perdeu com seu afastamento.

De outra banda, nosso sistema político muito tem a perder caso ela seja eleita, pois, sem o cargo, ela já apronta dessas: cria mentiras ou as faz circular, gerando pânico moral em nossa população. Tudo isso só

para auferir ganhos eleitorais. Imaginem só o que ela não pode fazer protegida pelo foro privilegiado que o cargo de senador enseja...

Por fim, admitimos que não somos perfeitos. Temos nossas limitações e mais que qualquer um somos disso conscientes. Por isso, se honesta e fundamentada, toda crítica é bem-vinda. Sempre. O mesmo não podemos dizer da insinuação baixa e abjeta. Nunca. Como diz o educador popular, “muito ajuda quem não atrapalha”.

Sem mais para o momento, importa registrar: educação é um daqueles poucos temas que, em razão da complexidade e da relevância social que têm - sobretudo, para os de baixo -, só devem ser tratados por aqueles que trazem a boca e as mãos limpas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Sandra. **Márcia Bittar diz que escolas “ensinam sexo” entre pais e filhas.** Disponível *In* <<https://ac24horas.com/2022/03/11/marcia-bittar-diz-que-escolas-ensinam-sexo-entre-pais-e-filhas/>> Acesso em: 12 mar. 2022.

AC24HORAS. **Filho de Márcio Bittar é nomeado por Gladson Cameli com salário de R\$ 10 mil.** Disponível *In* <Filho de Márcio Bittar é nomeado por Gladson Cameli com salário de R\$ 10 mil - ac24horas.com - Notícias do Acre> Acesso em: 02 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere, Vol. 1.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUEDES, Marcos. **Senadores líderes em emendas do “orçamento secreto” privilegiaram Ministério do Desenvolvimento Regional.** Disponível *In* <Senadores líderes em emendas do “orçamento secreto” privilegiaram Ministério do Desenvolvimento Regional | CNN Brasil> Acesso em: 29 jun. 2022.

TEÓFILO, Sarah. **Nora de senador indica verba do orçamento secreto para ONG à qual é ligada.** Disponível *In* <Nora de senador indica verba do orçamento secreto para ONG à qual é ligada | Metrópolis (metropoles.com)> Acesso em: 28 dez. 2022.

4

EDUCAÇÃO SOB ATAQUE¹⁵

Estudante invade escola. De posse de uma arma branca, feriu alguns colegas. Matou uma professora. Em seguida, outras tentativas de ataque - frustradas - são noticiadas, deixando a sociedade brasileira perplexa, assustada. Isso não era coisa só dos EUA?

O receio suscitado faz todo sentido. Afinal, esses ataques - frustrados ou não - se somam a outros, pretéritos, como o caso de Suzano. Acrescente-se agora, porém, o agravante de que, parece, estarmos assistindo a uma espécie de onda, em que os ataques são quase simultâneos. É como se formassem uma rede e/ou tivessem sido acionados pelo(s) mesmo(s) gatilho(s). Em face desse quadro, quem quiser falar de “caso isolado” deverá acrescentar o “caso isolado da semana” ou, a depender do desenrolar dos fatos, o “caso isolado do dia”.

Como já se pode intuir, o fenômeno é complexo. Como tal, responde a mais de uma causa. Não resta dúvida. O que fazemos a seguir é expor apenas algumas dessas causas que julgamos como relevantes para o entendimento do problema.

Ao cidadão minimamente informado, certamente não passou despercebido o fato de que, nos últimos anos, o sistema educacional

¹⁵ Texto originalmente publicado em <https://agazeta.net/coluna-da-casa/a-politica-nossa-de-cada-dia/educacao-sob-ataque/>, em 30 mar. 2023. Aqui, ele segue com umas poucas alterações e acréscimos.

brasileiro está sob contínuo e intenso ataque. Da base ao topo, as instituições que encarnam o sistema educacional brasileiro vêm sendo tratadas como “espaços de doutrinação comunista” e de “depravação sexual” de crianças e jovens.

No Acre, uma candidata acusou - sem prova nenhuma, cabe dizer - as escolas de ensinarem e estimularem as práticas de pedofilia, incesto e zoofilia entre as crianças. Como respeitar o que é pintado assim, tão diabolicamente? No mesmo sentido de agressão política e moral, um ministro da educação do governo anterior acusou as Universidades Federais de plantarem maconha¹⁶ e produzirem droga sintética. Provas? Nenhuma, algo típico de seu grupo político. Foi condenado pela difamação¹⁷.

Qual o sentido de se comover com a morte de uma professora, se, por outro lado, promovem ataques políticos e morais à instituição de que ela faz parte? Como esperar que os profissionais da educação sejam respeitados, se a instituição de que fazem parte é covardemente achincalhada, atacada sem dó nem piedade?

Sintomaticamente, a hostilidade às instituições educacionais se deve, largamente, ao fato de aí serem tratados temas de fundamental importância para uma formação humana e cidadã. Contudo, ao contrário do que pensam uns tantos, tratar de temas políticos em sala de aula não significa “doutrinar” os estudantes e filia-los ideologicamente a dado partido político. Não mesmo.

Em verdade, tratar de temas políticos daria enorme contribuição a uma formação cidadã, educando os jovens no espírito democrático, tornando-os capazes de entender que a diversidade e a divergência

¹⁶ Ministro diz que há plantações de maconha em universidades; reitores criticam ataques e retórica agressiva | Educação | G1 (globo.com) Acesso em: 22 nov. 2019.

¹⁷ Ex-ministro Weintraub é condenado pela Justiça em MG por dizer que universidades fabricam drogas e cultivam maconha | Minas Gerais | G1 (globo.com) Acesso em: 05 mar. 2021.

existem - como fato social que independe de suas vontades - e devem ser tratadas com respeito, e não com preconceito e violência.

Como esperar dos estudantes espírito democrático, respeito e tolerância para com o diverso e para com a divergência, se se hostilizam as instituições que oferecem isso a eles?

Em linha de continuidade com o que foi discutido até aqui, durante o período da pandemia da Covid-19, vimos a ciência e os cientistas serem duramente atacados. É mister ser claro aqui. Como construção humana, a ciência - e os cientistas, por consequência - é passível de erros e, portanto, de críticas.

Entretanto, não foi isso o que se viu durante o período mais difícil da pandemia. Não era crítica. Era ataque. E os ataques de que a ciência foi alvo tinham por fundamento valores e interesses que nada tinham de científicos, como os valores e interesses políticos, econômicos e religiosos.

Ora, se não se respeita a ciência, como garantir respeito às instituições educacionais que têm por finalidade produzir, reproduzir e difundir ciência?

Cumpramos registrar a influência que os grupos de extrema direita exercem sobre os autores dos ataques às escolas. Por tudo o que se sabe sobre esses ataques, é possível mesmo dizer que são esses grupos extremistas que fornecem unidade político-ideológica aos operadores dos ataques.

Por certo, são grupos distintos. Contudo, guardam pontos de intersecção entre si. Postando-se à direita no espectro político, são grupos que se identificam como conservadores e expressam, sem meias palavras, visceral hostilidade ao diverso, à educação e à cultura.

Entre eles, destacam-se aqueles de forte ativismo. Pelo que dizem e fazem, mostram que interpretam a política em chave bélica. Mais claramente: confundem a política com a guerra. Por isso, não

surpreende que sejam defensores do armamentismo. Para eles, na política, não há adversário a vencer ou convencer. Há tão somente inimigos a submeter e, no fim, a eliminar.

A filiação ideológica de alguns dos perpetradores de ataques às escolas a esse grupo extremista fica patente nos símbolos que usavam. Entre esses símbolos, constava suástica e máscara de caveira, coisas características de grupos neofascistas.

Embora seja o objeto desses ataques, a educação continua sendo, sem sombra de dúvida, um elemento imprescindível para o enfrentamento exitoso desse mal. Mas só em parte. Isso porque, como deve ter ficado claro pela exposição acima, esse é um problema que nasce fora dos muros da escola e, depois, nela deságua.

Em razão disso, mais que ingênuo ou injusto, seria contraproducente esperar que a educação resolva, sozinha, um problema que não depende só dela. É preciso envolver o maior número possível de atores nessa luta. Entre outras coisas, é preciso restituir a dignidade e a respeitabilidade à educação e a seus agentes. É necessário, ainda, garantir autonomia para que possa cumprir suas funções de formação de profissionais e, não menos importante, de cidadãos entusiastas da democracia.

Armar os professores não seria uma saída, como alguns postulam?

Como professor, agente da educação, devo dizer que não gostaria de usar uma arma contra quem quer que fosse. Muito menos contra um aluno. Suponho falar por minha categoria nesse momento: nosso trabalho não é tirar a vida do estudante, e sim ajudá-lo a ganhar a vida, a vencer na vida.

As lições que me proponho ministrar são de respeito e saber, não de ódio e terror. Desejo que meus alunos me possam reconhecer por sempre andar com livros nas mãos, e nunca por andar com um revólver

na cintura. A eles, quero sempre fazer o bem; nunca o mal. Deles, quero sempre o respeito, nunca o medo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

G1. **Ministro diz que há plantações de maconha nas universidades; reitores criticam ataques e retórica agressiva.** Disponível *In* <Ministro diz que há plantações de maconha em universidades; reitores criticam ataques e retórica agressiva | Educação | G1 (globo.com)> Acesso em: 22 nov. 2019.

PIMENTEL, Thais. **Ex-ministro Weintraub é condenado por Justiça em MG por dizer que universidades fabricam drogas e plantam maconha.** Disponível *In* <Ex-ministro Weintraub é condenado pela Justiça em MG por dizer que universidades fabricam drogas e cultivam maconha | Minas Gerais | G1 (globo.com)> Acesso em: 05 mar. 2021.

5

AINDA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA AS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS¹⁸

Como pai e professor, desenvolvi o hábito diário de dizer à minha filha, antes de ela ir para a escola: “Já sabe, coração: nada de levantar ou conversar sem necessidade. Atenção ao que a professora diz”.

Qual não foi minha dor, nos últimos dias, ao ter que temperar o doce conselho de sempre com o amargor das seguintes palavras: “Há uns boçais enlouquecidos soltos por aí. Estão atacando as escolas, matando inocentes. Caso invadam sua escola, ouça e siga a professora. Procure um lugar seguro e se esconda. Proteja-se”. O coração estava mais apertado que o abraço matinal de sempre...

Depois do recente ocorrido, que pai ou mãe não foi tomada de assalto pela dilacerante dúvida: “Estou mandando meu filho para uma instituição educacional ou para um matadouro?”

No último texto (*Educação sob ataque*¹⁹) que escrevi sobre o tema da violência contra as instituições educacionais, com o cuidado e a responsabilidade que a ciência exige, chamava a atenção para o fato de que “parecia” estarmos diante de uma “onda”. Não se completou

¹⁸ Texto originalmente publicado em Ainda sobre violência contra as instituições educacionais - agazeta.net, em 08 abr. 2023. Aqui, ele segue com algumas poucas alterações e acréscimos.

¹⁹ Educação sob ataque - agazeta.net

uma semana de sua publicação e já outro caso, igualmente estarrecedor, ocorreu. Em Blumenau, um homem invadiu uma creche e matou quatro crianças. Outras tantas ficaram feridas.

Infelizmente, a hipótese do texto se mostrou correta. Pelos ataques ocorridos e pelos que foram frustrados, agora, já não há razão para usar a palavra “parece”. Estamos, de fato, diante de uma onda de violência contra as instituições educacionais.

Alguns se apressaram em dizer que o criminoso sofria um surto psicótico e/ou que havia cometido o ato em razão de um jogo. Eis algo curioso: esses alguns consideram que um jogo pode influenciar as pessoas a cometer atos violentos, mas a massiva e cotidiana incitação ao ódio por parte de lideranças políticas beligerantes, não.

Arrostando tais alegações, compete indagar: por que, mais uma vez, atacar uma instituição educacional? Por que agora, há tão pouco tempo de ouro ataque semelhante? A verdade é que o surto psicótico e o jogo referido podem até ser relevantes, mas não são suficientes para explicar os fatos.

A quase simultaneidade dos ataques torna difícil - senão impossível - a sustentação de que tudo é uma infeliz coincidência, que os casos não guardam mais que conexões aparentes entre si. De outra banda, para além da proximidade temporal entre os ataques, há um vasto campo de intersecção entre os agentes desses crimes, coisas que lhes dão indisfarçável unidade.

Esse é o caso do culto que prestam às armas, defendendo-as e exibindo-as como símbolos de *status* e poder. Ninguém pode glamourizar um símbolo de violência e morte sem que, no mesmo passo, glomourize também a violência e a morte.

Mais que à vontade, esses indivíduos devem ter ficado muito excitados nos últimos anos, em que a defesa da violência e da morte se fortaleceu e passou a ocupar os espaços oficiais, invadindo-nos pelos

olhos e pelos ouvidos *ad nauseam*. O solo era fértil e o clima, perfeito. A erva daninha vicejou. Certamente, viram que era possível passar das imagens e das palavras à ação. E assim o fizeram.

As estatísticas não deixam margem a dúvidas. Segundo levantamento da Universidade Estadual de Campinas²⁰, de 2002 a abril de 2023, foram contados 24 ataques violentos a escolas no Brasil. Sintomaticamente, o levantamento mostra que 72% desses ataques se deram de 2017 para 2023²¹. Indicativo da intensificação do ritmo, somente de 2022 a abril de 2023, o número de ataques já supera o número dos que ocorreram nas duas últimas décadas²².

Como ignorar o paralelo entre o aumento do número desses ataques e o fortalecimento da extrema direita entre nós? Não custa lembrar - e não há razão para se furtar à obrigação de dizer e repetir o óbvio - que esse grupo político, a um só tempo, vomita ódio, defende o armamentismo e ataca a educação.

Seria por mero acaso que, pelo menos, os responsáveis pelos ataques dos últimos anos exibiam símbolos fascistas e, ainda, estampavam em suas redes sociais fotos de líderes políticos da extrema direita? Outrossim, seria por mero acaso que alguns entre eles se apresentem como defensores de “Deus, pátria e família”²³, lema do fascismo e do neofascismo?

Que deus cuja sede pretendem aplacar com sangue de inocentes? Que pátria querem construir matando seus compatriotas? Que guerra acham que estão travando? Que família defendem matando jovens e

²⁰ Brasil tem 24 ataques em escolas em duas décadas; relatório cobra políticas públicas | Educação | G1 (globo.com) Acesso em: 05 abr. 2023.

²¹ Brasil vive alta de atentados em escolas e creches desde 2017 | Metrôpoles (metropoles.com) Acesso em: 08 abr. 2023.

²² Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil - BBC News Brasil Acesso em: 06 abr. 2023.

²³ Esse era o lema do “Integralismo”, definido por pesquisadores diversos como um fascismo à brasileira.

crianças inocentes, inermes? Mas não são exatamente eles que dizem querer defender as crianças? Como defender a vida, se o que fazem mesmo é promover a morte?

Além do vínculo ideológico com a extrema direita, do culto às armas, à violência e à morte, há ainda um elemento muito marcante a dar unidade a esses criminosos e que merece atenção. Trata-se do “traço cênico” que marca seu *modus operandi*. Ao lançar mão do termo “traço cênico”, quer-se destacar que eles pensam metodicamente seus atos - outra coisa, aliás, a tornar frágil a tese de surto²⁴ -, como quem prepara uma cena, um cenário, um espetáculo. Daí toda sua preocupação com os símbolos, os gestos e as palavras (escritas ou faladas).

Cada um age em um local. É óbvio. Mas todos eles almejam visibilidade a mais ampla possível, fama. Com a espetacularização da violência perpetrada, desejam a glória. Narcisistas carentes, os assassinos querem-se heróis. Infelizmente, alguns assim os verão. Considerando esse intento, bem agiu a parte da imprensa brasileira que fez uma cobertura comedida, sem conceder palco e holofotes a eles.

Depois do ocorrido, alguns parlamentares, nas mais diversas esferas, formularam propostas para lidar com o problema. São projetos muitos e variados²⁵. Um defende PMs armados nas escolas²⁶; outro,

²⁴ A propósito, após o ataque de Aracruz, seu autor foi para casa, guardou as armas, almoçou com os pais e, em seguida, foi para a casa de praia. Após matar quatro pessoas e deixar doze feridas, agiu como se nada tivesse ocorrido. É possível alegar, com alguma razão, que ele estivesse em surto? Sobre o assunto, ver Polícia diz que após ataque em Aracruz, atirador guardou armas, almoçou e seguiu para casa de praia com os pais | Espírito Santo | G1 (globo.com) Acesso em: 29 nov. 2022.

²⁵ Guarda armada, câmera e detector de metal: projetos de lei querem reforçar segurança nas escolas – Rádio Guaíba (guaiba.com.br) Acesso em: 06 abr. 2023.

²⁶ Vice-líder de Tarcísio na Alesp, deputado do MBL protocola projeto para colocar PMs armados nas escolas em SP | São Paulo | G1 (globo.com) Acesso em: 05 abr. 2023

detector de metais²⁷; e um terceiro, ainda, o uso de câmeras nas escolas. Houve até quem propusesse, mais uma vez, a bizarrice de professores armados²⁸.

Não há como negar que algumas dessas propostas até podem ajudar no enfrentamento do problema. Todavia, em que pese a diversidade que apresentam, todas elas padecem do mesmo mal, qual seja, o de estarem voltadas para atacar os efeitos, e não a causa do problema. Podem, no fim, até mesmo fortalecê-lo e torná-lo ainda maior.

Abstraindo da anemia de que sofre o orçamento da educação, suponhamos um cenário em que as escolas todas tenham professores armados, vigilantes também armados (policiais ou não) e detectores de metais. Imaginemos ainda que todas as escolas tenham cercas eletrificadas. Isso resolve o problema de segurança?

Somos obrigados a dizer que tal aparato não é, definitivamente, sinal de segurança, e sim de insegurança. Pois é isso o que de fato representa: insegurança, gritante insegurança, temor, pânico. No melhor dos cenários assim desenhado, a escola seria, no máximo, uma ilha de segurança rodeada e continuamente assediada por um mar revolto de insegurança. Ela jamais seria realmente segura. Por mais

²⁷ Deputado propõe detectores de metal em escolas para evitar entrada de armas (correiobrasiliense.com.br) Acesso em: 04 abr. 2023.

²⁸ Mesmo que seja espaço de esclarecimento e cultura, a escola não está imune aos problemas que afligem à sociedade de que ela é apenas uma diminuta parte. Sem pretensão de exaurir o tema, basta lembrar do professor que, por duas vezes, foi flagrado elogiando Hitler em sala de aula. Ainda recentemente, outro professor foi flagrado defendendo o ataque ocorrido em Blumenau e completou: “mataria uns 15, 20, entrar com dois facões, um em cada mão e pá, passar correndo e acertando”. Permitir que pessoas com essa índole andem armadas em seu local de trabalho só piora o problema. Ou não? Sobre os casos, ver: Professor é afastado pela segunda vez após elogiar Hitler em SC (uol.com.br) Acesso em: 16 abr. 2023; Secretaria de SC apura denúncia sobre professor que apoiou ataque a creche (correiobrasiliense.com.br) Acesso em: 07 abr. 2023.

robustos que fossem seus diques, jamais poderiam conter a fúria das ondas externas, ondas de extremismo.

A tomar a sério tais propostas, ao fim e ao cabo, terminaríamos por transformar nossas escolas em penitenciárias. Ademais, há aqui uma inversão. A escola não deve nem pode prover sua própria segurança. Antes, é o Estado e a sociedade que devem garantir a ela a segurança de que precisa para bem desempenhar suas funções.

Armar a escola para que ela mesma garanta sua segurança é uma proposta prima-irmã daquela outra que pressupõe que, se todos tiverem acesso às armas, todos estarão seguros. Maior que o erro, só mesmo o perigo que tais propostas implicam.

Importa nunca perder de vista essa verdade elementar e fundamental: a violência que, como uma onda, ora se levanta contra a escola, ameaçando engoli-la, não nasce em seu chão. Já sabemos que tal onda nasce na sociedade e, se quisermos atacar o problema em sua raiz, em suas causas, é, sobretudo, nesse terreno mais amplo que devemos atuar.

A essa altura, já deve ter ficado claro que o discurso de ódio só alimenta, justifica e incita a prática dos ataques às instituições educacionais. Se é assim, o amor figura como instrumento indispensável em nossa luta pela paz, pela segurança.

Paulo Freire costumava dizer que “Não se pode falar de educação sem amor” - e talvez, exatamente por isso, ele seja alvo de visceral ódio da extrema direita e dos que a ela se filiam ideologicamente, como os criminosos aqui em foco. Além de certa, sua frase se mostra atualíssima, indispensável nesses dias (ainda) de ódio que atravessamos.

Coerente com o que defendi até aqui, às palavras de Freire, acrescento as palavras de Guimarães Rosa, outro mestre: “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”. Atentos à

beleza e à força das palavras de Guimarães Rosa, Lenine e Queiroga escreveram uma linda canção: *Amor é pra quem ama*. E é com seus versos que concluo essa reflexão sobre esse tema:

“Qualquer amor já é
Um pouquinho de saúde
Um montão de claridade
Contribuição
Pra cura dos problemas da cidade [...]
Luz do sol da noite escura [...]

(Oswaldo Lenine Macedo Pimentel /
Luiz De Franca Guilherme De Queiroga).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURÃES, Mariana. **Professor é afastado pela segunda vez após elogiar Hitler em Santa Catarina**. Disponível In <Professor é afastado pela segunda vez após elogiar Hitler em SC (uol.com.br)> Acesso em: 16 abr. 2023.

FELICE, Raphael. **Deputado propõe detectores de metal es escola para evitar entrada de armas**. Disponível In <Deputado propõe detectores de metal em escolas para evitar entrada de armas (correiobrasiliense.com.br)> Acesso em: 04 abr. 2023.

FRAZÃO, Fernando. **Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil**. Disponível In <Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil - BBC News Brasil> Acesso em: 06 abr. 2023.

LOPES, Viviane e OLIVEIRA, Fabiana. **Polícia diz que após ataque em Aracruz atirador guardou armas, almoçou e seguiu para casa de praia com pais.** Disponível *In* <Polícia diz que após ataque em Aracruz, atirador guardou armas, almoçou e seguiu para casa de praia com os pais | Espírito Santo | G1 (globo.com)> Acesso em: 29 nov. 2022.

RORIZ, Giulia. **Ataques em creches: como conversar com crianças sobre o assunto?** Disponível *In* <Ataques em creches: como conversar com crianças sobre o assunto? | Metrôpoles (metropoles.com)> Acesso em: 08 abr. 2023.

SANTOS, Emily. **Brasil tem 24 ataques em escolas em duas décadas; relatório cobra políticas públicas.** Disponível *In* <Brasil tem 24 ataques em escolas em duas décadas; relatório cobra políticas públicas | Educação | G1 (globo.com)> Acesso em: 05 abr. 2023.

SOUZA, Talita de. **Secretaria de SC apura denúncia sobre professor que apoiou ataque a creche.** Disponível *In* <Secretaria de SC apura denúncia sobre professor que apoiou ataque a creche (correiobrasiliense.com.br)> Acesso em: 07 abr. 2023.

STABILE, Arthur. **Vice-líder de Tarcísio na Alesp, deputado do MBL protocola projeto para colocar PMs armados nas escolas de SP.** Disponível *In* <Vice-líder de Tarcísio na Alesp, deputado do MBL protocola projeto para colocar PMs armados nas escolas em SP | São Paulo | G1 (globo.com)> Acesso em: 05 abr. 2023.

SZEKIR, Tom. **Guarda armada, câmera e detector de metal: projetos de lei querem reforçar segurança nas escolas.** Disponível *In* <Guarda armada, câmera e detector de metal: projetos de lei querem reforçar segurança nas escolas – Rádio Guaíba (guaiba.com.br)> Acesso em: 06 abr. 2023.

6

AS REDES (ANTI)SOCIAIS E AS LIBERDADES OPRESSORAS²⁹

Diz a verdade aquele que define os ataques a nosso sistema educacional³⁰ como *atos de violência*. Com isso, porém, diz apenas meia-verdade e pode, no fim das contas, mais complicar do que explicar. Isso porque, geralmente, esse tipo de definição tende a individualizar os atos, atribuindo-os a surtos e/ou a perversões individuais.

Consideramos ponto pacífico que esses e outros fatores possam ajudar a explicar o fenômeno que hoje nos assusta, deitando luz sobre um ou outro caso. Todavia, as explicações que se alicerçam unicamente em fatores individuais como esses excluem ou ocultam os fundamentos sociais que animam e unificam esses atos. Por essa razão, advogamos que é mais preciso defini-los como *atos de violência política*.

²⁹ Texto originalmente publicado em *As redes (anti)sociais e as liberdades opressoras* - agazeta.net, em 19 abr. 2023. Aqui, ele segue com umas poucas alterações e acréscimos.

³⁰ Desde que começamos a tratar desse tema, temos insistido - a princípio, intuitivamente, por meio de hipótese - que não se tratava de ataques que, um tanto aleatoriamente, se voltavam contra escolas. Hoje, parece-nos inegável que é uma onda de violência que se levanta, premeditadamente, contra todo o sistema educacional brasileiro, pois que alveja instituições públicas e privadas, civis e cívico-militares, em todos os seus níveis (creches, ensinos fundamental, médio e superior).

Entre outras coisas, o que nos leva a essa definição é a percepção de que, para os agentes desses atos, a violência, *per si*, não é o verdadeiro objetivo. A bem da verdade, ela é apenas um *meio* de que se valem para atingir um determinado *fim*.

Em contraste, os que têm na violência, tomada em si, seu verdadeiro objetivo não costumam expor seus planos, fazendo estardalhaço. Não frequentariam as redes sociais, tornando públicos local, data e hora. Ao contrário. Eles bem sabem que há muito mais chances de lograr êxito em seus intentos se os ocultarem de todos e principalmente de suas possíveis vítimas.

Também não é seu costume cobrir a violência que praticam com aura mística. E mais. Entre as razões que os animam, nada há que sirva de ponte entre eles e desconhecidos, situados em outras latitudes, permitindo que se crie uma espécie de rede ou comunidade entre eles.

Muito diverso é o fenômeno de violência que ora temos sob os olhos. Seus agentes atuam como em rede - mesmo que em uma rede informal e sem centro de comando bem definido -, em que se irmanam e influenciam mutuamente. Fitando as coisas a partir desta ampla perspectiva, é mais que razoável dizer que há certo nível de coordenação entre eles, sem a qual não veríamos sincronia e confluência no que fazem.

É através dos ataques que perpetram que os indivíduos atestam seu pertencimento ao grupo e expressam comunhão de ideais e valores, que, por certo, requerem violência, mas - *conditio sine qua non* para um bom entendimento do tema - não qualquer violência, não de qualquer jeito. Almejam violência glamourizada, espetacularizada, algo que lhes permita se sentir e se apresentar a seus consortes como “heróis” ou “mártires” - “kamikazes”, talvez - de uma grande causa comum.

Eis a razão para buscarem, inclusive de forma algo patética, visibilidade para seus atos de violência. Há que sublinhar que não

apenas os ataques realizados, mas até os ataques frustrados ou mesmo as simples ameaças, se geram pânico e lhes garantem visibilidade, já lhes servem. Por isso, as redes sociais são tão importantes para eles. Por também eles serem importantes para elas (as redes sociais), pelo engajamento que geram, temos um infeliz e perigoso conúbio, figurando a extrema direita como uma espécie de proxeneta de tão abjeta cópula.

Nos últimos anos, de ascensão da extrema direita em todo o globo e no Brasil, o que era do esgoto da política passou a reclamar não apenas o direito de existência, mas até o direito de ameaçar nossa existência. Analogamente ao que ocorre nas esferas mais tradicionais da política (eleições, partidos, parlamento etc.), também na *internet* o que era de seu submundo vem à superfície e apresenta-se desabridamente, orgulhosamente. Hoje, as redes sociais são espelho e vitrine desses perigosos Narcisos, enamorados de si mesmos, onde se refletem e se expõem aos olhos dos outros.

Entre outras coisas, isso indica que os sujeitos desses atos se sentem suficientemente confiantes para assim agir. Os valores e os ideais que os encorajam e unem, a seu juízo, formam consenso, ponto de convergência relativamente sólido. Jamais fariam isso se não se sentissem amparados pelos discursos, práticas e espaços/estruturas das redes sociais e da extrema direita, à qual se filiam ideologicamente.

Anteriormente, vimos que alguns setores da imprensa brasileira decidiram fazer uma cobertura cautelosa dos atentados e evitar, ao máximo, dar visibilidade aos criminosos. Com parte da imprensa tradicional agindo assim, restou ao Ministério da Justiça marcar uma reunião com representantes das redes sociais, onde tudo corre mais

solto. Entretanto, algumas se negaram a ajudar, arrolando dificuldades várias. Esse foi destacadamente o caso do *Twitter* (atual *X*)³¹.

Na reunião, a equipe do governo informou que várias postagens circulavam, estimulando atentados com fotos e vídeos. Em resposta, a representante do *Twitter* deu de ombros. Alegou que nada disso feria os termos de uso da plataforma e, assim sendo, não poderia tomar providências a respeito.

E desde quando os termos de uso estão acima de nossa Constituição? Desde quando os ditos termos estão acima da segurança e da vida dos indivíduos?

Como se pouco fosse, todos os que pediam informações sobre o assunto à plataforma passaram a receber um *emoji* de cocô como resposta³². Um país inteiro, agredido e aturdido, diante de avassaladora onda de violência contra seu sistema educacional, recebe um *emoji* de cocô. As vítimas - entre elas, crianças cujos corpos ainda nem bem esfriaram - recebem nada mais que um *emoji* de cocô do *Twitter*.

Em termos coloquiais, porém muito precisos, isso significa que a plataforma e seu dono estão cagando para o Brasil.

O *TikTok* não chegou a esse nível de desprezo, mas também não ajudou muito. Segundo a agência de checagem *Aos fatos*³³, a plataforma “permite *trend* que mistura *K-pop* e ameaças a escolas para viralizar”. Em seu levantamento, a citada agência “identificou 45 vídeos com lista de supostos alvos de ataques circulando na plataforma no dia 10 de abril, somando quase 5,6 milhões de visualizações”. Mesmo após várias denúncias, apenas 7 desses vídeos foram excluídos.

³¹ MPF cobra Twitter após recusa em excluir posts sobre violência (uol.com.br) Acesso em: 15 abr. 2023.

³² <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2023/03/21/twitter-resposta-jornalistas.htm> Acesso em: 21 abr. 2023.

³³ <https://www.aosfatos.org/bipe/tiktok-trend-ameacas-a-escolas/> Acesso em: 13 abr. 2023.

Não se sabe se foram retirados por quem postou ou pela plataforma. Nada disso impediu que a *trend* tivesse um aumento de 50% de suas visualizações, chegando a 8,6 milhões.

Coisas como essas reforçam a necessidade de encararmos essas plataformas como o que de fato são, isto é, empresas de caráter colonialista (daí quererem submeter as Constituições dos diversos países a seus termos de uso) que visam primordialmente ao lucro. E se, porventura, a polêmica, a mentira e a violência lhes trouxerem lucro, não pensarão duas vezes em acolhê-las e reproduzi-las. A liberdade político-moral que evocam é, na verdade, a liberdade de continuar lucrando sem serem incomodadas pelo que quer que seja.

Essa é uma das razões para a extrema direita se dar tão bem nas redes sociais. Uma serve muito bem a outra e vice-versa. Seus preconceitos e frases de ódio se alastram como fogo em mato seco. Suas mentiras são explosivas. Ameaçam a democracia e viralizam. Ameaçam a vida e viralizam. Assim Trump, lá nos EUA. Assim Bolsonaro, aqui no Brasil.

De acordo com o site *PolitiFact*, “69% das declarações de Trump [enquanto presidente, foram] predominantemente falsas, falsas ou mentirosas” (D’ANCONA, 2018, p. 20). Embora tenha sido banido do *Twitter* por ter incitado ataques ao Capitólio, numa tentativa de golpe de Estado nos EUA, Elon Musk reativou sua conta após comprar a rede³⁴. Por seu turno, conforme atesta o site *Aos Fatos*, Bolsonaro fez nada menos que 6.676 declarações falsas ou distorcidas ao longo de seus quatro anos de mandato, uma média de 4,58 por dia³⁵. Nada que

³⁴ Elon Musk reativa conta de Trump no Twitter após enquete com usuários | Mundo | G1 (globo.com) Acesso em: 20 nov. 2022.

³⁵ Ao longo de quatro anos, Bolsonaro mentiu 4,58 vezes por dia | Aos Fatos Acesso em: 02 jan. 2023.

surpreenda vindo daquele que afirmou que “*Fake news* faz parte da nossa vida”³⁶.

Em linha de continuidade, pesquisa recente do *Instituto Igarapé* aponta que “32% do conteúdo monitorado na *internet* durante os meses de campanha eleitoral, em 2022, buscavam descredibilizar o sistema eleitoral”³⁷. O levantamento *Pulso da Desinformação* destaca o protagonismo da extrema direita em mais esse ataque à democracia brasileira. Não é liberdade de expressão. É desinformação, com vistas a criar um clima de desconfiança bastante nefasto para a democracia.

Inafastável, uma conclusão se impõe: as redes sociais são, também e essencialmente, redes antissociais. Se ecoam muitas vozes, nem todas elas são pacíficas e democráticas; se integram, integram conflitivamente. Se acolhem, acolhem manipulando e expondo a perigos muitos. Ameaçam esgarçar o tecido social. Compreensivelmente, assumem um formato que fica entre o caos e o cenário definido por Thomas Hobbes como *bellum omnium contra omnes* (“guerra de todos contra todos”).

Tanto as redes sociais quanto os extremistas de direita costumam reivindicar a liberdade³⁸ para justificar suas ações. Declaram-se liberais. E, sob certo prisma, de fato o são. São liberais em uma das mais horrendas dimensões do liberalismo, aquela em que a liberdade de uns se afirma negando a liberdade de outros. Querem-nos tolerantes para com suas intolerâncias.

³⁶ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/14/fake-news-faz-parte-da-nossa-vida-nao-precisamos-regular-diz-bolsonaro.htm> Acesso em: 22 set. 2021.

³⁷ Um terço de postagens buscava descredibilizar sistema eleitoral (correio braziliense.com.br) Acesso em: 17 abr. 2023.

³⁸ <https://veja.abril.com.br/tecnologia/sob-direcao-de-musk-twitter-enfrenta-dilemas-da-liberdade-de-expressao/> Acesso em: 15 nov. 2022.

Ao dar a sua dominância sem peias o nome de liberdade, batizam feio rebento com bonito nome. Côncios de que a linguagem toma parte nas relações de poder, para afirmá-las ou infirmá-las, importa que adjetivemos essas liberdades com precisão. Não se escandalize ou se confunda o vulgo com o aparente paradoxo: são liberdades opressoras. Assim porque não são liberdades que regulem ou limitem as relações de domínio, como em tempos e circunstâncias, que já longe se vão, em que a burguesia agia de modo progressista e mesmo revolucionário, procurando conter os abusos por parte do Estado e da Igreja.

Em verdade, são liberdades funcionais às relações de domínio. Isto é, alimentam as relações de poder, ao mesmo tempo em que são por elas alimentadas. Ora, justamente por isso, esse tipo de liberdade se choca frontalmente com a democracia, sistema político-social que pressupõe igualdade entre os indivíduos e proteção a todos contra os abusos de poder.

Ao reivindicarem liberdade, redes sociais e extremistas de direita fazem lembrar pequena anedota que Marx (2007) conta sobre um ianque que visitava a Inglaterra. Na “terra da rainha”, foi impedido de açoitar seu escravo por um juiz. Indignado, o ianque gritou: “*Dou you call a land of liberty, where a man can’t larrup his nigger?*” [A isso você chama de país livre, onde um homem não pode surrar seu próprio negro?]. No fundo, é esse tipo de liberdade que defendem. A liberdade do racista ser racista, do homofóbico ser homofóbico, do machista ser machista, do intolerante ser intolerante, do mentiroso ser mentiroso e propagar mentiras etc.

Sobre a violência que nos ameaça, Elon Musk (dono do *Twitter*) poderia usar a mesma frase que usou sobre o golpe de Estado que ajudou a dar na Bolívia: “Nós vamos dar golpe em quem quisermos!”

Lide com isso”³⁹, respondeu ele a um internauta que o indagou sobre o episódio.

Ontem, os golpeados foram os bolivianos. Tiveram seus votos cassados. Muitos aplaudiram. Afinal, era Evo Morales, um “esquerdista”, que havia sido derrubado. Hoje, os golpeados somos nós, brasileiros, incluindo nossos jovens e nossas crianças. Quem vai aplaudir? Quem vai chorar? E, principalmente, quem vai lutar contra isso?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL DE FATO. **“Vamos dar golpe em quem quisermos”, diz Elon Musk, dono da Tesla, sobre a Bolívia.** Disponível In <<https://www.brasilefato.com.br/2020/07/25/vamos-dar-golpe-em-quem-quisermos-elon-musk-dono-da-tesla-sobre-a-bolivia>> Acesso em: 25 set. 2020.

BOTOLON, Bianca, RUDNITZKI, Ethel e MANGABEIRA, Milena. **TikTok permite trend que mistura K-Pop e ameaças a escolas para viralizar.** Disponível In <TikTok permite trend que mistura k-pop e ameaças a escolas | Aos Fatos> Acesso em: 13 abr. 2023.

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news.** Barueri: Faro Editorial, 2018.

GALVANI, Giovanna. **Twitter manda resposta automática com emoji de cocô a jornalistas.** Disponível In <Twitter implementa resposta automática com emoji de cocô a jornalistas (uol.com.br)> Acesso em: 21 abr. 2023.

³⁹ <https://www.brasilefato.com.br/2020/07/25/vamos-dar-golpe-em-quem-quisermos-elon-musk-dono-da-tesla-sobre-a-bolivia> Acesso em: 25 set. 2020.

GIANNINI, Alessandro. **Sob direção de Musk, Twttr enfrenta polêmicas da liberdade de expressão.** Disponível *In* <Sob direção de Musk, Twitter enfrenta polêmicas da liberdade de expressão | VEJA (abril.com.br)> Acesso em: 15 nov. 2022.

G1. **Elon Musk reativa conta de Trump no Twitter após enquete com usuários.** Disponível *In* <Elon Musk reativa conta de Trump no Twitter após enquete com usuários | Mundo | G1 (globo.com)> Acesso em: 20 nov. 2022.

MALCHER, Ândrea. **Um terço de postagens busca descredibilizar sistema eleitoral.** Disponível *In* <Um terço de postagens buscava descredibilizar sistema eleitoral (correio braziliense.com.br)> Acesso em: 17 abr. 2023.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

NETTO, Paulo Roberto e NETTO, Paulo Roberto e. **MPF cobra Twitter após recusa em excluir posts sobre violência em escolas.** Disponível *In* <MPF cobra Twitter após recusa em excluir posts sobre violência (uol.com.br)> Acesso em: 15 abr. 2023.

RIBEIRO, Amanda. **Bolsonaro mentiu mais de quatro vezes por dia durante governo.** Disponível *In* <Ao longo de quatro anos, Bolsonaro mentiu 4,58 vezes por dia | Aos Fatos> Acesso em: 02 jan. 2023.

UOL. **“Fake News faz parte da nossa vida. Não precisamos regular”, diz Bolsonaro.** Disponível *In* <Bolsonaro: 'Fake news faz parte da nossa vida. Não precisamos regular' (uol.com.br)> Acesso em: 22 set. 2021.

7

“DOCTRINAÇÃO” E “DISCIPLINA” NAS ESCOLAS⁴⁰

Nos últimos dias, mais uma vez, a educação esteve no centro do debate político. Correspondendo a episódios distintos, as discussões giraram em torno de dois eixos, aparentemente antitéticos: “doutrinação” e “disciplina”.

No primeiro desses episódios, dando provas do vigor de seu preconceito de sempre, assim como de seu ódio, Eduardo Bolsonaro comparou os professores a traficantes e sequestradores. Mais precisamente, ele afirmou que os professores são “piores que os traficantes”. Segundo alega, os professores colocam seu ofício de educador a serviço da “doutrinação” e sequestram os filhos de seus pais.

Impossível deixar de observar que, no atual contexto de ataques às escolas e aos educadores, as palavras de Eduardo Bolsonaro podem soar como um chamado à violência, impedindo que demarquemos, sem margem a dúvidas, a fronteira entre a irresponsabilidade e a maldade por parte do deputado.

Afinal, como deveriam agir os pais que soubessem que seus filhos estão sendo educados por pessoas ainda “piores que traficantes”? Se os pais amam seus filhos, e o perigo que estes correm é assim,

⁴⁰ Texto originalmente publicado em Israel Souza, Autor em agazeta.net - Página 2 de 3, em 21 jul. 2023. Aqui, ele segue com algumas poucas alterações e acréscimos.

gigantesco e diabólico, quem haveria de culpá-los caso venham a usar de violência física contra os professores, os “sequestradores” de seus filhos? E é aí que o ódio recruta o amor para sua causa.

Temos a mais absoluta certeza de que nenhuma das questões acima é despropositada. Em um evento pró-armas, ele falava a um grupo de CACs (Caçadores, Atiradores e Colecionadores), pessoas muito afagadas durante o governo de seu pai e, certamente em razão disso, muito ativas nos atos terroristas⁴¹ que se deram após a conclusão do pleito presidencial do ano passado.

Alguém pode dizer que as coisas não são bem assim; que Eduardo Bolsonaro fazia referência aos “professores doutrinadores”, e não a todos os professores. Em verdade, ele afirma categoricamente que os “professores doutrinadores” são piores do que os traficantes porque “enxergam opressão em todo o tipo de relações”. Em suas próprias palavras:

Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando a opressão em todo o tipo de relação. Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída⁴².

Suas afirmações são ricas em implicações. Não temos tempo nem espaço para uma exegese completa de todas elas. Assim sendo,

⁴¹ <https://www.ocafezinho.com/2023/07/16/cacs-armados-se-articularam-nos-atos-terroristas-apos-derrota-de-bolsonaro/> Acesso em: 16 jul. 2023.

⁴² <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-compara-professores-a-trafficantes-pf-deve-analisar-fala/> Acesso em: 11 jul. 2023.

trataremos de apenas alguns pontos, os que consideramos mais relevantes.

Ainda que de passagem, vale registrar que faz décadas o país vem vivendo sob polarização política. De tal sorte que, em dado momento, houve mesmo quem defendesse que PT e PSDB pareciam expressar por essas latitudes aquilo que Republicanos e Democratas representam nos EUA, pois que diversas eleições foram decididas entre eles. Todavia, nada nessa disputa lembrava - nem mesmo de longe - aquilo que se configurou com a formação e o fortalecimento do bolsonarismo.

A polarização trazida pelo bolsonarismo é radicalizada, conformando uma espécie de espiral de ódio e violência. Amizades foram desfeitas, famílias foram divididas, vidas foram tiradas, tentativas de golpe de Estado foram postas em marcha. Não foram os “professores doutrinadores” que criaram essas discórdias e divisões. Foi o grupo que os acusa disso que criou.

Salta aos olhos a centralidade da tal “doutrinação” nas acusações dirigidas contra os professores. Mas o que isso significa, eles nunca explicam a contento. E, desse modo, uma deficiência do ponto de vista científico - a imprecisão ou indefinição do que vem a ser “doutrinação” - acaba por se transformar numa vantagem do ponto de vista político. Já que não há definição precisa, tudo pode caber na caixinha da “doutrinação”, mudando conforme as circunstâncias e ao sabor do cliente. Por trás da fluidez do sentido de “doutrinação”, vigora, intransigente, o açoitado político que ameaça e fere, num mesmo movimento, os professores e a ciência.

Bem sabemos que o universo científico, para o bem e para mal, não é unívoco. Há dissensos. Entretanto, de acordo com a maior parte dos cientistas, a solidez de uma democracia depende do combate às desigualdades de classes, de gênero e “raça”, entre outras. Outrossim, a

maior parte dos cientistas advoga a urgência de se cuidar das questões ambientais, a fim de garantir a manutenção das condições da vida no planeta.

Em certo sentido, essas questões, de tão óbvias, se tornaram uma espécie de truísmo nas ciências. Pela ótica bolsonarista, tudo isso seria doutrinação pelo simples fato de tratar de temas que eles ignoram ou negam. Em consequência, todos os professores e pesquisadores seriam doutrinadores, passíveis de serem tratados como piores que traficantes, tão somente por lidarem com questões exigidas por suas disciplinas.

Para os bolsonaristas, desnudar, refletir e denunciar as relações de exploração e opressão seria... opressão... Aqueles que ignoram ou justificam a opressão fariam o certo. Não seriam opressivos. Aqueles que denunciam a opressão fariam o errado. Seriam doutrinadores, opressivos. Averso do avesso!

Emblemático dos perigos que esse modo de proceder suscita foi o episódio em que um professor foi agredido por ter repreendido um aluno que fez saudação nazista. Em resposta, o pai do aluno agrediu o professor⁴³. Nas mãos dos que assim pensam e agem, o certo vira errado e o errado vira certo. Averso do avesso! Mau é o que educa. Bom é o que deseduca. A filiação político-moral interdita, não apenas os postulados, mas até o debate científico. Não se pode nem ao menos colocar certas questões.

O julgamento que fazem da atuação dos professores não é epistêmico, isto é, não é científico. Tampouco é pedagógico. Em verdade, é um julgamento essencialmente político-partidário, moralista. Pouco importa se a atuação dos professores está de acordo com a área científica a que eles pertencem. Se não estiver de acordo com os valores políticos desse grupo, então estão errados e merecem ser atacados moral

⁴³ <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/professor-e-agredido-por-pai-de-aluno-no-parana-apos-reprender-gesto-nazista1> Acesso em: 10 jul. 2023.

e fisicamente. Numa tacada só, estão interdidas a ciência e a democracia.

Coincidência perigosa é que esse grupo reivindica como liberdade o direito de desinformar, mentir e até agredir, enquanto, por outro lado, procura impedir que os professores cumpram bem seu ofício em sala, negando-lhes o mais elementar direito/dever de ensinar.

O segundo episódio que colocou a educação no centro do debate deixa ainda mais evidente o caráter político-partidário das discussões. Trata-se da decisão do governo Lula de encerrar o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim). Os bolsonaristas não gostaram da decisão e esbravejaram, como esperado.

O primeiro ponto a destacar é que não deixa de desconcertar ver esse grupo se preocupar e sair em defesa da educação. Mas não da educação em geral, claro. Eles saíram em defesa de um tipo de escola muito vinculado a Bolsonaro e diretamente ligado aos militares.

Ninguém ouviu essas vozes reverberarem em defesa da educação quando Bolsonaro vetou, integralmente, o projeto que assegurava internet grátis a professores e alunos das escolas públicas⁴⁴. O projeto teria, no mínimo, diminuído os impactos da pandemia sobre o aprendizado dos estudantes pobres.

Ainda da parte desse grupo, o silêncio prevaleceu quando Bolsonaro vetou a recomposição da verba destinada à merenda escolar. Já fazia 7 anos que o valor do Programa Nacional de Alimentação Escolar não era recomposto. Em algumas escolas, maiormente naquelas de estados e cidades mais pobres, a merenda era suco e bolacha⁴⁵. E

⁴⁴ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/19/bolsonaro-veta-integralmente-projeto-que-assegura-internet-gratis-a-alunos-e-professores-da-rede-publica.ghtml> Acesso em: 19 mar. 2021.

⁴⁵ <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/09/11/bolacha-e-suco-sem-reajuste-ha-5-anos-merenda-se-torna-lanche-em-escolas.htm> Acesso em: 20 set. 2022.

como é difícil, senão impossível, alimentar o espírito quando o corpo é que grita por alimento.

Há que se dizer ainda que, toda vez que havia cortes orçamentários no governo anterior, a educação (juntamente com ciência e tecnologia) era a área mais afetada - sem contar os contingenciamentos⁴⁶. Universidades e institutos federais estiveram na iminência de fechar suas portas, à míngua⁴⁷.

Nada disso, porém, que afetou milhares de escolas e milhões de estudantes despertou a indignação dos que hoje vociferam contra o encerramento do Pecim. Segundo dados do MEC, há apenas 200 escolas cívico-militares em todo o território nacional, representando nada mais que 0,1% do total de escolas existentes⁴⁸.

Então por qual motivo os bolsonaristas se preocupariam tanto com essas poucas escolas e ignorariam todas as calamidades que se abatiam sobre toda a educação no governo de seu líder?

A resposta é bem simples. Como no episódio primeiro, também neste segundo a questão é fundamentalmente política. Eles alegam que não; que defendem as escolas cívico-militares por sua qualidade de ensino. E o segredo, afirmam, estaria na “disciplina”. Como haveria disciplina (ordem e respeito) nessas escolas, os alunos aprenderiam melhor.

A bem da verdade, até onde sabemos, não há nenhum estudo sério que defenda que apenas a “disciplina” seja responsável por um melhor aprendizado. De igual maneira, até onde sabemos, também não

⁴⁶ Os cortes na Educação no atual governo - Jornal Opção (jornalopcao.com.br) Acesso em: 15 dez. 2022.

⁴⁷ Cortes deixam 17 universidades federais com risco de parar em 2022 (ig.com.br) Acesso em: 02 ago. 2022.

⁴⁸ https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/07/14/interna_politica,1520204/lula-sobre-escolas-civico-militares-se-cada-estado-quiser-criar-crie.shtml Acesso em: 15 jul. 2023.

há nenhum estudo sério que defenda que apenas nas escolas militares ou cívico-militares há disciplina. Toda escola tem sua disciplina. Umas com mais e outras com menos rigor, mas todas elas com disciplina.

Além do mais, os defensores das escolas cívico-militares, convenientemente, ignoram questões estruturais de grande relevância como: a melhor estrutura que elas têm, o melhor salário dos professores e, não menos importante, o fato de que aí o gasto por aluno é três vezes maior do que nas escolas civis⁴⁹.

Chama a atenção o fato de que aqueles que prezam pelo respeito e pela ordem nas escolas cívico-militares são os mesmos que insuflam a indisciplina e o desrespeito nas outras. Alguém imagina Eduardo Bolsonaro definindo os professores das escolas cívico-militares como “sequestradores” e “piores que traficantes”? Imagino que não. Porque é um tipo de escola em que a educação, de caráter mais conservador, representa bem seus valores morais e políticos. Só.

Isso é prova cabal de que, a despeito do que pretendem fazer parecer, “disciplina” não é o contrário de “doutrinação”. Não. É exatamente o inverso. Expliquemos.

Há muito mais diversidade nas escolas civis, sendo impossível a qualquer grupo monopolizar as visões de mundo que aí tomam lugar. Há muito mais liberdade nas escolas civis do que nas escolas cívico-militares. Nas escolas civis, mesmo adotando fardas, os estudantes gozam de muito mais liberdade de como se vestir e paramentar. Daí a diversidade em seus corpos, com brincos, tatuagens, cortes de cabelo, adereços etc.

Essa mesma liberdade refletida em seus corpos tem lugar nas salas de aula, na relação com os professores, sendo parte essencial do processo de aprendizado. Em razão dos parâmetros pedagógicos que

⁴⁹ <https://porvir.org/estudantes-de-colegios-militares-custam-tres-vezes-mais-ao-pais/> Acesso em: 03 jan. 2020.

seguem, as escolas civis devem encorajar o pensamento livre e, portanto, os questionamentos dos estudantes. Acreditamos que só assim eles serão capazes de desenvolver um espírito crítico e autônomo. Num ambiente assim, diverso e efetivamente livre, tudo aponta na direção oposta do que vem a ser doutrinação.

Doutrinação mesmo, no sentido de um conjunto de regras e/ou princípios que estão a serviço da homogeneização forçada de gostos e comportamentos, corpos e mentes, viceja, sobretudo, nos ambientes em que a disciplina é inimiga da liberdade e os indivíduos, a exemplo das mercadorias, são “produzidos” em série.

Bem. Mas aí, nesse caso, já não estaríamos falando de sujeitos, e sim de objetos, coisas. Já não falaríamos de educação, e sim de adestramento. Educador que se preze não confunde respeito com temor, nem toma disciplina como sinônimo de imposição bruta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDES. **Professor é agredido por pai de aluno no Paraná após repreender gesto nazista.** Disponível *In* <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/professor-e-agredido-por-pai-de-aluno-no-parana-apos-repreender-gesto-nazista1>> Acesso em: 10 jul. 2023.

CNN. **Eduardo Bolsonaro compara professores a traficantes; PF deve analisar fala.** Disponível *In* <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-compara-professores-a-trafficantes-pf-deve-analisar-fala/>> Acesso em: 11 jul. 2023.

ESTADO DE MINAS. **Lula sobre escolas cívico-militares:** “Se cada estado quiser criar, crie”. Disponível *In* <Lula sobre escolas cívico-militares: 'Se cada estado quiser criar, crie' - Política - Estado de Minas> Acesso em: 15 jul. 2023.

- G1. **Bolsonaro veta integralmente projeto que assegura internet grátis a alunos e professores da rede pública.** Disponível *In* <Bolsonaro veta integralmente projeto que assegura internet grátis a alunos e professores da rede pública | Política | G1 (globo.com)> Acesso em: 19 mar. 2021.
- MEDEIRO, Carlos. **Sem reajuste a 5 anos, merenda vira bolacha e suco em cidades pobres.** Disponível *In* <Sem reajuste há 5 anos, merenda vira bolacha e suco em escolas (uol.com.br)> Acesso em: 20 set. 2022.
- MEIRA, Rhyan. **CACs armados se articulam nos atos terroristas após derrota de Bolsonaro.** Disponível *In* <<https://www.ocafezinho.com/2023/07/16/cacs-armados-se-articularam-nos-atos-terroristas-apos-derrota-de-bolsonaro/>> Acesso em: 16 jul. 2023.
- O GLOBO. **Cortes deixam 17 universidades federais com risco de parar em 2022.** Disponível *In* <Cortes deixam 17 universidades federais com risco de parar em 2022 (ig.com.br)> Acesso em: 02 ago. 2022.
- PORVIR. **Estudantes de colégios militares custam três vezes mais ao país.** Disponível *In* <<https://porvir.org/estudantes-de-colegios-militares-custam-tres-vezes-mais-ao-pais/>> Acesso em: 03 jan. 2020.
- SANTOS, Nielton Soares dos. **Os cortes na educação no atual governo.** Disponível *In* <Os cortes na Educação no atual governo - Jornal Opção (jornalopcao.com.br)> Acesso em: 15 dez. 2022.

8

A FORÇA E O SIGNIFICADO DO NEGACIONISMO⁵⁰

A despeito do que a palavra possa sugerir, nem só de negação pura e simples vive o negacionismo. Tampouco é um fenômeno de falta de conhecimento, como se os que nele tomassem parte o fizessem por mera ignorância. Definitivamente, não.

A bem da verdade, o fenômeno social do negacionismo é complexo. Geralmente, envolve, como numa teia, as dimensões do conhecimento e da política. Ora, vencer os desafios da ignorância é tarefa hercúlea, dado que sua magnitude e força inercial tendem a perpetuá-la. Da mesma maneira que conhecimento leva a mais conhecimento, ignorância leva a mais ignorância. E ocorre que o elemento político que com ela se irmana no negacionismo torna essa tarefa ainda mais difícil.

Em primeiro lugar, porque os grupos políticos que se beneficiam do negacionismo estimulam e propagam ignorância, valendo-se dele como *estratégia política* e como *capital político*. Ou seja, para esses grupos, o negacionismo é *instrumento e ganho político* ao mesmo tempo. Tal mostra, então, que nem todos os negacionistas são ignorantes, no sentido preciso do termo. Os que se beneficiam do

⁵⁰ Texto originalmente publicado em A força e o significado do negacionismo - agazeta.net, em 22 nov. 2023. Aqui, ele segue com algumas poucas alterações e acréscimos.

negacionismo (os que estão no topo da hierarquia) são muito conscientes do que fazem - o que não se pode dizer dos que estão sob sua influência (os que estão na base).

Em segundo lugar, submetidos que estão a seus líderes, os que aderem às teses negacionistas por convicção, fazendo delas objeto de credo, dificilmente serão convencidos de que estão errados. Apresentem a eles os estudos e os dados mais sólidos que forem, e eles, fechando-se em si mesmos, resistirão aos fatos agarrando-se a argumentos os mais estapafúrdios ou mesmo falsos. São dogmáticos.

Tivemos prova disso durante a pandemia da Covid-19. Os negacionistas diziam que a pandemia era uma invenção; que o alto número de mortos era uma farsa. Tendo chegado a vacina, diziam que ela tinha saído muito rápido, que não dispúnhamos de tecnologia suficiente para tanto. Mas, por outro lado, em que pese nossa pouca tecnologia, diziam que as vacinas traziam *chips* que não se podiam ver a olho nu e que eram capazes de fornecer algum tipo de controle sobre nós.

Diziam ainda que não tínhamos segurança de que as vacinas funcionariam bem, porque “experimentais”. Mas, sem pudor, diziam igualmente que quem tomasse iria morrer de câncer daqui a alguns anos. Como poderiam saber disso?

Embora tenhamos visto a queda no número de mortos depois da aplicação massiva das vacinas, ainda hoje há quem se negue a tomá-las, o que repercute de modo negativo no quadro vacinal do país e contribui para o fortalecimento de doenças antes controladas. Pior ainda: mesmo hoje, há quem defenda a cloroquina.

Algo assim, entre o patético e o bizarro, não poderia perdurar sem que houvesse gente poderosa a estimular e se beneficiar dele. Por isso, seria impossível captar o sentido do negacionismo se focássemos tão só na ignorância e na simples negação. Há muito de estratégia

política nele. Quando não podem apenas negar os fatos, os grupos que dele se beneficiam entram a disputar seu significado, mudando de opinião ou emitindo opiniões contrastantes, conforme as circunstâncias o exijam. Eles ganham até na confusão.

No presente momento, podemos ver isso em torno do debate acerca das mudanças climáticas. Durante muito tempo, os refratários simplesmente negavam o aquecimento global e as mudanças climáticas que dele decorrem. Quando, enfim, tais mudanças se fizeram sentir, de modo intenso e devastador, passaram a discutir seus significados, seu alcance, suas causas etc.

Entre nós, acreanos, Marcio Bittar - político que está sempre na vanguarda do retrocesso - já disse que “quem muda o clima é Deus”. Todavia, a fim de mostrar-se esclarecido, diz também que o homem muda, mas “muda quase nada”. Ao mesmo tempo, recorre a argumentos aparentemente científicos para desqualificar a própria ciência, afirmando “que a crença de que as ações do homem provocam o aquecimento global não foi comprovada cientificamente”.

A questão é que Bittar só aceitaria a voz da comunidade científica se esta sustentasse os interesses do grupo econômico-político a que ele está atado: os agrocratas. Para ele, portanto, a questão não é científica, e sim econômico-política. É compreensível o fato de ele incluir Deus na discussão.

É mister dizer que, quando o senador arrasta Deus para o debate, seu objetivo verdadeiro é trazer certos grupos religiosos cuja tendência é endossar a onipotência de Deus em face da impotência do homem. Bittar não está se dirigindo aos cientistas. Na verdade, está falando para esses grupos religiosos que podem vir em seu socorro. Vê-se, por este ângulo, que Deus é um simples meio para dado fim.

Trocando em miúdos, impossibilitado pelos fatos de negar as mudanças climáticas, Bittar as coloca na conta de Deus que, seguindo

seus argumentos, estaria mudando o clima e matando milhões de pessoas em todo o mundo. Dessa forma, Bittar atua como defensor daqueles que lucram às custas da natureza. Pois, se é Deus quem muda o clima, o que podemos fazer, senão deixar as coisas em suas mãos?

Como vemos, os casos da pandemia da Covid-19 e das mudanças climáticas são muito instrutivos a respeito da força do negacionismo. Mesmo com centenas de milhares de mortos, a pandemia continuou sendo negada ou minimizada. Mesmo com os fenômenos climáticos (secas intensas, tempestades diluvianas, calor infernal, ciclones etc.) deixando vários mortos e destruição sem conta, as mudanças climáticas ou são negadas ou relativizadas.

Os casos da pandemia da Covid-19 e das mudanças climáticas também ajudam a entender o sentido do negacionismo. Especialmente, ambos os casos evidenciam como, neste fenômeno social, se enlaçam as dimensões do conhecimento (a ignorância) e da política. Tendo feito uma opção política, esta condiciona largamente a aceitação ou a rejeição do que quer que se apresente aos negacionistas, funcionando como uma espécie de filtro. Nisso reside a razão para que manifestem tenaz hostilidade às instituições educacionais e científicas.

Essa dura e desconcertante realidade mostra que não podemos nos conduzir pela crença iluminista de que basta levar conhecimento às pessoas, esclarecendo-as, para que elas se libertem. O negacionismo alimenta a ignorância. A ignorância alimenta o negacionismo. Este, por sua vez, mobiliza e articula a ignorância, dando a ela usos e direções.

Diferentemente da que estávamos acostumados a observar, a ignorância de que aí se trata não é uma ignorância humilde, que reconhece seus limites e se abre ao conhecimento. Em verdade, a ignorância manufaturada pelo negacionismo é uma ignorância orgulhosa, militante e - não menos importante - perigosa, capaz de morrer e de matar.

r

QUESTÕES DE GÊNERO: quando o preconceito vira *hafitus*

Fui criado por mãe sozinha. Mulher negra, analfabeta, que, após a morte de meu pai, teve que arcar sozinha com a criação de quatro filhos ainda bem pequenos. Dado seu grau de instrução, fez trabalhos intermitentes e diversos. Todos eles pesados e de baixa remuneração. Tendo que passar o dia no trabalho - manhã e tarde; às vezes, dependendo do emprego do momento, até a noite -, os filhos homens ficavam um tanto “soltos no mundo”.

Sem pai que pudesse figurar como exemplo e quem sabe estabelecer limites, foi no ambiente carregado e livre da periferia que aprendi a ser homem. Como já pode intuir o leitor, provavelmente por experiência própria, a polidez nos modos e nas palavras é coisa escassa nesse ambiente. Os sujeitos que o povoam costumam ser toscos mesmo. Evidentemente, mais ainda os homens.

Para falar a verdade, de modo tácito ou não, exige-se aos homens serem ainda mais que toscos. E a razão disso é que, nesse universo, é comum que olhem com desconfiança e até com o mais aberto preconceito traços de educação e refinamento, na linguagem, no modo de se vestir e no proceder em geral.

E isso faz esse ambiente livre ser pesadamente opressivo. Você é livre, desde que não destoe do que aí prevalece. Quanto mais de acordo com esse ambiente e com tudo o que prevalentemente o

caracteriza, mais “livre” você é. Quanto mais em desacordo com ele, menos livre você é. Trata-se, portanto, da liberdade de aceitar seus grilhões, enamorando-os.

O homem que aí se molda, sob exigências muitas, deve ser bravo, não fugir de brigas. Por vezes, deve até buscá-las, provocá-las. Talhado para estar sempre no comando, deve ser incisivo para com as mulheres. Comumente, palavras e gestos de carinho levantam suspeições e, não raro, desatam pilhérias.

Por exemplo, não é comum que o homem, referindo-se a si e a sua parceira, diga “A gente se amou” ou “A gente fez amor”. Nem é perguntado por outros homens nesses termos. O comum é que seja perguntado em termos assim: “Já comeu?”, “Já pegou?”, “E aí, já fud*u com ela?”.

Desnecessário dizer que isso é assim porque, enquanto os primeiros termos remetem a uma relação de reciprocidade e igualdade, cimentada por um nobre e terno sentimento (o amor), os termos últimos remetem a uma relação desigual, em que o homem domina e a mulher é dominada. E assim o homem se engrandece ao custo de apequenar sua parceira, objetificando-a. Balizando-se por essas visões e valores, é impossível uma relação igualitária e respeitosa. Se me permitem a metáfora, a mulher é como um “0” que precisa de outro número para formar algum valor positivo.

Diante de seus pares, o homem conquista sua margem de liberdade ao preço de suprimir a liberdade da mulher. Num ambiente tecido por essas relações, rispidez é sinal de autoridade; motivo de orgulho, e não de vergonha. Aos mais sensíveis, para bem se acomodarem, resta policiar suas inclinações, garantindo que elas não se tornem manifestas.

Tal homem deve ainda, e talvez sobretudo, ser o avesso do que é o gay. Compreensivelmente, são poucas as chances de a empatia e o

respeito para com as mulheres e para com os gays vingarem neste terreno onde campeiam machismo e homofobia, como faces de uma mesma moeda ou, por outra, como forças que se encontram e somam.

Nessa como em várias outras condições e ocasiões, os homens almejam se ver bem refletidos no espelho dos olhos de seus pares. Para tanto, certos gestos vêm carregados de traços cênicos e estridência. Não basta que ele se saiba e se considere homem - no sentido acima descrito. É preciso que os outros homens também o façam.

Para lembrar Maquiavel, também aí, não basta ser. Tem que parecer, mesmo que não seja. Configura-se assim um daqueles casos em que, para estar no topo, não basta a simples imitação. É preciso acrescentar a esta algo mais, radicalizando-a, se possível. O círculo tende a se converter em espiral.

Respeito e empatia tendem a macular a imagem do homem e, no fim, a colocar sob suspeita sua masculinidade. Quanto mais avesso a elas for o homem, mais estaria garantida a autenticidade de sua *macheza padrão*. Pode-se mesmo dizer, sem intenção de gracejo, que a aversão às questões de gênero funciona como uma espécie de *machômetro*: quanto mais avesso a elas, mais homem é o homem.

Desse modo, todo tipo de estupidez e violência figura como sinônimo de virilidade. Não motivo de vergonha, mas de orgulho, coisa a ser ostentada em relatos auto-elogiosos, como saga de herói sem par.

Evidentemente, falo de uma tendência - marcante, mas ainda assim uma tendência -, não de uma lei universal, inexorável. Importa dizer que, mesmo entre aqueles que são marcados por tais preconceitos, é possível notar gradações. Há os que os cultivam em pequena escala e há os que os cultivam na escala dos latifúndios dedicados ao monocultivo, embebendo-os com venenos vários.

Nada disso me é indiferente, confesso. Fui moldado nesse ambiente, marcado no corpo e na alma. Se não desenvolvi o machismo

e a homofobia em escalas amplas e perigosas, não fiquei imune. Difícil precisar a dimensão do problema. Contudo, posso afirmar com segurança: algo desses preconceitos se sedimentou em mim, formando camadas que, fundas e justapostas, vivas, ainda hoje compõem o que sou. Em razão disso, no mais das vezes, tais camadas permanecem insabidas.

Um parêntese para discussão teórica, antes de retomar a exposição iniciada.

Os preconceitos daquele ambiente viraram *habitus*. Conforme Bourdieu, o *habitus* é um sistema de disposições que integra “todas as experiências passadas” dos indivíduos e funciona como “uma matriz de percepções, apreciações e ações” (BOURDIEU *apud* MICELI, 2007, p. XLI). Esse sistema de disposições é expressão das “relações dialéticas” estabelecida entre as “estruturas objetivas [da sociedade] e as disposições estruturadas [dos indivíduos]” (BOURDIEU *apud* MICELI, 2007, p. XXXIX).

O *habitus* comporia, desse modo, o “duplo processo de interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade” (BOURDIEU *apud* MICELI, 2007, p. XXXIX), num perene movimento que vai da sociedade para o indivíduo (interiorização da exterioridade) e do indivíduo para a sociedade novamente (exteriorização da interioridade). Uma vez moldado pelas estruturas sociais, o indivíduo as reproduziria contribuindo para que haja “concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer” (BORDIEU, 2011, p. 17).

Através de nosso *habitus* (nossa matriz de percepções, apreciações e ações), reproduzimos, internamente e externamente, as estruturas objetivas desiguais de nossa sociedade, sem que muitas vezes nos demos conta disso. Para dizer de um modo mais direto: em

sociedade machista, o *habitus* hegemônico tende a ser machista, configurando elemento-chave na *dominação simbólica* que os homens exercem sobre mulheres e gays. Nas próprias palavras do sociólogo francês:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim, a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, *espontânea* e *extorquida*, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos *efeitos duradouros* que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe (BORDIEU, 2011, p. 49-50) (itálicos do autor).

Destacando nuances do conceito que quando aparecem na pena de Bourdieu, habitualmente, aparecem de modo francamente tímido, quase como sussurrados, Wacquant ressalta:

Primeiro, o *habitus* nunca é a réplica de uma única estrutura social, na medida em que é um conjunto dinâmico de disposições sobrepostas em camadas que grava, armazena e prolonga a influência dos diversos ambientes sucessivamente encontrados na vida de uma pessoa. Em segundo lugar, o *habitus* não é necessariamente coerente e unificado, mas revela graus variados de integração e tensão dependendo da complexidade e do caráter das

situações sociais que o produziram ao longo do tempo [...]. Por último, o *habitus* não é um mecanismo autossuficiente para a geração da ação: opera como uma mola que necessita de um gatilho externo e não pode, portanto, ser considerado isoladamente dos mundos sociais particulares [...] (WACQUANT, 2017, p. 215-216).

Devo dizer, um tanto compungido, que algumas situações e conversas são, para mim, como que gatilhos. Impossível evitar certos pensamentos. Por vezes, seguro a frase machista ou homofóbica já na ponta da língua. Então, engulo-a de volta, a seco. Penso comigo mesmo, um tanto envergonhado: Quase! Putz!

De alguma forma, aqueles preconceitos ainda sobrevivem em mim, dormitando sono leve, passível de ser interrompido por qualquer pequeno ruído. Como bem mostra Bourdieu a partir de seu conceito de *habitus*, eles não são cargas externas de que me possa livrar tão logo queira, jogando-as à beira de um caminho qualquer.

Em contraste com o que possa parecer quando trato do tema em condições controladas (como aulas, entrevistas ou textos, como esse que ora escrevo), vivo em briga comigo mesmo. Meu consciente sabe que são preconceitos, ruins, danosos. Mas meu inconsciente, não. Ancorado em Bourdieu, falo de um

Inconsciente histórico ligado, portanto, não a uma natureza biológica ou psicológica, e a propriedades inscritas nesta natureza, como a diferença entre os sexos segundo a psicanálise, mas a um trabalho de construção propriamente histórica (BOURDIEU, 2011, p. 69).

Creio que a intensidade da luta há de arrefecer com o tempo. Já arrefeceu bastante. Mas, intuo, ela há de durar a vida toda,

permanecendo em mim como aquele “espinho na carne” de que falava o apóstolo.

O *habitus* ainda vive em mim, compondo parte substancial e inextirpável do que sou. Mesmo já adulto, pesquisador, escritor de livros, não me dava conta do tamanho, da complexidade e dos perigos de tais preconceitos. Não me havia passado pela cabeça o quanto foi acrescentado ao fardo de minha mãe - já de si bastante pesado - o fato de ela compor um gênero socialmente submetido pela simples razão de ser o que é.

A coisa não é de fácil explicação. Mas vamos ver se o leitor entende. É óbvio que minha mãe só é minha mãe porque ela é mulher. Entretanto, pensar minha mãe como mulher não é ainda entendê-la como componente de um gênero que, por razões diversas mas de modo nenhum legítimas e justas, a sociedade trata como secundário, um *segundo sexo*, para usar a clássica definição de Simone de Beauvoir. Não um gênero diferente; um gênero inferiorizado, isso sim.

Toda proximidade e todo amor que tenho para com minha mãe não foram suficientes para me tirar a lente/venda⁵¹ que o *habitus* me impunha, de modo que, movido por empatia e ternura, pudesse perceber os problemas de gênero que sobre ela pesam. Aprisionado no cárcere fascista, Gramsci expressa sentimento parecido com o que ora exponho. Na cela, segundo se vê em sua correspondência, o autor italiano refletia assim sobre a relação com sua esposa:

[...] às vezes que pensei em escrever sobre você,
sobre sua força, que é 100 vezes superior ao que

⁵¹ Na medida em que condiciona nossas percepções e apreciações (valorações) das relações sociais, o *habitus* é lente e venda. É *lente* porque condiciona nossa visão de certas coisas, fazendo-nos percebê-las e apreciá-las de dada maneira. É *venda* porque, no mesmo processo, impede que vejamos outras coisas, tornando-nos cegos e/ou indiferentes em relação a elas.

you imagine, but I always hesitated because it seems... a master of a slave who caresses a work animal [...]. It shouldn't be thought of that way, but they still survive today in me, as repressed feelings, many concepts that have been surpassed, overcome critically, but not completely abolished (GRAMSCI *apud* MUSSI, 2022, p. 425).

During a long time, if I continued my machismo, fighting with me, it was to adapt to the times of "politically correct". It was a frank attitude in the search for justice, understood, but epidemic. I fought, of course, against machismo in its most brutal and violent form. I didn't have clarity, however, of its contours and reaches, of how its violent forms required and settled in its lighter forms. The gradations differentiate the forms of machismo, it's true, but also the ones.

For this, more time was necessary. It was as important as the search for knowledge about the subject, perhaps even more important, was the experience of another form of affection. Looking back, what it all indicates, is that reason alone would not have been enough for a change in vision.

In these circumstances, I managed to understand the depth of Pessoa's verses:

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.
Procuo despir-me do que aprendi,
Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos [...]
(PESSOA, 2005, p. 72).

Enfim, ainda para me valer dos versos do grande poeta - o meu favorito, se me permitem dizer -, eu precisava de uma “aprendizagem de desaprender” (PESSOA, 2005, p. 49).

Casei-me. Minha esposa e eu tivemos uma filha. Agora, sendo pai de família e responsável por proteger mais diretamente duas mulheres - extensões minhas e eu, extensão delas -, minhas preocupações foram, paulatinamente, abrangendo coisas específicas do universo feminino. A partir desse momento, passei a perceber coisas que, antes, me passavam despercebidas; coisas que, mesmo se vistas, reputava como carentes de relevância.

Olhando para trás, através de lentes outras, que as novas condições me deram, pensei em minha mãe e me doeu o quanto fui insensível à sua condição e luta. Sua vida foi e tem sido muito mais difícil do que podia imaginar.

Vejamos alguns dos problemas que se impõem às mulheres pelo fato de serem mulheres.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a remuneração das mulheres representa apenas 78% da remuneração dos homens⁵². Esse é um problema de grande monta, expressão de uma violenta desigualdade que, entregue a si mesma, tende a se reproduzir e ampliar, tornando-se esmagadora - para as mulheres, obviamente.

Que razões sustentam aqueles que negam a equalização entre os salários de ambos os gêneros? Que homem, desempenhando a mesma função que outro homem, aceitaria de bom grado ganhar menos? Realizando o mesmo trabalho, aceitaria receber menos que uma mulher sem se sentir injustiçado, ferido em sua macheza e virilidade?

⁵² Garantir igualdade salarial ainda é um desafio no mercado de trabalho brasileiro | Portal FGV Acesso em: 22 fev. 2024.

No Brasil, temos cerca de 822 mil casos de estupro por ano. Um a cada dois minutos⁵³. Vi num noticiário que uma mulher foi assediada e um comentador do telejornal deu atenção à roupa que a vítima vestia, insinuando que ela tinha culpa pelo ocorrido. Noutra matéria, outro dia, outra mulher vítima de estupro sofria os mesmos constrangimentos.

As autoridades que deveriam acolher as vítimas colocavam-nas, via de regra, sob suspeita, acrescentando mais violência à violência que já haviam sofrido. Não surpreende que umas optem por sofrer em silêncio, evitando dar publicidade ao ocorrido. Seja como for, se imposto ou consentido, o sexo é sempre motivo de glória para o homem e de desonra para a mulher.

Por sua vez, o silêncio oculta o ocorrido, fazendo-o passar por inexistente. Se a violência inexistente ou, pelo menos, não aparece em sua inteireza, a situação faz parecer que as/os que a denunciam são histéricas/os, fazendo “muito barulho por nada”. Às vezes, a mulher que denuncia a violência sofrida é tratada como “interesseira”. Afirmam que estão querendo arrancar algo do homem.

O silêncio aparece duas vezes nesta equação e, em ambas as vezes, de modo funcional à violência. Em primeiro lugar, aparece como fruto da violência: o medo de denunciar, de se expor ou ser exposta, humilhada publicamente. Em segundo, conseqüentemente, como encorajamento à violência, fazendo com que os agressores se sintam à vontade para cometer mais e mais agressões.

Em 2022, o país bateu recorde de feminicídios, crescendo 5% em relação ao ano anterior⁵⁴. Os assassinatos em geral, recuaram 1%. Em contraste, tivemos 1,4 mil mortes em razão do gênero. Este foi o

⁵³ Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto - Ipea
Acesso em: 22 out. 2023.

⁵⁴ Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas
| Monitor da Violência | G1 (globo.com) Acesso em: 08 abr. 2023.

maior da série histórica que começa em 2015, representando a cifra de uma mulher assassinada a cada 6 horas. Em perspectiva histórica mais ampla, o número de feminicídios aumentou 31,46%⁵⁵ nas últimas quatro décadas.

Assim como as desigualdades sociais, a violência contra a mulher, se deixada entregue a si mesma, tende a se reproduzir e ampliar. Os números mostram que, mesmo com políticas de proteção às mulheres, a violência vem aumentando.

Pesquisa de 2019 aponta que maridos e ex-maridos são os responsáveis por 90% dos feminicídios⁵⁶. “O machismo mata”. Se esta frase, de tão falada, virou clichê, foi porque está fortemente ancorada na realidade que denuncia. Em claro contraste com o que dizem os que defendem a “família tradicional” e a liderança masculina na relação, aqueles que deveriam proteger são os protagonistas da violência e da morte.

Conta no mesmo sentido a atitude dos homens em relação a assumir a paternidade, obrigando a mulher a arcar sozinha com a criação de seus filhos. Somente até agosto de 2023, já somávamos mais de 110 mil certidões sem o nome do pai. São mais de 500 registros sem o nome do pai por dia, representando um aumento de quase 5% em relação ao ano de 2022⁵⁷. Órfãos de pais vivos, essas crianças.

A negação da paternidade, por vezes, começa antes do nascimento, empurrando as mulheres para a “opção” do aborto. Em função da força que os defensores da família tradicional têm entre nós,

⁵⁵ Homicídios de mulheres no Brasil aumentam 31,46% em quase quatro décadas (fiocruz.br) Acesso em: 25 mar. 2023.

⁵⁶ Maridos e ex-maridos são responsáveis por 90% dos feminicídios no Brasil (cnnbrasil.com.br) Acesso em: 28 dez 2020.

⁵⁷ Brasil registrou mais de 100 mil crianças sem nome do pai só neste ano; são quase 500 por dia | Distrito Federal | G1 (globo.com) Acesso em: 18 jul. 2023.

calçados num moralismo cego, o Brasil é um dos países mais desfavoráveis ao aborto⁵⁸.

Ocorre que a maioria das mulheres que passou pela traumatizante experiência do aborto tinha menos de 19 anos⁵⁹ - meninas um pouco crescidas, inexperientes, sozinhas e desesperadas, no mais das vezes. E como é consabido, o aborto está entre as principais causas de morte de mulheres no país, arrancando principalmente a vida de mulheres pardas, pretas e pobres⁶⁰.

O aborto não pode ser *pauta tabu*. Ao contrário, deve ser objeto de discussão aberta, franca, fora de todo moralismo cuja tendência é negar a ajuda que viria das políticas de prevenção e protetivas, e também da educação sexual nas escolas.

Sob a defesa da vida, empurra-se a mulher - e a criança que, porventura, ela trazer no ventre - para a morte em clínicas mal assistidas ou mesmo em becos escuros e solitários. Esse é um dos muitos efeitos perversos de uma sociedade que, por um lado, impõe a maternidade à mulher, mas, por outro lado, não faz o mesmo, em igual medida, em relação ao homem.

A ex-ministra das mulheres, Damares Alves, dizia que a mulher nasceu para ser mãe⁶¹. Todavia, a mulher não é mãe num vazio social que se possa moldar a bel-prazer, e sim num dado contexto histórico-social, em que prevalece certo tipo de relações. E, pelos números que

⁵⁸ Brasil está entre países menos favoráveis ao aborto, mas apoio cresceu em 2021 | Saúde | G1 (globo.com) Acesso em: 28 set. 2021.

⁵⁹ Exclusivo: maioria das mulheres que dizem ter feito aborto no Brasil passou por procedimento com menos de 19 anos | O Assunto | G1 (globo.com) Acesso em: 25 mar. 2023.

⁶⁰ Aborto está entre as cinco principais causas de mortalidade materna - APM Acesso em: 14 jan. 2023.

⁶¹<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/janeiro/damares-alves-toma-posse-como-ministra-da-mulher-da-familia-e-dos-direitos-humanos-do-governo-bolsonaro> Acesso em: 02 jan. 2019.

vimos acima, temos um contexto bastante desfavorável. Outra representante do moralismo brasileiro, Patrícia Abravanel, afirmou que, mesmo estando com dor de cabeça, a mulher não pode “negar fogo” ao homem.

Eis algumas das funções desse moralismo: negar liberdade à mulher, objetificando-a, ao mesmo passo em que procura fazer com que ela assuma, como missão sua, os valores e as práticas machistas. Mulheres contra mulheres, poupando trabalho aos machistas. Bourdieu (2011, p. 55) já havia dito que “as disposições (*habitus*) são inseparáveis das estruturas [...] que as produzem e reproduzem, tanto nos homens quanto nas mulheres”.

Então, homens e mulheres são submetidos às estruturas machistas da sociedade? Sim. Do mesmo modo? Claro que não. Para termos uma noção mais exata do fenômeno, podemos fazer a seguinte citação de Marx e Engels, porém trocando os termos “classe possuinte” por gênero masculino e “classe do proletariado” por gênero feminino:

A classe possuinte [o gênero masculino] e a classe do proletariado [o gênero feminino] representam a mesma autoalienação humana. Mas a primeira das classes se sente bem e aprovada nessa autoalienação, sabe que a alienação é seu *próprio poder* e nela possui *aparência* de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana (MARX e ENGELS, 2002, p. 48).

Eu já sabia que a estrutura social é perversa e violenta com os de baixo. Coisa importante: a criação na periferia, entre pobres e trabalhadores, entre excluídos em geral, despertou em mim

solidariedade para com todos eles. O que percebo agora, com mais clareza, é que para as mulheres as coisas são ainda piores.

Não quero as mulheres que amo passando por isso. Impotente, penso: O que posso fazer?

Por certo, não posso dizer aos perversos: Olha. Eu sei que que vocês gostam de assediar e até violentar e matar mulheres. Mas com essas aqui, não. Porque elas são “minhas”.

Uma atitude assim seria tão egoísta quanto patética! Ridiculamente inócua!

Não podendo tê-las continuamente sob meus olhos e asas, entendi que o mundo só será mais seguro para “minhas” mulheres quando ele for, igualmente, seguro para todas as mulheres. Ou todas estarão seguras ou nem uma delas estará. Porque todas elas compõem um mesmo gênero, vilipendiado e violentado por ser o que é.

Daí a importância de entender as lutas das mulheres e apoiá-las no que for possível. Que se possa dirigir uma ou outra crítica ao feminismo (ou algumas de suas muitas correntes), a exemplo de qualquer outro movimento, não implica que ele não tenha sua razão de ser - razão mais que necessária, diga-se. Em resumidas contas, podemos dizer que se trata de um movimento que luta por justiça, liberdade, segurança e respeito para com as mulheres. Ou seja, é um movimento que luta por coisas elementares, porém, pisadas por uns tantos machões que ainda teimam em ver e tratar as mulheres como objeto de sua incondicionada posse.

Nesse sentido, vale dizer aos alvoroçados: Tranquilizem-se. O feminismo não se levanta contra “o” homem, e sim contra o machismo, isto é, contra uma forma de dominação e exploração baseada no gênero.

Olhando as coisas agora por esse prisma, entendi que o homem não deve ser o “primeiro sexo”. Nós apenas compomos um gênero outro

e não há justa razão para que tenhamos, no que quer seja, primazia em face das mulheres.

O tema pode ensejar piadas e arrancar risos a uns e outros. Todavia, estamos tratando de coisas que podem significar a diferença entre a vida e a morte para um amplo número de mulheres. Para enfrentar exitosamente um problema dessa magnitude, é imprescindível deixar de lado o moralismo, o jeitão tosco de ser homem.

A educação é, por força dessas coisas, importante instrumento na luta. Se ela serve para formar cidadãos conscientes de seu papel social, bem como para ajudar na resolução dos problemas sociais, abordar criticamente as questões de gênero em sala de aula é tarefa imprescindível.

Se eu, depois de adulto, consegui perceber os preconceitos que estão na base de minha formação, imagino que será mais fácil aos jovens de hoje. Apenas numa sociedade não-machista poderão ser formadas pessoas (homens e mulheres) totalmente não-machistas. Essa é uma tarefa hercúlea, fruto do esforço somado de umas tantas gerações, umas sobre os ombros das outras.

Como pai, professor e pesquisador quero deixar esse relato meu como contribuição, uma espécie de elo nessa corrente geracional.

Nesse mundo outro, cuja forja mal iniciamos, os homens já não ousarão ou precisarão tratar as mulheres com o pronome possessivo. No primeiro caso, porque as mulheres, donas de si e senhoras absolutas de seu destino, já não serão posse/propriedade de homem nenhum; no caso segundo, em que me enquadro, porque, enfim seguras, já não carece mais que aqueles que as amam procurem protegê-las valendo-se de palavras que, degradando todo carinho e preocupação genuínos, remetam à noção de propriedade.

Não haverá mulheres minhas. Ou mulheres de fulano e beltrano. Haverá mulheres apenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Cristina. **Homicídios de mulheres no Brasil aumentam 31,46% em quase quatro décadas.** Disponível *In* <<https://portal.fiocruz.br/noticia/homicidios-de-mulheres-no-brasil-aumentam-3146-em-quase-quatro-decadas>> Acesso em: 25 mar. 2023.

APM. **Aborto está entre as cinco principais causas de mortalidade materna.** Disponível *In* <<https://www.apm.org.br/ultimas-noticias/aborto-esta-entre-as-cinco-principais-causas-de-mortalidade-materna/#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20aborto%20est%C3%A1,a%202021%2C%20foram%2049%25>> Acesso em: 14 jan. 2023.

BARROS, Willian e ARCOVERDE, Léo. **Brasil registrou mais de 100 mil crianças sem nome do pai só neste ano; são quase 500 por dia.** Disponível *In* <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/13/brasil-registrou-mais-de-100-mil-criancas-sem-o-nome-do-pai-so-neste-ano-sao-quase-500-por-dia.ghtml>> Acesso em: 18 jul. 2023.

BBC. **Brasil está entre países menos favoráveis ao aborto, mas apoio cresceu em 2021.** Disponível *In* <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/09/22/brasil-esta-entre-paises-menos-favoraveis-ao-aborto-mas-apoio-cresceu-em-2021.ghtml>> Acesso em: 28 set. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

G1. **Exclusivo:** maioria das mulheres que dizem ter feito aborto no Brasil passou por procedimento com menos de 19 anos. Disponível *In* <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/24/exclusivo-maioria-das-mulheres-que-dizem-ter-feito-aborto-no-brasil-passaram-por-procedimento-com-menos-de-19-anos.ghtml>> Acesso em: 25 mar. 2023.

- IPEA. **Dados sobre estupro no Brasil.** Disponível *In* <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1694-pbestuprofinal.pdf>> Acesso em: 22 out. 2023.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A sagrada família.** São Paulo: Boitempo, 2003.
- MICELI, Sérgio. Introdução: a força do sentido *In* BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. VII-LXI.
- MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **Damares Alves toma posse como Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro.** Disponível *In* <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/janeiro/damares-alves-toma-posse-como-ministra-da-mulher-da-familia-e-dos-direitos-humanos-do-governo-bolsonaro>> Acesso em: 02 jan. 2019.
- MUSSI, Daniela. Antônio Gramsci e a questão feminina *In* ROIO, Marcos Del e GALASTRI, Leandro. **Gramsci e a verdade efetiva das coisas.** São Paulo: Expressão Popular, 2022, pp.403-435.
- PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caieiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RESENDE, Leandro. **Maridos e ex-maridos são responsáveis por 90% dos feminicídios no Brasil.** Disponível *In* <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/maridos-e-ex-maridos-sao-responsaveis-por-90-dos-femicidios-no-brasil/>> Acesso em: 28 dez 2020.
- SENIOR BOLG. **Lei de igualdade salarial: o que muda para o RH?** Disponível *In* <<https://www.senior.com.br/blog/lei-de-igualdade-salarial#:~:text=Garantir%20a%20igualdade%20de%20sal%C3%A1rios,%2C%20subiu%2022%25%20em%202022>> Acesso em: 22 fev. 2024.
- VELASCO, Clara *et all.* **Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas.** Disponível *In* <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-femicidios->

em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml> Acesso em: 08 abr. 2023.

WACQUANT, Loïc. *Habitus In* CATANI, Afrânio Mendes et al. (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, pp. 213-217.

10

BARBIE, O TERROR DOS *RED PILL*: a eloquente mudez das relações sociais⁶²

Fui assistir ao filme da Barbie⁶³. Sua repercussão foi - está sendo - estrondosa. Suscitou paixões e polêmicas as mais diversas. Dentro e fora do Brasil. À direita e à esquerda. Minha filha de oito manifestou interesse. E eu, porque pai e cientista social, não pude resistir. A bem da verdade, nem quis. Meu ofício e meus afetos falaram mais alto. Julguem-me, se quiserem.

Minha impressão? Calma lá. Já digo. Antes, devo dizer que, mais que sobre o filme da Barbie em si, esse é um texto sobre educação e questões sociais. Um pouco de contexto.

Entre os dois e os três anos, minha filha costumava assistir aos desenhos da Disney. A exemplo de muitas outras meninas dessa idade, ela simplesmente amava aquelas princesas lindas; mulheres que, de tão delicadas, parecem feitas de nuvem ou de uma substância etérea qualquer. Não andam. Valsam. Flutuam.

A frequência com que ela assistia a esses desenhos ativou meu “sentido aranha” de pai. Fiquei preocupado. Lembro de dizer que, embora estivessem sempre bem arrumadas e sempre à espera de um

⁶² Texto originalmente publicado em Barbie, o terror dos Red Pill - agazeta.net, em 12 ag. 2023. Aqui, ele segue com umas poucas alterações e acréscimos.

⁶³ Dirigido por Greta Gerwig, o filme é do ano de 2023. Foi estrelado por Margot Robbie (no papel de Barbie) e Ryan Gosling (no papel de Ken).

príncipe que desse sentido a suas vidas, aquelas princesas também trabalhavam e estudavam. Princesas estudam, eu disse. Não aparece nos filmes. Mas que elas estudam, estudam. Todas elas. Branca de Neve, Bela Adormecida, Cinderela, Rapunzel... Todas.

Durante um tempo, ela só ouvia. Nada de resposta ou reação. Até que, em dado dia, retrucou. “Princesas não precisam trabalhar. Elas são princesas, papai”, respondeu, testa franzida. Num fôlego só. Frase curta e cortante. Fiquei sem jeito. E sem argumento e sem rumo também.

Antes de prosseguir, devo dizer que tenho pena dos pais que educam pelo medo e que, diante do tremor de seus filhos, ficam em paz ou mesmo se regozijam. Lastimo pelos pais - e mais ainda pelas crianças, evidentemente - que só se sentem grandes ao apequenar seus filhos. São pais que se creem ciclópicos. Todavia, no fundo, do ponto de vista político-moral, não passam de genitores liliputianos.

Não sou desses. Nunca serei desses. Sou daqueles que, acreditando na democracia, entendem que não se pode educar a ferro e fogo, à base de chicote e açoite. Sou dos que não confundem autoridade com autoritarismo. Imposição não é remédio. É veneno. Se carece da dimensão horizontal e só dispõe da dimensão vertical, não é educação. É adestramento.

E então, que fazer?

Desconcertado. Um tanto perdido. Assim fiquei por uns bons dias. Ruminando inquietações. Palavra atropelando palavra. Pensamento em ziguezague. Até que lembrei do desenho *A bela e a fera*, também da Disney. Particularmente, gosto desse desenho. Talvez, fosse uma saída; uma alternativa era, com certeza. Porta entreaberta; fresta.

Quem conhece a estória deve lembrar que Bela é uma menina simples e amável, de povoado pequeno. Não obstante, apresenta porte

de princesa; é linda, delicada e, não menos importante, gostava muito de ler.

Convidei minha filha para assistir comigo. Fui insistente. Disse muito bem da estória. Ela aceitou. Ah... Eu não via a hora de mostrar a ela as cenas em que a Bela lê e, livro na mão, perambula por seu povoado. Queria ver a reação dela.

Ansioso. Já na primeira cena em que Bela aparece com um livro nas mãos, eu disse: “Olha, coração. Ela tá lendo. Ela ama a leitura. Viu como as princesas também leem?”

Xeque-mate!, pensei. A reação veio. E quem ficou mais surpreso fui eu mesmo. Ela disse, em tom um pouco incrédulo: “É mesmo, papai! Ela estuda. Parece até um homem...”

Cacetada!!! Olhando um pro outro, a mãe dela e eu, ficamos atônitos, sem chão.

Atenção, leitor! Esse é o ponto central da reflexão que aqui segue. Tenho plena certeza de que ela não ouviu algo assim da boca de nenhum personagem de filme ou desenho a que ela tenha assistido. Tampouco ouviu de mim ou da mãe dela. Nem de algum de seus amiguinhos. Nem de nossos parentes. E, no entanto, ela tinha opinião formada sobre o assunto.

De onde viera tal concepção? Eu respondo: da eloquente mudez das relações sociais que a rodeiam desde antes de seu nascimento, determinando seus horizontes e valores. Sem palavra qualquer, as relações sociais falam de maneira loquaz e educam, tendendo a se reproduzir em ideias, valores e comportamentos que lhes são funcionais.

Senão vejamos. Ela tem um pai que trabalha numa instituição desempenhando atividades na área do ensino, da pesquisa e da extensão. Mesmo nos dias em que não estou em sala de aula, podendo ficar em casa, tenho que ocupar boa parte de meu tempo entre os livros

e o computador - exatamente como agora, em que deito essas palavras aqui. Na visão de mundo que então ela tinha, fortemente ancorada numa experiência real, cotidiana, eu “estudava”.

Ao contrário do que alguns possam estar pensando, a mãe dela tem estudo. Fez graduação e pós-graduação. Entretanto, por termos mudado de cidade, ela teve que abdicar de trabalho e estudo, para cuidar de nossa filha e... da casa. Depois de muito refletir, decidimos isso de comum acordo, convencidos de que, mesmo com um ou outro problema, seria melhor para nossa filha, para sua educação e segurança. Em cidade estranha, sem parentes, achamos por bem não deixá-la aos cuidados de estranhos. Pais amam e temem.

Ironicamente, na visão de mundo que então ela tinha, fortemente ancorada na experiência real, cotidiana, a mãe dela “não estudava”. Um sinal de alerta havia sido acionado. As coisas estavam saindo ao avesso do que pretendíamos. Em certas circunstâncias, as palavras falam e educam menos que as mudas relações sociais.

Embora ainda pequena, minha filha estava extraindo conclusões - conclusões assustadoramente límpidas e contundentes!!! - a partir das relações sociais em que ela estava inserida. Por ver a mim, seu pai, estudando, derivou daí que estudo é coisa de homem. Por outro lado, e complementarmente, por ver sua mãe cuidando dela e das coisas de casa, concluiu que estudo não é coisa de mulher. Consequentemente, o estudo não seria coisa para ela.

Felizmente, o tempo foi passando. Ela começou a estudar e conheceu outros ambientes para além do de sua casa. Seu mundo dilatou. Ficou maior e mais complexo, colorido. Seus horizontes se ampliaram.

Nesse ínterim, juntos, assistimos a muitos outros filmes. Entre eles, *Frozen* e *Moana* (eu disse a ela que eu era o Maui rrsr). Ah... e *Shrek*. Assistimos a *Shrek* também. Do primeiro ao último. Rimos

muito com essas aventuras todas e choramos um pouco, algumas vezes. Em cada oportunidade que tive, mostrei-lhe a força das mulheres.

Chegando a esse ponto, suponho que já deve ter ficado claro porque quis assistir ao filme da Barbie com ela. A Barbie (a boneca e o filme) tem lá os seus problemas, já bastante conhecidos e debatidos. Não quero agir como quem pretende reinventar a roda nem dar *spoiler*. A questão é que todos os problemas da Barbie - do filme e da boneca, insisto - são problemas da sociedade. E o bom educador é aquele que sabe tirar de todas as situações, as boas e as ruins, o ensinamento necessário. Assim procuro fazer.

Nesse sentido, considero que Barbie enseja importantes lições. Apresentar aquele diverso mundo de mulheres - gordas, magras, negras, asiáticas, trans etc. - é uma dessas lições. Gosto de pensar que minha filha há de crescer sabendo que o mundo não é um espelho seu e que diversidade não é sinônimo de inferioridade.

Outro ponto digno de nota é que o filme mostra as muitas profissões que as mulheres podem exercer. De gari a presidente. Mas isso não depende só de “vocação” ou querer. Depende também de luta, de disputa por espaço e reconhecimento. E isso não se resolve com frases de efeito ou autoajuda, tais como “Nunca desista de seus sonhos”, blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá...

Bem sei que, se enquadrado pela perspectiva liberal, pequeno-burguesa, isso pode significar uma cilada, como a luta por *identitarismo* separado e/ou contraposto às questões de classe. Entretanto, seria um absurdo esperar que um filme da Barbie não trouxesse consigo seus limites e perigos. Desse modo, argumento que o problema não é do filme em si, e sim daqueles que espera(va)m dele algo além do que ele pode oferecer de fato.

Não poderia deixar de dizer que, apesar dos pesares, o filme vem sofrendo ataques e boicotes por parte dos conservadores-reacionários e

do “movimento *red pill*”. Como sabemos, esses sujeitos pretendem reverter as conquistas que custaram séculos de lutas às mulheres.

Os conservadores-reacionários já são bastante conhecidos. Dispensam apresentação⁶⁴. Os *red pill*, porém, são relativamente novos na cena. Permitam-me defini-los. São homens ressentidos, inseguros e cognitivamente limitados. Quando os vemos falar, somos invadidos por sensações ambíguas, como a vontade de rir e vomitar ao mesmo tempo⁶⁵. No entanto, tiveram a “sorte” de encontrar outros homens - que são ressentidos e inseguros como eles, porém menos limitados cognitivamente do que eles - que conseguiram convencê-los de que são o suprassumo da masculinidade, autênticos representantes de uma virilidade alfa(fa).

Eles não fazem filosofia machista, como ocorre a miúdo. Na verdade, fazem do machismo filosofia, trazendo para o plano do consciente aquilo que, geralmente, subjaz na base de práticas naturalizadas pelo tempo e pela tradição. Tomando o machismo como filosofia, visão de mundo, atribuem todos os seus fracassos e frustrações às mulheres. Onde seus esforços para transformá-las em seus bichinhos de estimação, desses que deitam e rolam a um simples comando de seus donos.

São seres baixos, raivosos, perigosos. E, por isso, só podem ficar por cima ao custo de rebaixarem as mulheres. Essa é a obsessão deles: reduzir as mulheres a nada, a fim de que, desse modo e somente desse modo, (eles) possam parecer alguma coisa de relevante.

⁶⁴ Sobre o tema, entre outros, recomendo Souza (2021 e 2021a), Pinheiro-Machado e Freixo (2019), Rocha (2021), Almeida e Toniol (2018), Adilson Filho (2020) e Lacerda (2019).

⁶⁵ Isso não é força de expressão ou mero deboche. Há um vídeo de um *red pill* conhecido em que ele diz que se, no ato sexual, a mulher não engolir o esperma do homem, é porque ela não o ama. Segundo ele, o homem deveria ficar em guarda com relação a esse tipo de mulher. Com facilidade, o/a leitor/a pode encontrar esse e outros vídeos igualmente asquerosos.

Embora façam de tudo para ocultar suas fragilidades, elas são facilmente percebidas. Queriam-se *Rambo*; *He-man*, talvez. Mas - Santa patetice, *Batman!* - os machões todos tremaram por causa do filme de uma boneca. *Scooby-Doo e Salsicha* são mais corajosos que eles todos e o *Pink e o Cérebro*, muito mais sagazes.

O filme *Barbie* tem inegáveis limites. Há que se considerar, porém, o seguinte: se mesmo com esses limites, ele tem sofrido tantos ataques, isso é sinal de que mais limitados ainda estão se tornando nossos horizontes.

Certa feita, Marx disse que “as grandes mudanças sociais são impossíveis sem o fermento feminino”. Complementava afirmando que “O progresso social pode ser medido exatamente pela posição social do belo sexo”. De fato, não pode haver progresso social se este se fizer às expensas das mulheres, se não for extensivo a elas.

Assisti ao filme da *Barbie* com minha filha não para que ela quisesse ser menos ou igual à *Barbie*, mas para que ela queira ser mais, que ela saiba que pode ser mais. Educo-a para que, assim como a *Barbie* no filme, ela não se deixe aprisionar numa “caixinha” qualquer... Educo-a para a liberdade. Educo-a para que saiba exigir respeito e dignidade se, porventura, alguém lhe negar respeito e dignidade. Educo-a para o amor. Em resumo, talho-a para ser senhora de si, escrava de ninguém.

De resto, os homens que lutem para conquistá-la e merecê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADILSON FILHO, José (org.). **O Brasil em tempos sombrios**. São Paulo, SP: Editora Liber Ars, 2020.

- ALMEIDA, Ronaldo de e TONIOL, Rodrigo. **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana e FREIXO, Adriano de (orgs.). **Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- ROCHA, João César de Castro. **Guerra cultural e retórica de ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.
- SOUZA, Israel. **A política da antipolítica: aspectos ideológicos da questão**. Rio Branco: EaC Editor, 2021.
- SOUZA, Israel. **A política da antipolítica: militarização e ameaças à democracia**. Rio Branco: EaC Editor, 2021a.

11

MERCADORES DE ILUSÕES: a onda *coach* e seus perigos⁶⁶

Uma onda *coach* toma conta do Brasil. É um fenômeno amplo e diverso, composto por indivíduos que, por meio de conselhos e treinamentos, se propõem a ajudar outras pessoas a atingirem seus objetivos pessoais e/ou profissionais. Mais comumente, oferecem serviços como palestras, cursos e sessões.

Atuando em áreas diversas e com destacada presença nas redes sociais, há *coachs* que contam com milhares de clientes. Alguns somam milhões de fiéis seguidores, que fazem de suas palavras objeto de fé. Muitos entre eles são jovens, carismáticos e de boa retórica, capazes de divertir e fascinar ao mesmo tempo. Além do mais, costumam calibrar suas falas com elementos extraídos da religião, da(s) ciência(s) e da filosofia, procurando extrair daí a respeitabilidade para o que ensinam.

Como atuam em área em franca expansão, mas ainda desregulamentada, aberta a todo tipo de gente e de prática, a significativa influência que exercem é, em não poucos casos, proporcional ao perigo que representam.

Antes do mais, cumpre registrar que bem sabemos que em toda área há gente boa e honesta e gente ruim e desonesta. Assim sendo, é

⁶⁶ Texto originalmente publicado em <https://agazeta.net/mercadores-de-ilusoes-a-onda-coach-e-seus-perigos/>, em 20 dez. 2023. Aqui, ele segue com algumas alterações e acréscimos.

pertinente dizer que o que falamos a seguir não se estende, sem mais nem menos, a todos os *coachs*, mas apenas a alguns. Entre esses, escolhemos uns poucos, mas que são de grande destaque.

Impactar faz parte das estratégias dos *coachs* que se destacam. Por isso, seus discursos são grandiloquentes, desconcertantes, cheios de metáforas e provocações, bem como de frases de efeito tão pomposas quanto vazias. Aparentemente colocando-se na contracorrente, parecem subverter o senso comum. As promessas que fazem são parte fundamental dessas estratégias. Uns prometem o amor verdadeiro; outros, o emprego dos sonhos ou fortuna rápida e certa; outros ainda, a fórmula da felicidade e por aí vai. Fazem parecer que sabem todos os segredos e os podem oferecer a qualquer um, desde que pague o preço certo.

Dessa maneira, transformam coisas altamente complexas e difíceis - senão impossíveis, a depender da condição daqueles a quem são feitas as promessas - em coisas simples, ao alcance da mão. Argumento repisado entre eles é que tudo é questão de vontade. Basta querer, e tudo se fará conforme se queira.

Lívian Aragão, filha de Renato Aragão (o eterno Didi Mocó), em comentada palestra, mostra exemplarmente o que estamos a dizer. Disse ela: “Todo mundo tem 24 horas no dia. Por que algumas pessoas conseguem fazer tantas coisas, e outras parecem não sair do lugar? O nome disso é produtividade, como você dá conta do seu tempo. O sol nasce para todo mundo. O que a gente faz com essas 24 horas que temos no dia?⁶⁷”

Antes disso, ela ensaiou uma problematização filosófica, colocando-se a questão de se ela passava pelo tempo ou tempo passava por ela. É costume entre eles aparentar profundidade no que dizem,

⁶⁷ Disponível em Lívian Aragão rebate críticas após falar de produtividade (uol.com.br) Acesso em: 16 dez. 2023.

talvez para encobrir o que há de superficial em suas reflexões. Balão cheio de nada.

Passando esse ponto, no que se seguiu, ela não chegou nem a ser simples. Foi simplista mesmo. Nos termos por ela apresentados, é óbvio que a filha de alguém cuja fortuna é estimada em quase duzentos milhões há de ser mais “produtiva” que aqueles (que são maioria entre nós) cuja condição é em tudo distinta, para não dizer precária. É óbvio que por não ser obrigada a trabalhar para sobreviver, ela dispõe de tempo e, por essa razão, pode ter um dia mais “produtivo”.

A condição social privilegiada de que ela goza, e para a qual ela não deu contributo nenhum, é o que garante sua “produtividade”, e não o contrário. Dito de outro modo: sua condição social privilegiada é o que lhe permite ser “produtiva” - sempre segundo seus próprios termos, vale frisar -, e não sua “produtividade” que lhe permite a condição social que tem, como ela quer fazer parecer.

Mais que um simples equívoco, a inversão na ordem de tais fatores - fazendo com que o efeito seja tomado pela causa e vice-versa - cumpre uma função nada desimportante em face de ordem tão desigual como a nossa. Em primeiro lugar, oculta as estruturas de desigualdade (de classe, cor e gênero) que tendem a se reproduzir, dando mais oportunidade a quem já tem oportunidade e negando oportunidade a quem menos tem oportunidade.

No fim das contas, faz parecer que quem venceu o fez por mérito próprio e quem perdeu, perdeu porque não se esforçou o suficiente, tendo desperdiçado irresponsavelmente seu tempo. Ora, a questão é que quem nasceu em “berço de ouro”, *a priori*, não tem que vencer nada. Já entrou no jogo do lado dos vitoriosos, vencedor nato. Como capital gera capital, só tem que manter as coisas.

Se quiser travar suas batalhas e tentar suas próprias conquistas, é comum que se sirva do capital de seus pais como base. Não partem

do nada. A herança é o segredo da produtividade de muitos dos que arrotam meritocracia.

Por outro lado, quem não nasceu em tal condição já nasceu tomando parte no time dos derrotados. Tomou parte no jogo perdendo de goleada, e o tempo está correndo. Esse é que tem que lutar para vencer e só o fará se subverter a ordem de coisas em que nasceu.

Pelo prisma da *coach* Lívia Aragão, em que as vantagens de uns poucos e as desvantagens de uns muitos ficam fora da equação e do horizonte de visibilidade, a farsa da meritocracia parece verdadeira. Com efeito, só assim, fazendo tábula rasa das desigualdades entre os indivíduos, é que herdeiros milionários podem jactar-se de ser “produtivos”.

Uma *coach* muito influente nas redes sociais foi muito mais ousada. Em um vídeo, ela dizia que ser herdeira é pior que ser pobre, porque, segundo entendia, “os herdeiros são muito mais cobrados” - o leitor decide se fica com pena dela ou se ri.

Alguém vai cobrar o aluguel dela? A parcela do eletrodoméstico ou do móvel que ela comprou à prestação? A conta que ela, já sem dinheiro na primeira semana do mês, teve que pendurar na mercearia ou no açougue?

Além da vontade, outro elemento muito presente nos ensinamentos dos *coachs* de que tratamos aqui é a “mentalidade”. Com a mentalidade correta (“mentalidade positiva” ou “mentalidade de rico”), tudo pode mudar, asseguram. A esse propósito, uma *coach* dizia que era preciso “parar de pensar como pobre”. Para isso, ela aconselhava os pobres a andarem sempre com ricos, que procurassem frequentar os mesmos lugares que os ricos etc.

E os ricos vão aceitar os pobres em seus círculos?

Outra *coach* postulava que tudo começa na infância. Quando os ricos levam seus filhos a uma loja de brinquedos, não impõem escolhas

a eles. Deixam eles livres. Já os pobres, dizia, sempre limitam seus filhos, dizendo que ou os filhos escolhem uma coisa ou outra, porque as duas não dá. Por causa disso, ainda segundo ela, os filhos crescem com mentalidade pobre, limitada.

Mas as limitações vêm da “mentalidade” ou das condições materiais das famílias pobres? Eis uma questão que esse tipo de “pensador” jamais se colocaria, pois isso colocaria a nu as fragilidades e contradições do que ensinam.

Longe de nós negar que, por mais desigual que seja nossa sociedade, as chances de mobilidade social existem. De fato, existem. Mas as estruturas sociais são de tal ordem que não se deixam amoldar à nossa vontade ou à nossa mentalidade. Em verdade, via de regra, elas se impõem a nós⁶⁸. Ignorar isso, que é um truísmo em disciplinas como sociologia e economia, é vender ilusões, lucrando às custas da ignorância e do desespero das pessoas.

Há riscos ainda maiores. O “*coach* messiânico” - é assim chamado porque suas palestras são carregadas de tons religiosos - Pablo Maçal quis ensinar um grupo de 32 pessoas a “subir na vida”⁶⁹. Nesse intento, levou-as a subir o Pico dos Marins, localizado na Serra da Mantiqueira, em São Paulo. As condições climáticas eram as mais adversas. Resultado: todos foram levados a uma condição que implicou risco de morte e tiveram que ser socorridos pelos bombeiros.

Em certo sentido, é como se tivesse um cego conduzindo outros cegos. Entretanto, em que pese a irresponsabilidade, somos obrigados a dizer que Maçal enxerga muito bem. Não por acaso, ele é um dos *coachs* mais bem-sucedidos no Brasil, chegando inclusive a se lançar

⁶⁸ O que não significa dizer que não possam ser transformadas.

⁶⁹ Disponível em Coach que colocou em perigo 32 pessoas no Pico dos Marins, em SP, afirma que 'quem não quer correr risco fica em casa vendo stories' | São Paulo | G1 (globo.com) Acesso em 15 dez. 2023.

numa corrida presidencial. Em uma de suas muitas palestras, um de seus seguidores chegou a pagar cento e cinquenta mil reais só para almoçar com ele.

Noutra ocasião, o “*coach* messiânico” preparou uma maratona surpresa. Sem preparo, um jovem morreu ao enfrentar o desafio. Maçã se eximiu de responsabilidade, afirmando que o jovem fez o que fez porque quis⁷⁰. Coisas assim mostram sobejamente os riscos que *coachs* dessa estirpe podem representar. Vejamos outros exemplos. Uma *coach* quando instada a ensinar uma técnica de ganhar mais dinheiro, diz o seguinte:

Anota aí. Imagina que você ganha cinco mil reais. Você quer ganhar dez vezes mais, quer ganhar cinquenta mil reais. Então você vai pegar uma folha de papel. Você vai dividir ela ao meio. E você vai escrever assim: eu ganho cinco mil reais todos os meses. Na outra folha você vai escrever: eu estou feliz e grato agora que eu ganho cinquenta mil reais todos os meses. A folha que você escreveu cinco mil reais, você vai destruir, vai queimar. Essa outra folha dos cinquenta mil, você vai ter ela sempre junto com você. E, em paralelo, você vai escrever todos os dias antes de dormir e ao acordar cinquenta vezes: eu estou feliz e grato agora que eu ganho mais de cinquenta mil reais todos os meses. Se você fizer isso durante trinta dias, você vai se tornar consciente⁷¹.

Importa pôr em relevo o quanto essa “técnica de ganhar mais dinheiro” em tudo se assemelha às *mandingas* muito realizadas do fim

⁷⁰ Disponível em Pablo Maçã: jovem que morreu em maratona surpresa "escolheu isso" (correiobrasiliense.com.br) Acesso em 14 dez. 2023.

⁷¹ Disponível em Ela voltou! A coach anti pobre ressurgue das profundezas do mindset com... | TikTok Acesso em 14 dez. 2023.

de um ano para início de outro, como usar roupas de determinada cor ou pular determinada quantidade de ondas. Nesse universo mental, tudo parece movido a magia. Como uma pessoa que se vale desses expedientes poderá se “tornar consciente”? Consciente de quê?

Por seu turno, um *coach expert* em economia formulou uma proposta “inovadora”:

Eu sou a favor do “taxamento” (*sic*) da pobreza. Sei que do outro lado da tela os seguidores desses pseudopolíticos, jornalistas que gostam de fofquinha, né. Eles gostam de ficar levantando essa bandeira de que não, ser pobre é muito bacana. Vamos defender os direitos do pobre. Ficam dizendo que tem que ficar taxando grandes fortunas. Eu acho que deveriam taxar o pobre. Sabe por quê? Porque daí ele perceberia que ser pobre é muito ruim⁷².

Ele acha que o pobre é cognitivamente tão limitado que não sabe nem quão ruim é sua condição. Ele só saberia que é ruim ser pobre se fosse taxado. Se o referido *coach* se desse ao menos o trabalho de pesquisar sobre os assuntos de que fala, saberia que os pobres já são bem mais taxados que os ricos. É o que podemos verificar a partir dos dados da Receita Federal:

A desigualdade de renda se aprofunda diante dos privilégios tributários ao topo da pirâmide social. A maior alíquota efetiva média do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) brasileiro é de 11,25%, e corresponde à faixa entre 15 e 20 salários-mínimos. A partir deste ponto, ela decresce até 5,31%, para os indivíduos com renda de 240 a 320 salários-mínimos mensais e aumenta para 5,43% para

⁷² Disponível em Ele vai RESOLVER os problemas da desigualdade social no Brasil BR ... | TikTok Acesso em 17 dez. 2023.

rendimentos acima de 320 salários-mínimos. Ou seja, quem ganha cerca de R\$ 300 mil ao mês paga menos imposto de renda proporcionalmente do que quem recebe, aproximadamente, R\$ 7 mil mensais⁷³.

Talvez para a surpresa do *coach*, a taxaço sobre os pobres não os leva à consciência de que é ruim ser pobre e, daí, para a tentativa de superação dessa condição. Em verdade, a taxaço desigual os condena a essa condição, servindo como mais um mecanismo de domínio e exploração que perpetua as desigualdades, garantindo que os de cima permaneçam em cima e os de baixo permaneçam em baixo na pirâmide social.

Vivemos numa sociedade de desigualdades abissais, em que a maioria das pessoas vive sob violências de todos os matizes, sendo a ignorância mesmo uma das formas de violência. Num mundo de tanta violência e privação, as promessas de melhoria de vida representam a força atrativa de um oásis no meio de um deserto.

E assim os deserdados dessa terra se tornam presa fácil de todo tipo de espertalhão, desses que procuram fazer riqueza em cima da miséria alheia. E isso, conforme vemos, faz desse um problema não só da educação e da política, mas também - e talvez, principalmente - um problema da justiça.

Por fim, para concluir, dizemos que, se é certo que os *coachs* hoje representam uma espécie de onda que cresce e avança entre nós, é igualmente certo que se trata de uma onda que arrebenta, sobretudo, sobre os mais simples.

⁷³ Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/mais-pobres-estao-ganhando-menos-e-pagando-mais-imposto-de-renda-que-os-ricos/> Acesso em: 28 jul. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIO BRAZILIENSE. **Pablo Marçal: jovem que morreu em maratona surpresa “escolheu isso”**. Disponível In Pablo Marçal: jovem que morreu em maratona surpresa "escolheu isso" (correio braziliense.com.br) Acesso em: 14 dez. 2023.

RBA. **Mais pobres estão ganhando menos e pagando mais imposto de renda que os ricos**. Disponível In <<https://www.redebrasilatual.com.br/economia/mais-pobres-estao-ganhando-menos-e-pagando-mais-imposto-de-renda-que-os-ricos/>> Acesso em: 28 jul. 2023.

RODRIGUES, Rodrigo. **Coach que colocou em risco 32 pessoas no Pico dos Marins, em SP, afirma que “quem não quer correr risco fica em casa vendo Stories”**. Disponível In Coach que colocou em perigo 32 pessoas no Pico dos Marins, em SP, afirma que 'quem não quer correr risco fica em casa vendo stories' | São Paulo | G1 (globo.com) Acesso em: 15 dez. 2023.

UOL. **Lívian Aragão é detonada após palestra: “Sai da tua bolha rica”**. Disponível In Lívian Aragão rebate críticas após falar de produtividade (uol.com.br) Acesso em: 16 dez. 2023.

12

PROFISSÃO PROFESSOR: metáforas sobre a arte da docência⁷⁴

Professor é semeador. Mas semeador de uma espécie muito peculiar. Ou, para dizer de um modo talvez arrogante, *sui generis*. Os outros semeadores - aqueles de abençoadas mãos que produzem alimentos - procuram satisfazer as necessidades dos indivíduos matando sua fome. Eles visam, sobretudo, aos corpos.

De seu lado, o professor é do tipo que semeia não o alimento, e sim a fome. Sem descuidar dos corpos, visamos sobretudo às almas. Ai de nós se, tendo tomado assento no banquete cotidiano que servimos, nossos alunos ficassem satisfeitos de uma vez por todas; e, barriga cheia e sonolentos, saíssem por aí arrotando respostas para tudo que é pergunta. Se assim fosse, seriam absolutos donos da verdade, também ela, absoluta.

Como dito em texto anterior, infinitas são as coisas por conhecer⁷⁵. Em decorrência disso, também infinita é a construção do conhecimento de tais coisas. Consequentemente, por generoso que seja o banquete do conhecimento que oferecemos, ele será sempre uma “entrada”, um “aperitivo” para algo que ainda há de vir e que, comumente, não se encontra no cardápio.

⁷⁴ Texto originalmente publicado em Profissão professor - metáforas sobre a arte da docência - agazeta.net, em 15 out. 2023. Aqui, ele segue com umas poucas alterações e acréscimos.

⁷⁵ Ver o texto *Problematizando a noção de “neutralidade”*, no Vol. I.

Por vezes, nessa espera que é também uma busca, as “receitas” conhecidas e reconhecidas sequer ajudam. Em verdade, às vezes, elas mais atrapalham que ajudam. Sem desprezá-las, é preciso ânimo e coragem para deixá-las de lado e forjar outras.

Com efeito, nosso ideal é o aluno que, mesmo sentindo o sabor do saber, fica insatisfeito. Desse modo, busca mais alimentos, em outras mesas, com outros sabores, aromas, cores e substâncias. Ao fim e ao cabo, nosso ideal mais completo é o aluno que, tornando-se versado na arte da gastronomia do conhecimento, paladar treinado, consiga preparar seu próprio alimento e, generosamente, o partilha com os que dele necessitam. Anfitrião gentil e generoso. Fraternal e inventivo, acima de tudo! Assim queremos nossos alunos.

Não é desarrazoado dizer, por outro lado, que o professor é filantropo. Mas, em razão do capital específico que distribui, com vistas a fazer o bem, é filantropo de uma espécie muito peculiar. Ou, mais uma vez, para dizer de um modo talvez arrogante, *sui generis*.

O fundamento da riqueza do professor é o conhecimento de que dispõe, capital (cultural/intelectual) acumulado ao longo de toda uma vida, numa labuta diária, entre a leitura dos livros, das pessoas e do mundo; labuta estafante, no mais das vezes, que tende a invadir e ocupar todas as esferas de sua vida. O professor de matemática vê números em tudo; o de geografia vê geografia em tudo; o de história, do mesmo jeito, assim como o físico, o sociólogo, o filósofo, o biólogo etc.

Assim sendo, quem conseguirá estabelecer de uma vez por todas, com clareza meridiana, a fronteira entre o tempo de trabalho (do profissional) e o de descanso/lazer (do homem/mulher)?

Em contraste com os outros filantropos, o professor pode distribuir toda sua riqueza de conhecimento sem que fique um centavo mais pobre. Em verdade, forçoso é dizer que pobre poderia ficar se não a distribuísse, pois, no caso, o ato de distribuir - observado nas

implicações de longo alcance que desata - é concomitantemente ato de produção e reprodução.

Outro contraste: diferentemente dos outros filantropos, o professor não pode deduzir, de seu imposto de renda, a riqueza distribuída.

Numa matemática toda particular, a riqueza que distribui soma-se com a de seus alunos, multiplicando-se a perder de vista. De fato, não há subtração nesta equação. E dessa divisão resulta inelutavelmente soma e multiplicação, fazendo-se, simultaneamente, tesouros particulares e coletivos sem conta.

Em maior ou menor medida, além de parte de nosso tesouro, depositamos em nossos alunos também um pouco de nossa alma, ajudando a formar a alma deles. No fato do afeto, em certo sentido, fundimo-nos com eles. A partir daí, mesmo que nunca mais nos vejamos, seguiremos neles, como sedimentos que, tragados para o leito do rio, seguem sendo um com ele a partir daí.

O tempo torna a coisa um pouco mais complexa, mas não menos gratificante.

Às vezes, numa das muitas voltas que o mundo dá, em uma de suas muitas esquinas, encontramos ex-alunos. É bom vê-los bem. Nem sempre lembramos seus nomes, suas feições, tão mudados os faz a força do tempo. Barbados, os meninos; mulheres feitas e até mães, as meninas. Seja como for, comove ouvir suas realizações. Vibramos. Sinto como se fossem também minhas - o mesmo pode ser dito de suas dores e fracassos.

Em face dos que não foram bem, penso em que posso melhorar. Em face dos que seguiram adiante, exitosos, penso: não consegui mudar o mundo de todas as pessoas, mas, quando nada, ajudei a mudar o mundo de uma. E folgo em saber que o mundo está melhor por isso.

Saber que apontamos caminhos, que encorajamos a seguir adiante e a subir degraus, mostra que a luta vale a pena. Vivo uma profissão que me faz viver.

Entre muitas outras coisas, a docência é verdadeiramente uma arte. É, sobretudo, a arte da interpretação. E isso num duplo sentido. No sentido de entender e, ainda, no sentido de atuar, encenar. O que Raul Seixas disse de si, podemos também dizer de nós mesmos: “Eu sou um ator”⁷⁶. Os professores somos atores. Papel de papéis! Em certo sentido, um bom sentido, somos “fingidores”, como disse Fernando Pessoa acerca dos poetas⁷⁷.

N’alguma medida, para atrair os olhares e a atenção de nossos alunos, somos artistas e atletas; um pouco médico, um pouco monstro; um tanto gênio, um tanto louco; parte Charles Xavier, parte Severus Snape; um bocado pai e mãe, um bocado profissional que bem sabe que educar é também dizer não e usar a autoridade para estabelecer limites, quando e na medida necessária.

Uma só pessoa; muitos personagens. Papel de papéis, como já dito. Quando em aula de Weber, ser weberiano; quando em aula de Marx, marxista. Compreensivo, provocador, sagaz, matuto, divertido, sisudo, Napoleão, Diógenes de Sinope. Pedagogia das máscaras. Tudo isso para se fazer entender. Intentando suscitar empatias e desconcertos, incômodos salutaros, a arte da atuação a serviço do melhor entendimento.

Nesse espetáculo de todos, o professor ora é ator, ora plateia; e os estudantes ora aprendem, ora ensinam, como tem que ser. A sala, assim, se torna o palco em que se desenrola - atenção!!! - não uma ficção ou uma farsa, e sim a acidentada, conflituosa e diversa busca da verdade.

⁷⁶ Trecho da canção *Metamorfose ambulante*, composição de Raul Seixas.

⁷⁷ Ver seu poema *Autopsicografia*.

Esse é um dos mais importantes pontos. Para evitar compreensões enviesadas, sublinho que, nesse tópico, não posso acompanhar Raul. Não vou “desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes”. Sem deixar de ser uma “metamorfose ambulante”, reafirmo o que foi dito em páginas anteriores. Ciência não é retórica, narrativa apenas⁷⁸. É, em verdade, uma forma efetiva de se acercar da realidade, de apreendê-la, mesmo que sem nunca cobri-la e exauri-la por completo. Desse modo, a arte da interpretação/encenação - conforme tratamos - não diz respeito à essência do que é ensinado, a ciência. É da ordem da forma, servindo-lhe de meio e ou recurso. Nada além.

⁷⁸ Ver, no Vol. I, o texto *Problematizando a noção de “neutralidade”*.

13

QUANDO A TEORIA ENCONTRA A PRÁTICA: ensinar na luta, pela luta e para a luta

O texto que segue é uma síntese do que disse, numa reunião, a estudantes e pais de estudantes no dia 15/04/2024. O objeto da exposição é a greve deflagrada pelos servidores da educação federal no início do mês de abril de 2024. Achei por bem manter a redação de um modo que refletisse, com o máximo de fidelidade, o evento. E ainda assim, sabedor de que esse texto chegará a outras mãos e olhos, acrescentei a ele algumas informações, para melhor me fazer entender e dar mais robustez a certos pontos da discussão.

Boa tarde, caríssimos e caríssimas colegas de trabalho. Grato pela presença, sinal de solidariedade para com este que aqui põe e se expõe. Boa tarde, senhores pais. Boa tarde, senhoras mães. Obrigado por terem aceitado o convite para essa conversa.

Compareço aqui na condição de representante do comando local de greve. Coube a mim a complicada - pois que já intuo suas dúvidas e angústias - e necessária tarefa de explicar-lhes as razões de nossa luta. Se calhar e vocês desejarem, falarei também um pouco a respeito da dinâmica da greve.

Para não criar falsas esperanças, digo já agora que não tenho resposta para a mais premente das perguntas (Quando vai terminar a greve?), pois greve é processo de disputa e negociação. A depender da

disposição e da força de cada lado na contenda, ela pode se arrastar por mais ou por menos tempo.

Essa é uma greve que envolve docentes e técnicos administrativos. A título de esclarecimento, para início de conversa, permitam-me dizer que o piso salarial de um técnico administrativo - profissional extremamente importante para o êxito de nossas funções educacionais - é, hoje, 1.446,12. Repito, para que não reste dúvida. O piso salarial de um técnico administrativo é, hoje, 1.446,12.

Trata-se da categoria que tem o menor salário do funcionalismo público federal. Estamos, portanto, diante de uma injustiça. Qual a razão de uma discrepância assim?

Mas, pais e mães, a coisa pode ficar ainda pior. Nesses dias, o governo federal anunciou e os meios de comunicação deram ampla divulgação: no ano que vem, 2025, o salário mínimo será de 1.502.

Antes de tudo, interessa dizer que somos a favor da valorização do salário mínimo. Que ele aumente mais e mais. Todos os trabalhadores, indistintamente, merecem valorização. Justiça seja feita a todos eles! Contudo, chamamos a atenção para o fato de que, com esse aumento, o piso de nossos técnicos - funcionários públicos federais! - será menor que o salário mínimo!

Com palavras ou sem elas, uma instituição educacional diz aos estudantes que eles devem valorizar o estudo, investir tempo e esforços nele, porque compensa. A seu modo, os pais costumam dizer a mesma coisa com as seguintes palavras: “Estude para ser alguém na vida”. Quantas vezes não ouvi isso de minha mãe, de meus avós e tios!

A condição de profissionais qualificados pouco valorizados é, quanto a isso, um contratestemunho. É provável que os alunos, mirando nossos técnicos, pensem consigo mesmos: “Parece que investir nossos esforços em educação não é tão bom assim como dizem”. Ou, quem

sabe, pensem: “Vou estudar, sim. Mas não para trabalhar na área da educação. Não vale a pena”.

Prima facie, não há problema que pensem assim. É coisa lógica. Até mesmo os técnicos pensam assim. Entre eles, é grande a proporção dos que abandonam a área da educação, para ganhar o pão em outra atividade, que lhe garanta mais justa paga. E assim nossas instituições educacionais perdem bons profissionais, qualificados, treinados. Por intermédio e em consequência disso, também os alunos perdem com essa migração de nossos técnicos de uma área para outra.

Assim sendo, movidos para uma visão utilitarista - e quem os há de culpar, mantidas as coisas como estão? -, dificilmente nossos alunos terão uma relação de respeito para com a educação e para com aqueles que a fazem. Quantos bons profissionais poderemos perder em razão disso? A nosso juízo, esse efeito já é sentido entre nós. Uma pesquisa recente aponta que

O descaso com a estrutura do sistema educacional tem feito com que os jovens se afastem da docência como carreira profissional. A constatação é de uma pesquisa do Instituto Semesp [...]. O envelhecimento dos professores, cuja média de idade é acima dos 50 anos, subiu 109% entre 2009 e 2021. Em contrapartida, houve, no mesmo período, a queda no número de docentes até 24 anos em início de carreira - caiu 42,2%. As estatísticas, de acordo com o estudo, demonstram um risco para a educação, já que essa desproporção ameaça causar um “apagão” na profissão até 2040, com um *déficit* de 235 mil professores em todas as etapas da educação básica⁷⁹.

⁷⁹ Brasil afunda rumo ao apagão de professores, mostra pesquisa (correio braziliense.com.br) Acesso em: 15 out. 2022.

Há poucos anos, a carreira do funcionalismo público federal gozava de grande reputação. Era muito almejada. Entre outras coisas, pelas condições de trabalho e pelos bons salários. Pelo que vemos, as coisas já não assim. Ministro da economia no governo Bolsonaro, Paulo Guedes chamou os funcionários públicos de “zebras gordas” e afirmou, em tons orgulhosos, que havia colocado uma “granada no bolso do inimigo”, isto é, no nosso bolso.

Não temo incorrer em injustiça ao dizer que os trabalhadores da educação representamos uma das categorias mais prejudicadas. Lembro que o filho do ex-presidente chegou a dizer, em evento público, que os professores eram “piores que traficantes”. Lembro, ainda, que no governo passado, toda vez que anunciavam cortes, a pasta da educação era a primeira a perder e era também, sempre, a que mais perdia. Somavam-se assim os ataques de caráter moral, político e econômico.

Por uma questão de justiça, devemos reconhecer que nossa situação ficou um pouco melhor com o atual governo. Em parte, o orçamento da educação foi recomposto e todos os servidores federais ganharam um aumento de 9%. No entanto, isso ainda está muito aquém do que precisamos. Desde 2015, perdemos algo em torno de 20% de nosso salário para o processo inflacionário. Tomando como referência o ano de 2010, alguns levantamentos apontam que essa perda chega a 39%.

Caríssimos e caríssimas, quero que entendam que nós não somos apenas professores e técnicos. Não somos apenas profissionais da educação federal. Assim como vocês, somos pais e mães. Temos família. Temos responsabilidades com as quais temos que arcar cotidianamente.

Ora, atire a primeira pedra aquele pai que não está disposto a lutar pelo futuro de seus filhos! E não é isso o que vocês, pais e mães, estão fazendo aqui, agora? E é exatamente isso, caríssimos e caríssimas,

que também nós estamos fazendo. Estamos lutando pelo futuro de nossos filhos, procurando garantir que não lhes falte o pão - e, como não somos bichos, procuramos garantir também dignidade, segurança, quiçá algum conforto, um deleite. “A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte”, diriam os Titãs.

Em nosso trabalho, fazemos sempre o melhor. Não há aluno que, adentrando esses espaços, não receba de nós o melhor. Ano após ano, temos dado provas disso. Basta ver o número de nossos alunos que estão sendo aprovados em cursos superiores altamente disputados (medicina, direito, engenharia, psicologia etc.), da UFAC e de outras universidades, assim como em concursos públicos os mais variados.

Nosso trabalho tem feito toda diferença na vida dos alunos que por aqui passam. Prova disso é que alguns de nossos ex-alunos hoje trabalham no IFAC. São nossos colegas de trabalho. Não nos parece falta de modéstia falar isso abertamente, boca cheia, peito inflado.

Decerto que a capacidade e o comprometimento individual de cada um deles contam. Não há dúvida. Contudo, é igualmente certo que muito contou o conhecimento que eles colheram entre nós, técnicos e docentes.

Inúmeras foram as vezes que, dentro ou fora de sala, em horário de trabalho ou não, passei horas a falar com alunos sobre profissão, mercado de trabalho, Enem, livros, política, redes sociais, música, poesia, cinema, HQs etc. Inúmeras foram as vezes que dei conselhos e palavras de encorajamento. Inúmeras foram as vezes que ouvi angústias e desabafos.

E isso que falo de mim, sei, é extensivo a muitos de meus colegas docentes e técnicos. Entre outros motivos, isso é assim porque em alguns dias da semana ficamos mais tempo com nossos alunos do que com nossos próprios filhos. Com essa intensa convivência e a proximidade que ela possibilita, não é sem razão que alguns de nossos

alunos veem em nós uma espécie de confidente e compartilham conosco medos e sonhos, coisas que nem sempre, por razões diversas, se sentem à vontade para compartilhar com a família.

Permitam-me colocar a seguinte pergunta: é justo que façamos tanto pelos filhos de outras pessoas e, por outro lado, não possamos fazer nada pelos nossos próprios filhos? Acaso minha obrigação de cuidar dos filhos de outrem me desobriga de cuidar dos meus próprios filhos? Olhando a coisa por outro ângulo, pergunto: pode cuidar bem dos filhos dos outros aquele que não cuida bem dos seus? Justiça seja feita a todos os pais e filhos!

Sei que entre vocês e nossos estudantes há quem pense que essa greve aconteceu do nada e sem justificativa plausível. Caríssimos e caríssimas, a verdade é que, há quase um ano, o canal de negociação com o governo está aberto. Há quase um ano, os representantes do governo sabem de nossas reivindicações. Não há aí nem novidade nem segredo.

Apesar disso, porém, até agora eles não haviam estudado a sério nossas propostas. Também nem precisavam. Independentemente do que pedíamos, estavam programados para dizer “não”. Enquanto diziam “não” para nossa categoria, seguiam concedendo aumento para outras categorias. A Polícia Federal levou 22%; os funcionários do Banco Central, 23%; a Polícia Rodoviária Federal, 27%; servidores do IBAMA e do ICMBio receberam proposta de 35%; os Auditores Fiscais receberão um bônus de produtividade que vai variar de 4.500 (em 2024) a 11.000 (em 2026). E para nós, servidores da educação? A proposta do governo para nós foi de 0% em 2024⁸⁰.

⁸⁰ Na primeira rodada de negociação, seguia-se a proposição de um aumento de 4,5% em 2025 e mais 4,5% em 2026. Na segunda rodada, fruto da luta que encampamos, o governo propôs 9% em 2025 e 3,4% em 2026, mantendo 0% em 2024. Tudo somado, não chegamos a recompor as perdas inflacionárias.

Particularmente, não vejo problema que outras categorias sejam valorizadas. Justiça seja feita a elas! Mas qual a razão de atender a outras categorias - de modo bastante generoso, como vimos acima - e a nossa não? Acaso não somos importantes? Não desenvolvemos um trabalho socialmente relevante? Justiça seja feita a nós também. É o que pedimos. É o que esperamos.

Diante disso, a greve foi uma necessidade. Por quase um ano, o governo não respondeu de modo efetivo nem mesmo nossas reivindicações que em nada pesariam em termos de gastos. Depois que paralisamos, por pouco mais de uma semana, as coisas mudaram. Sem exagero, posso dizer que, por força de nossas mobilização e paralisação, avançamos mais nesta semana do que nesse quase um ano de “negociação”.

E quais são nossas reivindicações? Não dá para tratar delas em sua inteireza e implicações. O que segue é apenas alguns poucos pontos, para que tenham uma ideia delas.

Em primeiro lugar, reivindicamos recomposição salarial. Sei que essa pauta deu muito o que falar. Por maldade ou ignorância, alguns reduziram nossa luta a ela. Pintaram-nos como “interesseiros”, “gananciosos”. Nesse quadro, teríamos parado nossas atividades porque “queremos mais dinheiro”, mesmo já ganhando “muito bem”.

Para algumas pessoas, é fácil falar que a educação merece e precisa ser valorizada. Além de politicamente correto, é um discurso quase automático. Mas, quando os profissionais da educação lutam por essa valorização, lançando mão das armas que estão à sua disposição, como a greve, aí a coisa muda de figura. É aí que, se lutar, o herói vira vilão. Nesse quadro interpretativo, a condição de heróis que nos cabe depende de sermos apáticos, que soframos estoicamente, sem lutar, que nos quedemos dependentes da boa vontade do governo do momento e da comiseração da sociedade.

Não vejo por qual motivo deveríamos ter vergonha de dizer que queremos valorização. Já disse que, desde 2015, a inflação correu 20% de nosso salário. Quando entrei no IFAC, em 2016, meu salário era maior do que é hoje, embora ninguém tenha tirado dele um só real. É que a inflação veio. Os preços subiram. As coisas ficaram mais caras. E o salário não acompanhou essa escalada. Ficou congelado ou não teve valorização no mesmo nível.

O que nos obrigaria a assistir passivamente a esse processo de pauperização de nossa categoria? Nesses termos, quer dizer que só poderíamos lutar quando nosso salário se equiparasse ao salário de um gari? Com efeito, desejo, sim, que um dia nosso salário e o salário dos garis sejam equivalentes. Mas não porque nosso salário, diminuindo, se equipare ao deles, e sim porque o deles, crescendo, se equipare ao nosso. Do gari ao médico, justiça seja feita a todo trabalhador.

Lutamos pelo pão de nossas famílias. Não há motivo de vergonha nisso. É honesto. É digno. É justo. É lícito. No dia em que um pai ou uma mãe tiver vergonha de lutar pelo pão de seus filhos, só restará a ele ou a ela esperar que sua família pereça à míngua, tendendo a morrer de fome.

A situação é particularmente difícil para quem é DE (dedicação exclusiva)⁸¹, como muitos de nós somos. O salário mínimo tem seus “gatilhos”, o que significa que, se mantidos esses gatilhos, ele terá aumento automático. No formato atual, somam-se as percentagens do crescimento econômico e da inflação do ano anterior e assim se mensura seu aumento.

Não tendo gatilhos, o aumento de nosso salário depende de entendimentos com cada governo, o que resulta, vez ou outra, em disputas acirradas, que podem levar a greves, por exemplo. Se devemos

⁸¹ Situação de alguns docentes que não podem ter outra atividade remuneratória, dedicando-se única e exclusivamente à educação.

exclusividade à educação e nossos salários perdem poder de compra conforme o tempo avança, nossa única alternativa é lutar por aumento salarial ou, como é o caso agora, por recomposição salarial.

Não podemos cruzar os braços. Não podemos perder tempo. Temos que cuidar do que é nosso. Se não fizermos isso, em vez de uma conquista, fonte de orgulho e dignidade, nossos trabalhos serão como uma espécie de prisão ou uma pena de empobrecimento gradual. Não há princípio jurídico ou moral que nos obrigue a isso.

Ainda no que diz respeito a esse tópico, importa acrescentar que, se lutamos pela valorização da categoria, a carreira se torna mais atrativa, passando a atrair os melhores profissionais de cada área, das mais diversas regiões do país. Toda ênfase será pouca para dizer o quanto isso é importante, sobretudo, para uma região tão distante do centro (como é o Juruá) em que o custo de vida é tão alto.

Com bons salários, os profissionais vindos de fora do estado talvez queiram ficar por aqui, podendo então contribuir de maneira mais efetiva e duradoura com a educação e o bom desenvolvimento da região. Como podem ver, seus filhos ganham com essa luta. A região ganha com essa luta.

Outra de nossas pautas é a reformulação da carga horária. Hoje, o mínimo de aulas que temos é de 14 horas e o máximo, 18 horas. Consideramos uma carga horária bastante alta, estafante, que prejudica a qualidade do trabalho. A essa quantidade de horas, somam-se mais algumas horas que devemos, obrigatoriamente, dedicar a preparação de aulas, correção de trabalhos e provas, lançamento de notas, atendimento a alunos, bem como a conselhos de classes, a colegiados, a reuniões com pais de estudantes e com direções e coordenações.

Ao fim, tudo somado, chegamos a algo em torno de 30 ou 35 horas - até mais que isso, se tivermos com a carga horária máxima de aulas. E é o que resta para chegar às 40 horas que temos que dividir

entre a pesquisa e a extensão. Quem faz essas atividades bem sabe: esse tempo restante é irrisório para o que se necessita.

É muito pouco tempo para pesquisa. É muito pouco tempo para extensão. Uma simples visita a comunidade rural - uma das muitas formas de se fazer extensão - excede, de longe, esse tempo. No que diz respeito à pesquisa, apenas a revisão bibliográfica demandaria bem mais. Imaginem se tivesse que colocar, como se diz, na ponta do lápis, a pesquisa de campo, com coleta de dados e entrevistas, e a escrita de relatórios e artigos.

Uma carga horária composta assim - um dos legados do governo Bolsonaro -, prioriza o ensino em sentido *quantitativo*, pois que carrega o professor de horas de aula. Nesse sentido, falha no aspecto *qualitativo*. Com menos horas de sala, o professor poderia ministrar aulas melhores. Por outro lado, limita o tempo que o docente poderia dedicar à pesquisa e à extensão, atividades mais diretamente voltadas para a *produção do conhecimento*, contrastando com o ensino cuja característica principal é a *reprodução do conhecimento* já elaborado.

Ao manter dessa forma a carga horária docente, o governo Lula tende a aproximar os Institutos Federais das escolas normais. Todavia, um dos grandes diferenciais dos Institutos é exatamente a possibilidade de propiciar aos jovens estudantes uma experiência de produção científica, antes mesmo que estes entrem nas Universidades. Dessa maneira, há uma subutilização, um empobrecimento do papel dos Institutos Federais.

Com mais tempo para pesquisa e extensão, o IFAC poderá estreitar ainda mais seus laços com a comunidade cruzeirense (ou mesmo juruaense) e servir ainda melhor à região. Daí, no futuro e apenas no futuro, decorrerá a necessidade de mais professores e técnicos, bem como de mais verba para projetos e mais bolsas para nossos estudantes.

Como não poderia deixar de ser, nossa luta contempla também a recomposição orçamentária. Já dissemos acima que nos últimos anos a educação foi muito prejudicada, perdendo muito de seu orçamento. Essa recomposição, portanto, é fundamental para o presente de nossos estudantes, mas também para seu futuro, já que todos (ou quase todos) eles buscarão uma vaga nas Universidades Federais.

Com um orçamento mais robusto, Institutos e Universidades Federais poderão melhor acolher os estudantes e oferecer-lhes auxílios e bolsas, coisa fundamental para que alcancem êxito e não tenham que abandonar os estudos para se porem a trabalhar. Essa é uma condição indispensável para continuarmos a ter uma educação pública, gratuita e de qualidade. É uma questão de justiça social! Com ela, os filhos dos pobres, dos camponeses e dos indígenas continuarão a estudar com professores mestres e doutores, e com técnicos altamente qualificados.

Por fim, reivindicamos do governo a criação de uma “mesa da greve”. Esta seria responsável para que, em conjunto, governo e instituições representativas dos trabalhadores da educação federal possam dar o melhor encaminhamento aos problemas suscitados com a greve. Entre outras coisas, serão tratados aí a compensação dos trabalhos suspensos (o melhor calendário) e a não suspensão das bolsas e auxílios dos estudantes durante o período que a greve durar.

Já caminhando para a conclusão, gostaria de dizer que, como professor de sociologia, sempre ensinei a meus alunos que nenhum direito caiu do céu. Nenhum deles brotou do chão espontaneamente. Nenhum direito veio pela caridade dos patrões, dos que oprimem e exploram. A bem da verdade, todos os direitos são fruto de luta, de muitas lutas. Alguns custaram sangue e vidas.

Sociologicamente falando, a luta foi a forma mais eficaz - não a mais simples - que os trabalhadores encontraram de permanecer vivos e conquistar dignidade. A história o confirma. Sendo coerente, nesse

momento, não ensino apenas com a palavra. Ao lado dos meus companheiros de luta, agora ensino com o exemplo. Como disse certo autor barbudo, não basta interpretar o mundo. É preciso transformá-lo. É aqui que a teoria encontra e exige a prática.

Nos últimos anos, consolidou-se entre nós a sacralização das políticas de austeridade fiscal. Em maior ou menor medida, desde o início dos anos 1990, todos os governos seguiram a cartilha neoliberal que impõe corte de “gastos” com o funcionalismo público e com as políticas sociais. Essas medidas prejudicam a população que mais precisa dos serviços sociais, mas deixa o Estado livre para continuar os gastos da dívida que favorece banqueiros e financistas em geral.

De outra banda, à medida em que também se tornava mais obscurantista e mais neoliberal, o Legislativo se fortaleceu diante do Executivo. No último governo, por exemplo, ele cresceu em força a tal ponto que chegou a usurpar o comando do orçamento, coisa que cabe ao Executivo, conforme estabelecido na Constituição.

As coisas mudaram um pouco no governo atual. Mas o Congresso o chantageia diuturnamente. Da maneira mais desabrida e desavergonhada, emperra votações, ameaça com a abertura de CPIs.

Nessa conjuntura desfavorável, cada centavo do orçamento está sendo disputado. Com a greve, nós, que até aqui estávamos distantes, por assim dizer, entramos na disputa. Os outros meios falharam. Foi justo e necessário que entrássemos. Se nós não lutarmos por nós, quem lutará? Se não agora, quando? Se não assim, como?

Hoje, seus filhos são nossos alunos. Todavia, amanhã serão trabalhadores. Espero que não esqueçam dessa lição. Pois que, se um dia lhes faltarem as boas condições de trabalho e o salário digno, que não lhes falem a consciência cidadã, a disposição para lutar por dignidade e respeito, como fazemos no momento. Que na luta por seus

direitos, a exemplo do que fazemos nesse momento, não tenham medo de se expor a incompreensões e ataques vários.

Nem nossos alunos nem vocês, caríssimos pais e caríssimas mães, são nossos adversários nessa luta. Como procurei mostrar, nossa luta é também uma luta por vocês. Como vocês, também nós estamos lutando por nossos filhos e por nossas famílias. Quanto mais força mostramos, mais rápido o governo dará a resposta que esperamos e precisamos.

Estamos mais que aptos a fazer um esforço para minorar ou mesmo desfazer qualquer contratempo que a greve possa gerar. Já mostramos que somos capazes disso. É só lembrar do período da pandemia e do incêndio no prédio do campus. Em ambos os episódios, fomos obrigados a suspender as atividades letivas.

Quando retomamos os trabalhos, mostramos nossa capacidade de preparar nossos estudantes para o Enem e para outros concursos. Agora, não será diferente. Estaremos empenhados de corpo e alma nesta tarefa. Palavra de honra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Tainá. **Brasil afunda rumo ao apagão de professores, mostra pesquisa**. Disponível In <Brasil afunda rumo ao apagão de professores, mostra pesquisa (correio braziliense.com.br)> Acesso em: 15 out. 2022.

14

A GREVE DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO E O GOVERNO LULA⁸²

O governo Lula enfrenta sua primeira grande greve. E ela vem justamente de um segmento com que o governo guarda afinidades: as instituições federais de ensino.

Antes do mais, por uma questão de justiça, devo dizer que a educação está numa situação bem melhor agora. Antes, estávamos numa situação de ataques políticos diários e cortes orçamentários constantes. Todos lembramos a lambança em que transformaram o Ministério da Educação (MEC), colocando-o sob a condução de gente desqualificada e obscurantista. Naqueles dias, o cupim cuidava da madeira.

Uma sucessão de gente ruim por gente pior ainda. Carrossel dos horrores. Vilipêndio espetacularizado. Do primeiro ao último ministro da educação do governo Bolsonaro foi assim, um misto de ignorância e perversidade no trato com a educação. Ainda lembramos que o filho do ex-presidente, em evento público, afirmou que os professores eram “piores que traficantes”.

⁸² Texto originalmente publicado em <https://agazeta.net/a-greve-das-instituicoes-federais-de-ensino-e-o-governo-lula/>, em 25 abr. 2024. Aqui, ele segue com algumas poucas alterações e acréscimos.

A situação agora é bem outra. Reconhecemos. O orçamento, em parte, foi recomposto. A exemplo das outras categorias, também os servidores da educação tiveram um alento de 9% de reposição (não de aumento) nos salários. Em que pesem esses avanços, cabe observar que, segundo a ANDIFES (entidade que reúne os reitores das universidades federais), ainda seriam necessários 2,5 bilhões para assegurar o funcionamento básico das instituições esse ano.

A recomposição salarial também tem gerado problemas das mais variadas ordens. Fundamentalmente porque os representantes do governo vêm negando qualquer aumento para os servidores da educação nesse ano de 2024, enquanto, por outro lado, têm concedido aumento substantivo para outras categorias.

Desejamos que todas as categorias, sem exceção, sejam valorizadas. Tanto do ponto de vista moral, quanto do ponto de vista material. Todavia, é forçoso perguntar: por qual razão umas categorias são valorizadas e outras não?

Ocupando lugares sensíveis nos interstícios da burocracia estatal, essas categorias outras - assistidas com um aumento pelo governo - conseguem fazer uma pressão quase surda, mas muito efetiva. Trabalhando direto com amplas parcelas da população, essa é uma vantagem que a educação não tem. E, se falham os outros meios, resta a greve.

Por quase um ano, o canal de negociação com o governo estava aberto. Entretanto, tudo parecia conduzido como se fosse uma espécie de encenação. Somente depois de uma semana de paralisação, foi que o governo acenou com uma proposta relativamente séria.

Na primeira rodada de negociação, a proposta de recomposição salarial ficou muito aquém do esperado (sobretudo, para os técnicos administrativos). Quanto às outras pautas - as que não implicam

necessariamente gastos -, parece que a equipe do governo nem as estudou, demonstrando ignorância e indiferença.

Compreensivelmente, por essas e outras coisas, o resultado da última rodada de negociação com o governo foi o aumento da insatisfação da categoria dos servidores. Nem bem se passou uma semana, e a greve ganhou ainda mais corpo. Outras entidades representativas dos servidores da educação federal e também dos estudantes vieram se somar ao movimento paredista.

Se o governo não queria enfrentar uma greve, dormiu no ponto. Até aqui, as ruas estavam sendo tomadas somente pelos seus adversários. Agora, por não ter conduzido bem as negociações, acabou empurrando para as ruas uma categoria amiga sua. Em qualquer tempo, isso seria ruim. Mas, em ano eleitoral, é muito pior.

Sabedores disso, já alguns defensores do governo começaram a criticar o movimento grevista, chamando-o de “oportunista” e alegando que ele está “fazendo o jogo da extrema direita”.

Já vimos isso acontecer. Tanto no cenário nacional quanto no local, onde o PT ficou 20 anos à frente do governo do estado. O resultado é conhecido por muitos de nós. Ao abrir mão de sua autonomia e de seu direito de manifestação, para “não favorecer os adversários do governo”, os movimentos sociais e sindicais se enfraqueceram, perderam força e legitimidade.

Quando, depois dos governos do PT, os extremistas conquistaram o poder estatal, que movimento restou para poder fazer a contraposição? Nenhum! É nisso que dá confundir afinidade e apoio a um governo com subserviência.

Se há afinidade - e não negamos isso -, ela deve ser uma via de mão dupla e não pode, nunca, castrar a autonomia dos movimentos. Do ponto de vista da educação política, isso é algo verdadeiramente

fundamental. Por vezes, não escolhemos o governante que vamos apoiar. Escolhemos aquele contra quem vamos lutar.

A seguir a orientação de alguns, parece que os movimentos sociais e sindicais devem aceitar, agradecidos, tudo o que o governo lhes oferecer. Não podem lutar. Não podem contestar. Não podem protestar. Não podem fazer barulho. Só têm que aceitar o que o governo lhes oferecer, agradecidos.

Isso, porém, não é cidadania. Não é democracia. Isso é paternalismo. É empurrar o país para o passado.

Ora, esse é um governo de coalizão e em disputa. Entendemos. As outras frações dessa coalizão, como o centrão, que são infiéis ao governo e não perdem a oportunidade de chantageá-lo e humilhá-lo em público, avançam vorazes sobre parcelas cada vez maiores do orçamento. Recentemente, ganhou na casa dos bilhões, via liberação de emendas parlamentares. Numa semana, foi o montante de 14 bilhões. Noutra semana, somente num dia, foram 4 bilhões - mais do que aquilo que é necessário para manter as Universidades Federais funcionando com um mínimo, mas que atenderia milhões de pessoas.

Assim, Lira, que começou a semana rugindo feito um leão, termina-a quase ronronando, como um gatinho. Por outro lado, com Rodrigo Pacheco à testa da movimentação, estão propondo um aumento de benefícios para os juizes que vai custar mais de 40 bilhões aos cofres públicos.

Diante da pressão e das chantagens, o que Lula fez? Entre outras coisas, disse que é o governo que precisa do Parlamento, e não o contrário. Sintomaticamente, também disse que Haddad tem que ler “menos livros e conversar mais” com o Congresso.

Temos que assistir a tudo isso passivamente ou temos o direito - talvez, o dever - de tomar parte nessa disputa do orçamento e, no fim das contas, da própria orientação política do governo?

No mais, pergunto, ainda, se nós não lutarmos por nós mesmos, quem lutará? Se não agora, quando? Se não assim, como?

Por fim, como docente, concluo dizendo que tomara que Haddad não deixe de ler livros, conforme sugeriu Lula. Mas que se esforce, sim, para conversar mais, não com o centrão, e sim com os movimentos sociais e sindicais.

A voz do povo de luta deve ser ouvida. Se ela não foi silenciada num governo extremista, tampouco o será num governo com alguma sensibilidade social. E, se é de luta, de fato, essa não será uma voz que diz “Sim, senhor” e “Não, senhor”. Será aquela voz ativa e altiva.

15

EDUCAÇÃO FEDERAL EM LUTA: é preciso superar a *lulolatria*⁸³

A greve da educação federal caminha para completar seu segundo mês. A essa altura, já é possível afirmar com absoluta segurança: os avanços oferecidos pelo governo aos servidores são *parcos* e os meios utilizados por ele ao longo do processo de “negociação” são *parcos*. Frustração sobre frustração.

Até aqui, o governo ofereceu aos servidores da educação a pior proposta feita aos servidores do executivo federal. Os técnicos administrativos continuam sendo a categoria mais mal remunerada, com um piso salarial (1.446,12) abaixo do que é previsto para o salário mínimo no ano que vem (1.502). De seu lado, os docentes federais têm um piso salarial (3.412,63) que fica abaixo do piso nacional da educação básica (4.580,57). Com isso, é possível afirmar que estamos diante de uma tendência que vem se afirmando, podendo tornar ainda maior essa discrepância.

Via de regra, os melhores são mais capazes de formar os melhores. Mas como atrair os melhores para a educação com carreiras tão pouco atrativas em termos de retorno financeiro?

⁸³ Texto originalmente publicado em <https://agazeta.net/educacao-federal-em-luta-e-preciso-superar-a-lulolatria/>, em 30 maio 2024. Aqui, ele segue com algumas poucas alterações e acréscimos.

Como sabemos a partir de levantamentos vários, os Institutos e as Universidades Federais representam, em seu conjunto, o que há de melhor na educação brasileira. No ensino, na pesquisa e na extensão é assim, apesar dos pesares. Não é justo que assim sejam tratados.

A “fuga de cérebros” é uma realidade entre nós. A sociedade brasileira paga caro pela formação de cientistas das mais diversas áreas. Uma vez formados, sem condições adequadas para exercer seu ofício, esses profissionais buscam trabalho em outros países.

O governo pretende atraí-los de volta através do *Programa de Repatriação de Talentos - Conhecimento Brasil*. Todavia, como estancar essa sangria, se não cuida nem dos cientistas que por aqui ainda estão? Um projeto sério de educação não se sustenta apenas com propaganda. É preciso bem mais que isso.

Como disse em outra oportunidade, o montante para que as Universidades funcionem, com um mínimo, é da ordem de 2,5 Bilhões. Se somarmos o que é necessário também para os Institutos Federais esse valor fica bem maior. Entretanto, recentemente o MEC acrescentou 300 Milhões a seu orçamento e fez circular nos meios de comunicações que havia recomposto o orçamento da educação. Não. Nada disso. Maquiagem apenas.

Adiantando-me, digo que concordo plenamente com aquele que disser que estamos melhor agora do que estivemos nos anos imediatamente anteriores, sob os governos Temer e Bolsonaro. Mas devo perguntar: será que isso implica que, agora, devemos permanecer abobalhados e apáticos, aceitando passivamente o que quer que o governo faça?

As instituições federais de ensino vêm assistindo seu orçamento minguar ano após ano, numa proporção inversa à da demanda imposta a ela pelos governos e pela sociedade. Mais trabalho e mais responsabilidade, com menos orçamento para dar conta disso. Precisam

de um tudo. Muitos de seus prédios necessitam de reparo e/ou ampliação. Nelas, faltam veículos, combustíveis, aparelhos, insumos, quadro profissional etc.

Nesses dias, ouvi o testemunho aflito e indignado de uma docente que dizia que, no campus em que trabalha, só conseguiram pagar a conta de energia porque contaram com uma emenda parlamentar. Um campus pedinte. Pires na mão! E esse não é um exemplo solitário.

Se hoje estamos em melhores condições que antes, não é porque esse governo seja assim tão bom. A verdade é que os governos anteriores eram muito ruins. Qualquer governante que queira melhorar os indicadores econômicos e sociais não pode tomar Temer e Bolsonaro como objeto de comparação, para o que quer que seja. Para efeitos de comparação, não são objeto. São abjetos, pois que golpistas e execráveis. Nada mais.

Por conta desses e de outros problemas, a negociação dos servidores da educação federal com o governo muito prometia. Outro tempo se abria. No entanto, o que muito prometia pouco entregou.

Fluindo morosamente, com um misto de indiferença e má vontade por parte do governo, o processo de negociação logo levantou suspeitas e indignação por parte dos servidores. Então, a fim de garantir efetividade à negociação, estes decidiram entrar em greve. Devido às atitudes do governo, foram empurrados para isso.

O governo escolheu como negociador um tal de Feijó, sujeito com vasta experiência de luta sindical. Currículo invejável. Em vez de usar essa experiência para facilitar a negociação, Feijó fez o contrário. Emperrou as negociações e afrontou docentes e técnicos administrativos. Alertado pelos servidores de que isso poderia ser “um tiro no pé”, alegou: “Daremos esse tiro no pé”.

Apresentou uma primeira proposta horrível. Depois, contra toda expectativa, superou-se. Coisa de um mês depois, apresentou uma proposta pior ainda. Levou um mês - sem nada que justificasse tanta demora⁸⁴ -, mas ele conseguiu. Não ousem dizer que ele não é esforçado e competente.

A segunda proposta foi pior que a primeira. É que a primeira proposta foi apenas insatisfatória, em contraste com o que solicitamos e precisamos. A segunda, porém, foi lesiva. Em verdade, é uma proposta que tira ganhos de quem está num nível mais avançado (os docentes que têm mais tempo de serviço) para distribuí-los entre aqueles que estão num nível anterior (os que têm menos tempo de serviço e os que ainda farão concurso). Assim, é mais que justo e correto definir tal proposta como *canibalizante*, pois que tira carne de uns servidores para dá-la a outros, espalhando cizânia entre uns e outros.

Não obstante, tendo apresentado uma proposta obscena como essa, Feijó fechou o processo de negociação. Na segunda rodada, ele fechou o processo de negociação. De forma unilateral e autocrática.

É óbvio que isso não agradaria as bases e suas representações sindicais. Frustradas, mas ainda nutrindo alguma esperança, reagiram. Rejeitaram a proposta - indecente, sublinhe-se - do governo. Para mostrar boa vontade, disposição para o diálogo, forjaram em tempo diminuto uma contraposta à proposta do governo.

A contraposta dos servidores foi rejeitada pelo representante do governo sem ao menos ser apreciada, como é de se esperar num processo real de negociação. O governo não quer negociação. Eis uma verdade incontornável.

No dia determinado para assinatura, Feijó - ele de novo - ignorou as representações sindicais e assinou o acordo com o PROIFES,

⁸⁴ Eis o que explica a demora do tempo de greve, muito maior do que imaginávamos e queríamos.

uma representação sindical com base microscópica e, portanto, sem legitimidade nenhuma. Uma vez que o governo não controla como queria as verdadeiras representações sindicais (ANDES, FASUBRA e SINASEFE), o PROIFES ajuda a criar a encenação de que o governo tanto precisa.

Em verdade, há alguns anos, ele (o PROIFES) foi criado pelas atuais forças governistas exatamente para isso, para encenar a farsa de que está negociando e fazendo acordo com os legítimos representantes dos trabalhadores da educação. O governo até faz negociação, no tempo e nos termos que ele quer. Saindo disso, ele convoca o PROIFES para feitura da farsa.

Estamos diante de uma manobra que afronta e enfraquece a luta dos trabalhadores, suas representações sindicais. Não podemos tratar como sendo dos trabalhadores um governo que age assim, contra os trabalhadores. Não podemos dizer que é amigo da educação um governo que age assim, contra a educação, valendo-se de recursos tão vis, tão baixos.

Independentemente de seu histórico e coloração, uma força política que fere assim os trabalhadores, quaisquer trabalhadores, põe-se ao lado do capital e das classes dominantes. E pelo bem da verdade, vale dizer: isso não começou agora. Desde o primeiro governo Lula, os movimentos sociais e sindicais vêm sendo cooptados e enfraquecidos, vilipendiados em sua autonomia.

Não resta dúvida de que tal, uma vez que enfraqueceu as forças de resistência, preparou o caminho para a ascensão e o fortalecimento da extrema direita. Através de coisas como essas e de outras mais, o lulismo preparou o terreno para o bolsonarismo.

Diante da arrogância do negociador do governo, alguns líderes sindicais começaram a pedir que Lula assuma as negociações. Todavia, é forçoso reconhecer: Feijó jamais faria o que está fazendo sem que

contasse com o aval de seus superiores. Por tudo o que temos visto, ele foi escolhido a dedo para fazer exatamente o que está fazendo. Está autorizado. Nesse baile de máscaras, Lula é Feijó e Feijó é Lula.

Desse modo, é imperativo que paremos de pedir que Lula assuma as negociações. Lula já assumiu as negociações. Ele já está na mesa, na pessoa do Feijó. Além de ingenuidade, insistir nesse tipo de colocação demonstra certo messianismo, certa idolatria.

Trata-se, como defino, de *lulolatria*. Coloca-se Lula numa condição de *deus ex machina*, como diriam os gregos ou, para usar termos que nos são mais familiares, um messias salvador cujos poderes e virtudes seriam capazes de nos salvar dos males todos que nos afligem. Nos termos da farsa que apontamos acima, Lula nos salvaria da difícil situação que ele mesmo criou, colhendo todos os louros que a situação permitisse.

Por acaso, derrotamos um mito par nos render a outro?

Ora, se é como tenho dito, que Lula é Feijó e Feijó é Lula, toda crítica que até aqui foi direcionada apenas a Feijó tem consistido em incensar nosso adversário, o indivíduo que está sob sua pele: Lula. Separar, de um modo absoluto, Lula de Feijó serve apenas para blindar Lula da responsabilidade que lhe cabe pelo engodo do processo de negociação, tendendo ao fim a idolatrá-lo. Dessa maneira, temos confundido idolatria com crítica. Pensamos estar fazendo uma, mas, em verdade, temos feito a outra.

É impossível ganhar uma luta em que sequer conseguimos identificar nossos adversários. Se não quisermos permanecer inertes e inermes, como temos sido até agora, é preciso superar de uma vez por todas a lulolatria que vigora, pujante, entre nós.

Que esse governo tenha feito algo, bem melhor do que seus antecessores, ninguém nega. Contudo, o que ele fez não foi o suficiente para reverter o quadro de precarização da educação e da carreira de seus

servidores. Por isso, protestamos, reivindicamos, exigimos mais. É nosso direito. Talvez, mais que isso: é nosso dever.

Exigimos as condições para que continuemos oferecendo uma educação pública, gratuita e de qualidade. Exigimos condições para que possamos melhor servir à sociedade.

O futuro da educação é uma causa das mais nobres, que a muitos beneficia. Por uma causa assim, nenhuma luta é vã, ainda que pontilhada por frustrações e mesmo por derrotas aqui e acolá. Semeadores do conhecimento, nós, educadores da rede federal, olhamos para frente. Seguimos em luta, separando doravante o que é ilusão do que é esperança. No final das contas, “se é de batalhas que se vive a vida” como disse Raul⁸⁵, “o que me importa é não estar vencido”⁸⁶, como disse aqueloutro poeta.

⁸⁵ A canção *Tente outra vez*, de onde extraímos esse trecho, é uma composição de Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta.

⁸⁶ Trata-se de um trecho extraído da canção *Sangue latino*, de autoria de João Ricardo e Paulo Mendonça.

16

A TREVA

(Israel Souza)

A treva é atrevida.

Dobra o tempo,

Turva os sonhos,

Trava a vida.

Indelicada,

Atravessa os espaços,

Confunde os passos,

Traga a vida.

Epidérmica, epidêmica,

Empedernida,

A treva extravasa,

Afoga o peito,

Represa a vida.

A treva - ferro em brasa

Ou leve brisa -

Imprime-se rotina
Na retina já marcada
Pela poeira do medo e do cansaço.
Seu cortejo é letargia,
Liturgia profanadora.
Voraz e pornográfica,
A boca da noite brava
Ameaça devorar o breve dia
E vomitá-lo após,
Horas desconexas.
A noite, a noite é brava.
Crava seus dentes frios
Nos corpos já sem brios,
Carne fraca.
A treva é atrevida,
Trama a morte,
Trinca os dentes,
Tranca a vida.
Para onde vamos, não sabemos
E o caminho parece ser difícil e longo,
Estrada torta.

Contudo, importa estarmos juntos.

Que sejam luz Nossa
indignação terna, Nossa
esperança fraterna Em
justiça, liberdade e pão.

É certo. É certo. Após

a curva,

Não sabemos quem lá vem.

Sabemos, porém,

Muito e bem:

Por tudo quanto é canto, Não

calarão o nosso canto:

NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!!!!!!

É certo. É certo. Após

a curva,

Não sabemos quem lá vem.

Sabemos, porém,

Muito e bem:

Por tudo quanto é canto, Não

calarão o nosso canto:

NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!

Analisando eventos a quente, são muitas as contribuições que esse livro traz para a sociedade em geral, e em especial para docentes e estudantes. Muitos de nossos questionamentos, bem como muitas de nossas angústias e esperanças, são discutidos aqui. Esse é caso, por exemplo, da onda de “ataques políticos” que as instituições de ensino sofreram. Quem fez isso e com que razão? O autor responde. Temos aqui uma análise racional, é verdade. Mas é uma análise marcada também pelo afeto e pelo humor. No texto *Ainda sobre a violência contra as instituições educacionais*, o autor descreve o diálogo que passou a ter com sua filha no período dos ataques às escolas, manifestando suas preocupações.

A leitura desse e de outros textos é tocante. Mexe com a gente. Não pude me conter e nem sei dizer o que foi maior, se a indignação ou a emoção. Da mesma maneira, não pude conter o riso ao ler *Barbie, o terror dos red pill*. Então, ao recomendar esse livro, digo que estejam preparados/as para uma jornada de muitas informações, mas também de muitas emoções. Vocês verão como é rico o contato com a mente inquieta desse autor. Boa leitura a todos!

Elverenice Vieira da Silva,
Professora de Geografia, Mestra em Educação pela UFAC

